

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA SOCIAL

MIGUEL PEREIRA BARROS

**O MASCULINO E O FEMININO NA LITERATURA DE
CORDEL PUBLICADA EM SÃO PAULO**

São Paulo, 2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA SOCIAL

MIGUEL PEREIRA BARROS

**O MASCULINO E O FEMININO NA LITERATURA DE
CORDEL PUBLICADA EM SÃO PAULO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social, sob a orientação da Profa. Dra. Fúlvia Rosemberg.

São Paulo, 2014

Banca examinadora

Autorizo, exclusivamente, para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

São Paulo, maio de 2014

Assinatura: _____

Agradecimentos

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP, pelo acolhimento.

A minha orientadora Fúlvia Rosemberg, pelo ensino, material disponibilizado e dedicação durante todo o trabalho.

À Professora Bader Sawaia pelas suas contribuições ao trabalho e os seus ensinamentos nas disciplinas cursadas.

À Professora Neide Moura, com apontamentos precisos e orientações que auxiliaram na elaboração das análises dos materiais e nas considerações finais.

Ao meu pai José Heleno, cuja dedicação e paciência sempre me foram inspiradoras durante todo esse percurso.

Para a minha mãe Maria Marlúcia, por sempre incentivar e acreditar nesse sonho do mestrado, principalmente em minha vinda para São Paulo.

Ao meu irmão Felipe, pelo apoio, consideração e por ver em mim energias e forças que nem eu mesmo sabia que tinha.

Para a minha irmã Isabela, por me acolher e incentivar na chegada a São Paulo e na longa caminhada rumo ao mestrado.

À galera da casa, Mário, Roberth e Máximo, por fazerem de São Paulo um lar divertido, agradável e bagunçado.

A Welison, por me escutar, aconselhar e descontraír, estando sempre muito presente, apesar da distância.

A Marcos Silva, pelas discussões, apontamentos e pela amizade ao longo desses dois anos.

A Victor Mata, pelas revisões, apontamentos, conversas e jogos na madrugada.

Aos colegas do Núcleo de Relações de Gênero, Raça e Idade (NEGRI), pela parceria e apontamentos na construção de novos conhecimentos.

A Renata, Thiago, Vanessa, Morgana, Lívia, Luciana, Adriano, Rafael, Naiara pelas conversas, diálogos e vivências durante as idas e vindas da pós-graduação.

A Rafael Moura, companheiro de futebol, de bares e diálogo e acolhimento nas horas difíceis.

A Lauro Lyra, pelos apontamentos e conversas nas visitas à terrinha.

A Isabelle, Simões, Wagner, Paulo pelas diversões, aventuras, praias e mesas de pôquer na terrinha.

À Mônica Saemi, pelo acolhimento, conversas e diversão nas horas certas.

Aos cordelistas, cujo ofício, arte e simplicidade foi o que motivou a realização dessa grande jornada.

À Marlene da secretaria de pós-graduação em Psicologia Social, pela precisão e disposição para atender.

Aos amigos Denise, Vinícius, Marcos André, pelo acolhimento, diversão, jogos e churrascos de panela na madrugada.

Ao meu avô Miguel, pela animação, descontração e histórias ao longo de toda a minha infância, adolescência e vida adulta.

A todos os amigos que sempre apoiaram e acreditaram nesse sonho, fazendo crer que era possível.

*Nem tão longe que eu não possa ver
Nem tão perto que eu não possa tocar
Nem tão longe que eu não possa crer que um dia chego lá
Nem tão perto que eu não possa acreditar que o dia já chegou
No alto da montanha, num arranha- céu
No alto da montanha, num arranha-céu
[...] Sem final feliz ou infeliz... atores sem papel
No alto da montanha, num arranha- céu
“A montanha”*

Composição: Engenheiros do Hawaii, 1997.

Intérprete: Humberto Gessinger

BARROS, Miguel Pereira. **O masculino e o feminino na literatura de cordel publicada em São Paulo**. 2014, 188 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014.

Resumo

Esta pesquisa faz parte dos estudos desenvolvidos no Núcleo de Estudos de Gênero, Raça e Idade (NEGRI), do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nossos trabalhos são desenvolvidos com o intuito de compreender eixos de desigualdade centrados nos focos de gênero, raça e idade apreendendo as maneiras como a ideologia é empregada, através das formas simbólicas, para sustentar relações assimétricas. Concebemos gênero como construções sociais, culturais e históricas. O objeto de estudo desta dissertação é a literatura de cordel produzida e reproduzida em São Paulo. Direcionamos a nossa análise focada na ideologia localizada nos discursos sobre o masculino e o feminino nessa literatura. Vale ressaltar que esta é a primeira pesquisa que trabalha com cultura popular no NEGRI, buscando apreender quais os efeitos que a circulação de uma mídia como o cordel tem para uma metrópole como São Paulo. Utilizamos como base teórica a teoria de ideologia de John B. Thompson (2009) e os estudos de gênero de Joan Scott (1995). No campo metodológico, o método adotado foi a hermenêutica de profundidade definida por John B. Thompson (2009), em função de nos propiciar definir o contexto sócio-histórico de produção e reprodução das mídias e os modos de operação da ideologia. A análise apontou para uma maior participação masculina na equipe de produção do cordel. Apontamos também a construção de cenários duros, caracterizados, sobretudo, pela violência, tanto para agredir quanto para se defender. Apreendemos também que os personagens masculinos apresentaram características relacionadas à força, brutalidade, coragem e independências enquanto as personagens femininas eram vistas como belas, fracas, submissas e dependentes dos homens, sendo encontrados somente quatro casos de mulheres transgressoras desse modelo. Confirma-se assim que a assimetria de gênero se mantém na produção do cordel e nos discursos propagados nas histórias.

Palavras- chave: literatura de cordel, relações de gênero, cultura popular, ideologia.

Abstract

This research belongs to the Center of Studies of Gender, Race and Age (NEGRI), of the Master Degree of Social Psychology in the Catholic University of São Paulo. Our works are developed with the objective to comprehend gender inequality, race and age understanding the ways in which ideology is use, through symbolic forms, to maintain asymmetric relations. We understand gender as cultural, historical and social buildings. The study object of this dissertation is cordel booklets produced and reproduced in São Paulo. We directed our analysis to the ideology in the speeches about masculine and feminine in this literature. It is worth saying that this is the first research which works with popular culture at NEGRI, aiming to perceive how a midia, such as cordel booklets, influences at the culture of a big city such as São Paulo. Our theoretical references are ideology theory of John B. Thompson (2009) and the gender studies of Joan Scott (1995). In the methodological field, the method adopted was the hermeneutics of depth defined by John B. Thompson (2009) because allow us to define the social historical context of production and reproduction of the media analyzed, and the operation modes of ideology. The analysis appointed to the male majority at the production of cordel booklets. We also appointed the constructions of harsh sceneries, characterized, mainly, for the violence, both to attack as to defend. We also, apprehend that the male characters presented particulars related to force, brutality, courage and independence while the female characters were beauty, weak, submitted and dependent of men. Only in four cordel booklets we encounter women transgressors of this gender model. In that way we confirmed the gender asymmetric remains at the production of cordel booklets and the speeches published in the stories.

Keywords: cordel literature, gender relations, popular culture, ideology.

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Fotografia de autor do cordel.....	55
Figura 2- Fotografia de autor de cordel.....	57
Figura 3- Fotografia de autor de cordel.....	59
Figura 4- Fotografia da sede da editora.....	68
Figura 5- Exemplo de ilustração do tipo “Desenho”.....	93
Figura 6- Exemplo de ilustração do tipo “Desenho”.....	93
Figura 7- Exemplo de ilustração do tipo “Desenho”.....	93
Figura 8- Exemplo de ilustração do tipo “Desenho”.....	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Produções do NEGRI que analisaram discursos sobre gênero e mídia.....	16
Quadro 2 – Informações seletas sobre os folhetos de cordel que compõem o <i>corpus</i> da pesquisa.....	94
Quadro 3 – Síntese dos manuais e das categorias de análise.....	97
Quadro 4 – Informações seletas sobre o contexto de produção dos folhetos de cordel....	99
Quadro 5 – Características predominantes relacionadas aos autores de cordel.....	99
Quadro 6 – Súmulas referentes às histórias que compõem o <i>corpus</i>	101
Quadro 7 – Informações seletivas sobre o universo das histórias.....	104
Quadro 8 – Distribuição de frequência dos folhetos de cordel por sexo dos profissionais, segundo as funções desempenhadas.....	106
Quadro 9 – Distribuição de frequência de personagens por sexo, <i>lôcus</i> e posição nos folhetos de cordel e em suas histórias.....	107
Quadro 10 – Protagonistas e antagonistas distribuídos de acordo com o sexo.....	109

Quadro 11 – Provas enfrentadas por protagonistas masculinos e femininos.....	110
Quadro 12 – Punição de antagonistas.....	111
Quadro 13 – Informações seletas sobre violência e justiça nas histórias.....	121
Quadro 14 – Informações seletas sobre cenas de violência nas histórias.....	123

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características predominantes de produção acadêmica brasileira referente à literatura de cordel e relações de gênero (1987-2012).....	82
Tabela 2 – Distribuição de frequência da área de ocupação dos autores de folhetos de cordel.....	100
Tabela 3 – Distribuição de histórias por modalidade.....	103
Tabela 4 – Distribuição de frequência da história por época analisadas.....	105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABLC – Academia Brasileira de Literatura de Cordel

ACC – Academia dos Cordelistas do Crato

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior

CCSS – Casa de Cultura São Saruê

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CPC – Centros Populares de Cultura

CRPE – Centro Regional de Pesquisas Educacionais

EMERGE – Counseling & Education to Stop Domestic Violence

FBN – Fundação Biblioteca Nacional

FCCR – Fundação de Cultura Cidade do Recife

FCRB – Fundação Casa de Rui Barbosa

FPA – Fundação Perseu Abramo

HP – Hermenêutica de Profundidade

IN – Instituto NOOS

IP – Instituto Papai

ISEB – Instituto Superior dos Estudos Brasileiros

NEGRI – Núcleo de Estudos de Gênero, Raça e Idade

NPVS – Núcleo de Prevenção à Violência do Sertão

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONG – Organização Não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PACIPD – Programa de Ação da Conferência Internacional de População e Desenvolvimento

PNPM – Plano Nacional de Políticas para as Mulheres

PNPCVDG – Plano Nacional de Prevenção e Combate à Violência Doméstica e de Gênero

PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SCM – Sociedade dos Cordelistas Mauditos

SMCSP – Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo

SP – Sindicato da Previdência

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UFF – Universidade Federal Fluminense

UNE – União Nacional dos Estudantes

URCA – Universidade Regional do Cariri

SÚMARIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 TEORIAS E MÉTODO.....	28
1.1 Teoria de ideologia.....	28
1.2 Teoria de gênero.....	37
1.3 Método da hermenêutica de profundidade.....	45
2 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO: A LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL.....	49
2.1 O cordel e seus estudos no Brasil.....	49
2.2 As origens no Nordeste.....	53
2.3 O cordel contemporâneo e a migração para São Paulo.....	61
2.4 Literatura de cordel e ideologia.....	72
2.5 Mulheres e relações de gênero no cordel.....	81
3 ANÁLISE FORMAL.....	91
3.1 Procedimentos.....	91
3.1.1 Constituição do <i>corpus</i>	91
3.1.2 Estratégias de análise.....	96
3.2 RESULTADOS.....	98
3.2.1 O contexto de produção, a obra e seu produtor.....	98
3.2.2 O homem como o representante da espécie.....	101
3.2.2.1 Os homens na confecção dos folhetos.....	106
3.2.2.2 Predominância de personagens masculinos.....	107
3.2.3 Protagonista e antagonista.....	108
3.2.3.1 Provas e castigos.....	108

3.2.3.2 Protagonistas mulheres transgressoras.....	112
3.2.4 Análise da violência.....	119
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	131
APÊNDICES.....	141
APÊNDICE A - Relação dos folhetos de cordel da Editora Luzeiro em ordem alfabética.....	142
APÊNDICE B – Relação dos títulos dos autores contemporâneos da Editora Luzeiro (1974-2012).....	158
APÊNDICE C – Codificação dos folhetos de cordel.....	163
APÊNDICE D – Relação dos profissionais na confecção dos folhetos de acordo com o sexo.....	165
APÊNDICE E – Dados dos autores.....	166
APÊNDICE F – Ano de publicação dos folhetos de cordel.....	170
APÊNDICE G – Manuais de análise.....	170
APÊNDICE H – Planilha referente ao contexto da violência nas histórias analisadas....	176
APÊNDICE I – Planilha referente à frequência da violência dividida por tipos (contadas na 1ª cena de violência).....	178

INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é analisar discursos referentes a relações de gênero em textos de literatura de cordel publicados em São Paulo à luz das teorias de ideologia de John B. Thompson (2009) e de gênero de Joan Scott (1995). Este objetivo geral se traduz em duas atividades específicas: descrever e interpretar discursos referentes ao masculino e ao feminino na literatura de cordel.

Este estudo se integra à linha de pesquisa do Núcleo de Estudos de Gênero, Raça e Idade (NEGRI)¹ dedicada a estudar ideologia e relações de gênero, dando continuidade a trabalhos como *Masculinidades e gênero: discursos sobre a responsabilidade na reprodução* (ARILHA, 1999), *Relações de gênero em livros didáticos de Língua Portuguesa: permanências e mudanças* (MOURA, 2007), entre outros. Nesta dissertação, pretende-se verificar a pertinência do conceito de não sincronia, que baliza alguns estudos do NEGRI, como o de Piza (1995), pois, por meio dele, compreende-se que diversos processos sociais de produção/sustentação das desigualdades podem não ser convergentes, bem como as ações dos atores sociais na busca de igualdades podem sustentar ou produzir novas desigualdades. Para tanto, indicamos os trabalhos que versaram sobre gênero e mídia, descritos no Quadro 1.

Quadro 1- Produções do NEGRI que analisaram discursos sobre gênero e mídias

Ano	Título	Autor
1995	O caminho das águas: estereótipos de personagens femininas negras na obra para jovens de escritoras brancas	Edith Piza
1999	Masculinidades e gênero: discursos sobre a responsabilidade na reprodução	Margareth Arilha
2000	Homilias em casamento católico: uma interpretação da ideologia do gênero	Maria Aparecida da Silva Brandão
2001	Um olhar sobre as discriminações sexuais na literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea	Dione Maria Sousa Nogueira
2007	Relações de gênero em livros didáticos de Língua	Neide Cardoso de

¹ Refere-se ao Núcleo de pesquisa, situado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

	Portuguesa: permanências e mudanças	Moura
2013	Relações de gênero e de idade em discursos sobre sexualidade veiculados em livros didáticos brasileiros de Ciências Naturais	Maria Sílvia Ribeiro

Fonte: Plataforma Lattes.

Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4783060H3>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

Essas pesquisas, que analisaram mídias destinadas a adultos, adolescentes e crianças, indicaram a permanência de concepções assimétricas de gênero. Por exemplo, Arilha (1999) empreendeu a análise da dissonância entre os discursos veiculados pelo Programa de Ação da Conferência Internacional de População e Desenvolvimento (PACIPD), realizada no Cairo, em 1994, voltados para os cuidados com a reprodução e o uso desse discurso entre homens e mulheres jovens, participantes de um grupo focal, no local onde a pesquisadora trabalhava. Amparada pela teoria de gênero de Scott e pelos estudos sobre masculinidades na América Latina, Arilha (1999) mostrou que o PACIPD promove um discurso normativo e cristalizado, voltado à prevenção da reprodução humana entre jovens. Apontou, ainda, que a concepção de juventude do PACIPD e de masculinidade situam os homens jovens como incapazes de assumir suas responsabilidades, devendo ser educados por políticas especiais para tornarem-se responsáveis, em desacordo com os discursos aprendidos nos grupos focais, onde os jovens acreditavam que poderiam se tornar cuidadores somente quando tivessem um filho, atingindo o ciclo da vida adulta.

Por sua vez, Moura (2007) optou por fazer a análise das relações de gênero em livros didáticos da Língua Portuguesa, destinados a estudantes da então denominada 4ª. série do ensino fundamental. Um dos pontos interessantes desse estudo foi que ele começou como uma pesquisa coletiva empreendida pelos membros do NEGRI com o objetivo de atualizar um estudo anterior realizado por Regina P. Pinto (1981), intitulado *O livro didático e a democratização da escola*. Em sua investigação, Moura (2007) analisou uma amostra de 33 livros didáticos de Língua Portuguesa, avaliando que, apesar de apresentar mudanças, o livro didático permanece como um veículo de discriminação de gênero, utilizando-se de imagens e de textos em que predomina o gênero masculino.

Atualmente, destacamos a pesquisa de Ribeiro (2013), recentemente concluída, sob o título *Relações de gênero e de idade em discursos sobre sexualidade veiculados em livros*

didáticos brasileiros de Ciências Naturais. Esse estudo se diferenciou dos antecessores ao analisar nos livros didáticos destinados ao Ensino Fundamental II, relações de gênero e de idade, indicando os modos utilizados por essas mídias para a permanência de valores normativos que geram e sustentam relações assimétricas. Ressaltamos essas pesquisas devido às contribuições e os alicerces teóricos nelas construídos, que colaboraram na construção de nosso estudo.

O tema cordel não mais pode ser considerado marginal na produção acadêmica. Com efeito, em busca nas bases de dados do CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) foi possível localizar 4087 entradas do assunto “cordel” na Plataforma Lattes-Currículo e 15 entradas nos grupos de pesquisa veiculados a diversas áreas de conhecimento, a saber: Letras (3), Linguística (2), História (3), Antropologia (2), Sociologia, Artes e Ciências da Informação, cada uma com um grupo de pesquisa. A Psicologia Social não foi contemplada por nenhum grupo de pesquisa. Tal carência pode ser destacada por uma busca direcionada na Plataforma Lattes, bem como nos títulos de teses e dissertações localizados na Biblioteca Nadir Gouvêa Kfoury, especialmente realizada para esta dissertação. Na base de dados da Plataforma Lattes, dentre as 4087 entradas mencionadas, apenas 28 relacionam-se à Psicologia Social e destes 14 pesquisadores/as estão vinculados às investigações nordestinas. Além disso, vale assinalar que esta é a primeira pesquisa do NEGRI que se refere ao cordel. A opção por tratar de relações de gênero na literatura de cordel produzida na cidade de São Paulo decorre de uma troca entre diversas reflexões anteriores ao estudo relações de gênero no contexto da cultura popular e o cordel. O foco privilegiado de análise de relações de gênero é situado no contexto da teoria de ideologia de John B. Thompson (2009). Isto resultou no foco desta dissertação que trata o cordel como uma das expressões de comunicação de massa contemporânea.

Para situar a literatura de cordel neste contexto de produção acadêmica, parece-nos necessário alertar para imagens cristalizadas sobre o cordel e bem ilustradas no site **Cordel do Brasil**² como os mitos sobre o cordel. Destacaremos brevemente alguns deles. O primeiro mito o “cordel para ser vendido, deve ser pendurado num cordão”, não era uma

² **Cordel do Brasil**. Disponível em: <http://cordeldobrasil.com.br/v1/sete-mitos-sobre-a-literatura-de-cordel-brasileira/>. Acesso: 10 jun. 2013.

tradição do cordel brasileiro, sendo um “apelido” dado por intelectuais e pesquisadores brasileiros deram aos versos, romances e folhetos que eram vendidos nas feiras livres do Brasil, especialmente no Nordeste em malas, mesas ou expostos no chão, nunca pendurados em barbantes. Essa prática só vai ter início no Brasil, a partir dos anos 1970, quando o nome “Literatura de Cordel” tinha se popularizado e os vendedores começaram a expor os livretos pendurados em cordões e barbantes. Por sua vez, o segundo mito referente ao fato de que o cordel “tem que ser ilustrado com xilogravura” também é falso, uma vez que sua produção no Brasil tem início em fins do século XIX com folhetos de capas cegas (sem ilustração nenhuma). A xilogravura foi sendo introduzida aos poucos, sobretudo a partir dos anos 1920 pelas mãos do editor de cordel João Martins de Athayde, como um meio para baratear os custos. Encerrando essa breve síntese, indicamos um terceiro mito “só quem escreve cordel é nordestino”. Embora o Nordeste seja o celeiro cordelístico do Brasil, a popularização do cordel pelo país inicia-se com as migrações nordestinas ao longo do século XX. Incentivado pela produção das grandes editoras, localizadas no Nordeste, o cordel começou a ser expandido para outras regiões, desde que obedecesse na escrita, o estilo tradicional do folheto nordestino. Em Belém do Pará, a editora Guajarina era especializada em publicar cordéis de autores locais, além da obra de grandes clássicos nordestinos. Na região Sudeste, encontramos o trabalho de duas editoras (Luzeiro e Academia Brasileira de Literatura de Cordel) que contam com a presença de autores de fora da região Nordeste. Desta argumentação decorre a opção, nesta dissertação, por usar o termo cordel, literatura de cordel e, em alguns momentos, folheto de cordel quando pertinente³.

Conforme mencionamos anteriormente, dentro da Psicologia Social não foi encontrado nenhum grupo de pesquisa vinculado ao cordel. Todavia, em nossas buscas conseguimos localizar um estudo voltado para esta temática na Psicologia Social, a dissertação de mestrado *Contando histórias- fazendo história: experiência com os poetas cordelistas do Cariri*, de Sousa (2002), realizada na PUC-SP sob a orientação do Prof. Dr. Peter Spink. O autor tomou como objeto o cordel produzido no interior do Ceará, na região do Cariri, e assinalou que essa literatura pode ser concebida como uma prática discursiva

³ Disponível em: <<http://cordeldobrasil.com.br/v1/sete-mitos-sobre-a-literatura-de-cordel-brasileira/>>. Acesso: 10 jun. 2013.

envolvendo diversos atores nesse processo, entre eles, xilógrafos, vendedores e violeiros, na confecção e comercialização dos cordéis.

Cultivados, inicialmente, em terras europeias, sobretudo na Península Ibérica, referidos na Espanha como *pieglos sueltos*, conhecidos em Portugal pelo nome de “folhas soltas” ou “literatura de cegos”, os folhetos de cordel começaram a circular no Brasil durante o período da colonização portuguesa, apresentando características medievais no uso de uma linguagem rebuscada e formal, aliando com constância o real e o lendário (SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE SÃO PAULO, 1983).

No Brasil, a denominação “literatura de cordel” foi primeiramente usada pelo folclorista Sílvio Romero, no final do século XIX, em seus estudos sobre cultura popular publicados no livro *Estudos sobre a poesia popular no Brasil*, de 1888, no qual o autor faz referência direta à forma como as produções portuguesas eram vendidas, penduradas por um cordão do tipo barbante. Romero (1888) considerava ainda o cordel um tipo de literatura feita “pelo” povo e não “para” o povo. O estudioso apontava também que o cordel feito no Brasil era o mesmo que era publicado em Portugal e, por competir com a publicação de jornais, poderia desaparecer (OLIVEIRA, 2012).

Porém, não foi isso o que aconteceu, pois, durante o século XX e início do XXI, a literatura de cordel reinventou-se. A comercialização do cordel, no começo do século XX, era realizada nas feiras populares, especialmente nas pequenas cidades do Nordeste do país, com a disposição dos folhetos pelo chão ou em maletas de madeira, um modo de exposição prático de ser montado e desmontado. As vendas eram incentivadas através da recitação dos versos pelo/a poeta/isa, visando atrair a atenção do/a leitor/a ouvinte para a história contada nos folhetos, interrompendo a leitura antes do final, incentivando, desta forma, a compra do cordel pelo/a leitor/a interessado/a em conhecer o fim da história. O/a leitor/a interessado/a repetia a recitação do folheto em voz alta para a sua família, constituindo assim novas práticas comunitárias em que o sentido dos cordéis era reconstruído e reelaborado no imaginário das pessoas. Contudo, ao atingir o contexto das grandes cidades, essas práticas comunitárias de leitura foram perdendo a sua funcionalidade, levando muitos/as leitores/as a praticarem uma leitura silenciosa, predominante até os dias atuais. Atualmente, com o avanço da tecnologia é possível encomendar folhetos de cordel pela internet aumentando o

seu alcance entre os/as leitores/as e produzindo novas formas de relação entre o público e os/as autores/as.

Dentre as temáticas trabalhadas na literatura de cordel, encontra-se uma grande influência dos romances de cavalaria, sobretudo das histórias europeias como a épica de Carlos Magno e os doze pares da França. Siqueira (2009) aponta como relevante a maneira pela qual os cordelistas apreendem essas histórias indicando como

[...] o confronto tem, de modo geral, uma conotação movente: hora pode refletir um contexto social no uso de expressões reveladoras da relação superior/subordinado, por exemplo, ligando ao mal o patrão ou coronel opressor em oposição ao povo/trabalhador representante do bem; ora se tornar ambíguo por assimilar os valores de honra e bondade dos Doze Pares a figuras consideradas bandidos (SIQUEIRA, 2009, p. 10).

Encontramos ecos dessa discussão em nossa análise, nas maneiras como os/as poetas/isas fazem a descrição de seus personagens, especialmente das mulheres conforme abordamos no capítulo três.

Adentrando no contexto paulista, localizamos, no livro de Joseph Luyten (1981), *Literatura de cordel em São Paulo*, uma referência de como os processos históricos das migrações para o Sudeste, que se iniciaram nos anos 1940, possibilitaram a chegada de produtos socioculturais característicos do Nordeste, como a literatura de cordel, para outras regiões do País, especialmente para o Rio de Janeiro e para São Paulo. O objetivo dos/as migrantes era a busca por emprego e por melhores condições de vida, porquanto o país vivia um período de industrialização e desenvolvimento que tinha como principal eixo o Sudeste (LUYTEN, 1981).

Os/as migrantes nordestinos que viajavam para o Sudeste, particularmente aqueles que se dirigiam à São Paulo em busca de empregos, enfrentavam preconceitos em suas interações com paulistanos/as. Aquele contexto provocou resistências, como a dos poetas populares que escreviam sobre as influências da cidade com visões saudosistas a respeito da terra natal, visões críticas sobre a política, o cotidiano e o mundo (LUYTEN, 1981).

Assim, os cordelistas, pernambucano JotaBarros⁴ e o baiano Franklin Maxado⁵, no final da década de 1970 e até boa parte dos anos 1980, atuavam no centro da cidade de São

⁴ Grafia adotada pelo autor.

⁵ Grafia adotada pelo autor.

Paulo, na Feira de Artes da Praça da República, vendendo folhetos de cordel. Na Praça da Sé, o violeiro pernambucano João Cabeleira agia, revendendo os títulos da Editora Luzeiro, expostos em outras bancas de revistas no Brás⁶. Para JotaBarros, São Paulo era como uma “metamorfose”, um espaço onde as tradições se dissolviam e se misturavam (SANTOS, 2010).

Nos anos 2000, os cordelistas em São Paulo atuam em bibliotecas variadas e centros comunitários, como, a Biblioteca Belmonte, no bairro de Santo Amaro⁷. Nesses ambientes, ofertam cursos e oficinas, lançam livros sobre as pesquisas que desenvolvem a respeito da literatura de cordel e cultura, divulgam e vendem títulos de outros poetas (LUCIANO, 2012).

Neste contexto, vem sendo produzida, publicada e difundida uma profícua produção de folhetos de cordel por uma editora paulistana denominada Editora Luzeiro (localizamos 311 títulos, ver apêndice) de autores/as residentes, tanto no Nordeste como em São Paulo. Dentre os/as autores/as, notamos uma minoria de mulheres (quatro) e na maioria dos títulos referências ao masculino. Daí as nossas questões que incitaram esta pesquisa: que configurações assumem o masculino e o feminino nesta literatura de cordel de origem nordestina, mas publicada na cidade de São Paulo? Encontramos aqui também, marcas de dominação de gênero, como tem sido apontada em análises do cordel produzido em outros contextos (QUEIROZ, 2006; BARBOSA, 2010)?

Tais questões encontraram ressonância na recente e reduzida produção acadêmica sobre cordel e relações de gênero (SANTOS, 2009; NASCIMENTO, 2011), que evidenciaram exclusão sistemática das mulheres dos meios de produção do cordel e, por outro lado, a permanência de “preconceitos” contra as mulheres nos textos dos folhetos.

Tivemos que enfrentar uma ideia prevalecente no Brasil em certa época de que a literatura popular seria exclusivamente uma cultura de resistência. Uma resposta para essa questão pode ser encontrada em Rocha (2009) ao efetuar uma revisão do percurso sobre cultura popular no Brasil desde os anos 1920. Em vez de afirmar que a “cultura popular é”, Rocha (2009) elaborou o caminho de que a “cultura popular tem sido” compreendida de diversas maneiras. Assim, em seu artigo *Cultura Popular: do Folclore ao Patrimônio*

⁶ Disponível em: <<http://cordelparaiba.blogspot.com.br/2012/05/literatura-de-cordel-em-sao-paulo.html>>. Acesso: 18 jun. 2013.

⁷ Biblioteca Municipal temática, especializada em cultura popular.

delimitou os estudos sobre cultura popular em três fases: 1920-1960; 1960-1980; 1990 em diante.

A primeira fase dos estudos sobre a cultura popular é dividida em dois momentos. Nos primeiros vinte anos (1920-1940), a perspectiva predominante é a da organização do campo e dos métodos de estudo do folclore⁸. Dessa primeira fase, tem destaque a participação do estudioso Mário de Andrade, responsável pela documentação das manifestações culturais populares e pela oferta de cursos de Antropologia, ministrados por Claude Lévi-Strauss, voltados à formação de pesquisadores/as de campo em São Paulo. Além disso, Mário de Andrade contribuiu também com os estudos folclóricos, ao quebrar o paradigma de que o “folclore é somente rural”, indicando manifestações folclóricas no contexto urbano (AYALA; AYALA, 1995; ROCHA, 2009).

Entre os anos 1940 e 1960, os estudos do folclore eram vistos como um campo de tensões, em razão do momento histórico vivido pelo Brasil, cuja implementação de ideais desenvolvimentistas visavam a formação de uma nação moderna. Aderindo aos ideais de modernidade, os intelectuais começam, afinal, uma distinção entre a cultura popular e o folclore, amparada, sobretudo, pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) fazendo uma distinção: “a cultura significa um vir a ser. Nesse sentido eles privilegiarão a história que está por ser feita, a ação social, e não os estudos históricos” (ORTIZ, 1994, p. 45-46).

Foi neste momento que a cultura popular passou a ser estudada como parte da dinâmica própria da sociedade, como uma possibilidade de transformação da realidade e da conscientização do povo, enquanto o folclore era concebido como sinônimo de tradição, visto como “atraso cultural” diante dos ideais desenvolvimentistas (ROCHA, 2009).

A segunda fase dos estudos (1960-1980) sobre a cultura popular começou marcada por um teor político, com base na atuação dos Centros Populares de Cultura (CPC) e da União Nacional dos Estudantes (UNE), que compreendiam a cultura popular como uma arte revolucionária que iria promover a consciência política do povo. A esse eixo se somaram as práticas e as ações produzidas pelos movimentos contraculturais, feministas e

⁸ Folclore compreendido aqui a partir da carta do folclore de 1995 como “o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado em suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativos de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade” (CARTA DO FOLCLORE, 1995, p.1).

das minorias mostrando as mudanças que estavam acontecendo. A cultura popular era tida como um ideal revolucionário. Levada até seus limites, tal concepção compreendia a cultura popular como uma expressão das classes subalternas, portadoras de uma cultura pura e autêntica, menos corrompida pela sociedade. Contudo, essa postura tinha como grande problema a exclusão do povo ao posicionar os intelectuais como os guias da revolução e os porta-vozes das suas manifestações populares (ROCHA, 2009).

Não pode ser descartada, entretanto, a ampliação do conceito de cultura popular a partir dos anos 1960, como uma categoria política e epistemológica, que permitiu a compreensão das diferenças culturais para além de uma inferioridade intelectual e/ou racial entre os grupos sociais. Cultura passou a ser vista como um fenômeno democrático e universal, fruto somente das orientações extraídas de conferências e órgãos internacionais que revisaram o campo das políticas culturais a partir dos anos 1970, o que tornou possível a revitalização dos estudos do folclore e das culturas tradicionais a partir dos anos 1990 (ROCHA, 2009).

A terceira fase dos estudos sobre a cultura popular no Brasil (dos anos 1990 em diante) é marcada pela aproximação entre os campos da Antropologia e do Folclore, com o intuito de superar o paradigma da biculturalidade, tendo em vista a dificuldade de comunicação entre cultura erudita e cultura popular. Esse novo movimento começou a ser delineado com base na ampliação do conceito de patrimônio cultural, agregando o termo “imaterial”, enaltecendo-se o patrimônio cultural como um conjunto de bens de natureza material e imaterial, importantes para a identidade da sociedade brasileira⁹.

A noção de patrimônio imaterial tem a pretensão de ampliar o campo de abrangência da ideia vigente de patrimônio cultural, reconhecendo manifestações não só da arte popular, mas também criações do campo da arte erudita. A proposta dessa nova abordagem viria para registrar essas práticas e representações com o intuito de restituir ou dar voz ao povo. Nessa linha, o conceito de patrimônio imaterial “confia às pessoas uma ‘autoridade’ (no sentido de autoria)”, ampliando o campo de estudos do folclore e da cultura popular (ROCHA, 2009, p. 231).

⁹ Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/patrimonio-brasileiro/material-e-imaterial>>. Acesso: 20 jun. 2013.

Assim, o conceito de cultura popular, que em um primeiro momento estava relacionado à construção do folclore e da nação, e na sequência aos CPC e aos ideais revolucionários, para Rocha (2009), aproxima-se, agora, da ideia de *performance* em tempos de globalização, valorizando expressões corporais e oralidade, o que permitiria, no entendimento do autor, a autoria do discurso popular, além disso, os trabalhos de autores (as) internacionais como E. P. Thompson (2011) e nacionais como Marilena Chauí (1996), voltados à cultura popular, situam o conflito (conceito caro ao NEGRÍ), a contradição, como um eixo de sua conceituação. Dessa forma, podemos aproximar os excertos de duas obras de E. P. Thompson e Chauí:

Conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um “sistema” (E. P. THOMPSON, 2011, p. 17).

[...] as interpretações ambíguas, paradoxais, contraditórias que coexistem no mesmo sujeito, criando a aparência de incoerência, na verdade exprimem um processo de conhecimento, a criação de uma cultura ou de um saber a partir de ambiguidades que não estão na consciência dessa população, mas na realidade em que vivem (CHAUÍ, 1996, p.158).

Ora, essas “interpretações” vêm sendo analisadas não apenas através da ótica da oposição elite *versus* povo, ou seja, da posição nas relações de classe, mas também de outras relações de poder, entre elas a de gênero, como vem sendo colocada pelo movimento feminista, também em sua vertente acadêmica (PIZA, 1995).

De certa forma, tais concepções da cultura popular se coadunam com a perspectiva do autor aqui privilegiado, John B. Thompson (2009), quando formula sua “concepção estrutural” de cultura, isto é:

[...] os fenômenos culturais, deste ponto de vista, devem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados; e a análise cultural [...] deve ser vista como o estudo da *constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas* [...] Mas estas formas simbólicas estão também inseridas em contextos e processos sócio-históricos específicos dentro dos quais, e por meio dos quais, são produzidas, transmitidas e recebidas. Estes contextos e processos estão estruturados de várias maneiras. Podem estar caracterizados, por exemplo, por relações assimétricas de poder, por acesso diferenciado a recursos e oportunidades e por mecanismos institucionalizados de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas (THOMPSON, 2009, p. 181).

Alguns autores, ao trabalharem com a noção de cultura popular destacam a oposição entre cultura popular e cultura de massa. Conforme Oliveira (2012), e outros, poder-ser-ia estabelecer uma distinção entre ambas:

O que diferencia claramente a cultura popular da cultura de massa é o fato de que, enquanto no primeiro o mercado é informal; o segundo detém o controle dos meios de comercialização e distribuição dos seus produtos. Enquanto no primeiro os próprios produtores comercializam os seus produtos; no segundo existem empresas com um forte capital econômico a sustentar os investimentos em publicidade e distribuição (OLIVEIRA, 2012, p.33).

Porém, John B. Thompson (2009) permite ultrapassar essa oposição ao situar o advento da comunicação de massa na invenção da imprensa e indicar que seu principal traço constitutivo foi a transformação das comunicações e das interações dos interlocutores em “meio técnico”. Nossas interações, nos dizeres do autor, passaram a ser “quase-interações mediadas”. Para John B. Thompson (2009), a mediação da sociedade participou do processo de constituição da modernidade.

[...] parte do que constitui as sociedades modernas como “modernas” é o fato de que a troca de formas simbólicas não está mais restrita primariamente a contextos de interação face-a-face, mas é mediada, de maneira sempre mais ampla e crescente, pelas instituições e mecanismos de comunicação de massa (THOMPSON, 2009, p. 25).

Isto posto, conclui-se, então, oportuno apontar para a literatura de cordel questões equivalentes àquelas que vêm sendo postas para outras produções discursivas consideradas produções midiáticas, que, por sua vez, moverão o foco desta pesquisa: de que modo tais produções situam, criam e recriam relações de gênero? Que configurações de feminino e masculino são possíveis de se apreender em folhetos contemporâneos de cordel publicados e veiculados na cidade de São Paulo por novos autores¹⁰ de cordel?

Para dar conta dessas indagações, esta dissertação se constituiu em três capítulos distribuídos de acordo com os pressupostos teóricos e o método que fundamentam este trabalho.

¹⁰ A partir deste momento abandonaremos o uso da fórmula o/a e empregaremos o masculino genérico, como preconizado na Língua Portuguesa, para referir a homens e mulheres, desde que não interfira na precisão do sentido.

O primeiro capítulo contempla as teorias que embasam a pesquisa: além da teoria da ideologia, também adotamos a de gênero proposta pela historiadora Joan Scott (1995). Neste capítulo, também fizemos uma rápida entrada no tema da violência, devido a esta ser a grande temática encontrada ao longo de nossa análise. No campo metodológico usamos a metodologia da Hermenêutica de Profundidade (HP), proposta por John B. Thompson (2009).

No segundo capítulo, seguindo a metodologia da HP, é apresentada a análise sócio-histórica, abordando os campos de estudos de literatura e gênero, o contexto sócio-histórico de formação do gênero editorial dos folhetos da literatura de cordel e o seu desenvolvimento no Brasil. Em seguida, é exposto como o cordel está sendo apreendido na atualidade e o que dizem os estudos, contextualizando as manifestações do cordel em São Paulo. Por fim, são mostradas as pesquisas acadêmicas desenvolvidas sobre o tema e os seus resultados.

No terceiro capítulo, são apresentados os procedimentos para a constituição do *corpus* da pesquisa e para sua análise. Apresentamos, na primeira parte, a descrição organizada dos procedimentos de análise, elencando nesse contexto as características do nosso objeto analisado; na segunda, a descrição dos dados, tendo como foco principal a descrição da violência e o seu impacto para as capas dos folhetos de cordel, as histórias e os protagonistas. Abordamos também entre os protagonistas, as personagens mulheres transgressoras, ou seja, aquelas que fugiram dos papéis estereotipados e contestaram a norma vigente. A interpretação/reinterpretação discursiva dos dados é discutida nas considerações finais.

1 TEORIAS E MÉTODO

Neste capítulo são sintetizados os aportes teóricos que orientaram esta pesquisa: a teoria de John B. Thompson (2009) sobre ideologia e o contexto da mediação da sociedade moderna e a teoria de gênero de Joan W. Scott (1995). O capítulo se encerra com uma síntese sobre o método da hermenêutica de profundidade (HP) com base na sua formulação também por Thompson (2009).

1.1 Ideologia e mediação na sociedade moderna

Em seu livro *Ideologia e cultura moderna*, Thompson (2009) assinala a relevância da mediação da cultura na construção da modernidade e a importância decorrente dos estudos sobre ideologia. Para sustentar sua tese, o autor inicia por reconceituar ideologia, termo cunhado na modernidade.

Em uma primeira parte de sua argumentação, o autor recompõe a trajetória histórica do termo desde sua criação no século XVIII até a contemporaneidade, assinalando dois polos na conceituação: um polo de concepções neutras e um polo de concepções críticas, atribuindo ao termo um sentido negativo ou pejorativo.

É assim que nesta trajetória histórica do termo, Thompson (2009) apreende as duas concepções de ideologia mencionadas: neutras e críticas. Neutras, enquanto fenômenos caracterizados como ideológicos sem, necessariamente, atender aos interesses de uma classe em particular, ou seja, mais um aspecto da vida social que integra valores; críticas, ao serem enganadoras ou parciais compreendendo uma síntese destas com base em diferentes critérios de negatividade.

Thompson (2009) retoma, então, a concepção de ideologia cunhada no século XVIII, a partir dos estudos do filósofo francês Destutt de Tracy, para quem o conceito de ideologia atuaria na formulação de uma nova ciência, interessada na análise sistemática das ideias e sensações. Identifica-se, pois, um sentido neutro para a ideologia na definição do filósofo, ciência que possibilitaria a compreensão da natureza humana e a reestruturação da ordem social e política suprimindo as necessidades humanas.

Seguindo a leitura de Thompson (2009), o termo vai ser adotado por Napoleão Bonaparte, responsável por atribuir um significado pejorativo ao conceito. Para Napoleão, ideologia era uma doutrina abstrata, distante das realidades do poder político. Essa definição fazia um contraponto direto à conceituação de ideologia cunhada por Destutt de Tracy, uma vez que este concebe a ideologia não como uma ciência que auxiliaria na evolução das atividades humanas, mas sim como uma teoria no meio das demais.

Thompson (2009) apurou também as concepções que apreende na obra de Marx, importantes para o desenvolvimento do conceito e que adotavam um sentido negativo. São três as concepções que ele identifica referentes ao termo na produção marxiana: polêmica, epifenomênica e latente.

Para Thompson (2009), na concepção polêmica de Marx, ideologia “é uma doutrina teórica e uma atividade que olha erroneamente as ideias como autônomas e eficazes e que não consegue compreender as condições reais e as características da vida sócio-histórica” (THOMPSON, 2009, p. 51). Essa concepção procedeu como uma crítica à visão dos jovens hegelianos, que acreditavam serem capazes de promover mudanças na realidade somente ao assumir uma postura crítica diante das ideias sem considerar a própria realidade a ser mudada.

A concepção epifenomênica identificada por Thompson (2009), na obra marxiana, foi definida como “um sistema de ideias que expressa os interesses da classe dominante, mas que representa relações de classe de uma forma ilusória”. Segundo o autor, Marx sustentava essa concepção de ideologia como produtora/sustentadora dos interesses das classes dominantes, aglutinando as decisões, interesses e ambições dos grupos dominantes na busca por assegurar o seu posto de dominação (THOMPSON, 2009, p. 54).

Por último, Thompson (2009) apresenta o que identifica como concepção latente em Marx:

[...] ideologia é um sistema de representações para sustentar relações existentes de dominação de classes através da orientação das pessoas para o passado em vez de para o futuro, ou para imagens e ideais que escondem as relações de classe e desviam da busca coletiva de mudança social (THOMPSON, 2009, p.58).

O autor justifica a sua nomeação como “latente”, uma vez que Marx não a denominou como “ideologia”, mas sim “ilusões, ideias fixas, espíritos”, como conjunto dos

fenômenos que perambulam entre o povo, despertando superstições e preconceitos, sem seguir um rótulo conceitual claro. A concepção latente chama a atenção para o fato de que relações sociais desiguais podem ser sustentadas pela construção, difusão e recepção de formas simbólicas por parte dos grupos dominantes. “No momento mesmo em que a continuidade é ameaçada, eles inventam um passado que restaura a calma” (THOMPSON, 2009, p.60). E assim completa:

[...] Pois as formas simbólicas transmitidas pelo passado são constitutivas dos costumes, das práticas e das crenças cotidianas; elas não podem ser deixadas de lado como muitos cadáveres inertes, uma vez que elas desempenham um papel fundamental nas vidas do povo (THOMPSON, 2009, p.61).

Após os estudos do conceito em Marx, Thompson (2009) identifica uma tentativa de neutralização da concepção nas Ciências Sociais, destacando a definição desenvolvida por Karl Mannheim, segundo a qual:

[...] “Ideologia”, de acordo com essa formulação geral, pode ser tomada como os sistemas interligados de pensamentos e modos de experiência que estão condicionados por circunstâncias sociais e partilhados por grupos de pessoas, incluindo as pessoas engajadas na análise ideológica (THOMPSON, 2009, p. 67).

Thompson (2009) identifica em Mannheim uma tentativa de transformar o estudo da ideologia em uma “Sociologia do Conhecimento”, definida como um sistema de ideias e pensamentos localizados em contextos sociais nos quais as pessoas interagem. Seria um modo de analisar o pensamento e os fatores sociais que o circulam, sem necessariamente produzir uma crítica a quem o formula.

Segundo o autor, Mannheim elabora ainda outra concepção de ideologia, que denomina de “concepção restrita”, na qual sustenta que “as ideologias são ideias discordantes da realidade e não concretizáveis na prática” (THOMPSON, 2009, p. 69). Apesar de manter a negatividade, essa concepção não situa a dominação como central ao conceito.

A conceituação de ideologia proposta por Thompson (2009) adota o seu viés “negativo”, pois o autor compreende neste a possibilidade de fazer uma análise das interconexões entre sentido e poder.

A análise da ideologia, de acordo com a concepção que irei propor, está primeiramente interessada com as maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder. Ela está interessada nas maneiras como o sentido é mobilizado, no mundo social, e serve, por isso, para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder (THOMPSON, 2009, p.75-76).

Thompson (2009) utiliza alguns conceitos-chave para subsidiar a sua análise: sentido, dominação, e os modos de operação da ideologia na sustentação/ manutenção de relações de dominação.

Primeiramente, compreende sentido com base nas formas simbólicas (falas, textos, ações, imagens, entre outras) produzidas, reproduzidas e sustentadas pelos sujeitos nos contextos sociais estruturados em que vivem e no mundo social no qual circulam. Em seguida define “dominação” como relações de poder sistematicamente assimétricas, ou seja, aquelas pelas quais um grupo detém poder de modo permanente e significativo, impedindo ou limitando ao outro o acesso a esse poder (THOMPSON, 2009).

Dessa feita, assinalamos a importância das formas simbólicas na teoria de ideologia formulada por Thompson (2009). Para o autor, elas representariam a ideologia ao produzir e sustentar relações de dominação. As formas simbólicas seriam construções significativas, definidas em contextos sócio-históricos socialmente estruturados, compreendidas por ações, expressões, falas, imagens e textos podendo ser, em sua natureza, linguísticas ou não linguísticas. Thompson (2009) indica que as formas simbólicas não são ideológicas em si, dependem da maneira como são produzidas, utilizadas e entendidas em contextos sociais específicos. Elas só serão ideológicas se ou quando usadas na produção, transmissão, recepção e manutenção de relações assimétricas de poder.

Merece destaque, portanto, a diferenciação feita por esse autor em relação aos conceitos de dominação e poder: enquanto poder é a capacidade de ação do sujeito, de agir em prol de seus interesses, dominação é a relação sistematicamente desigual entre grupos. Ao contrário de Marx, Thompson (2009) indica que relações de classe são apenas um dos modos de dominação e subordinação que constitui um dos eixos de desigualdade social. Apoiado em uma visão crítica de sociedade, Thompson (2009) indica como principais eixos de relações de dominação na contemporaneidade: classe, raça/etnia, idade, nação, gênero, sendo este último, a relação de dominação que será focalizada nesta pesquisa.

O autor situa o seu estudo sobre ideologia no contexto da mediação da cultura moderna. Thompson (2009) assinala que esse processo favoreceu mudanças na transmissão, produção e circulação das formas simbólicas, cada vez mais mediadas pelos veículos da mídia. A mediação da cultura moderna ocorreu paralelamente à expansão do capitalismo industrial e às formações dos estados-nação, afetando, profundamente, o comércio e as inter-relações entre as sociedades. Nesse sentido, ocorreu um crescimento nas relações comerciais e a expansão das transmissões das formas simbólicas a um nível global por meio dos veículos midiáticos, tais como, livros didáticos, jornais, rádios, TV, internet, folhetos de cordel, entre outros. Logo, realçamos o alcance potencial das formas simbólicas e a importância de seu estudo.

Desse modo, o autor dedicou sua atenção às características das comunicações de massa e de que forma elas interferem na cultura moderna. Inicia a sua discussão sobre a mediação da cultura assinalando que compreende a comunicação de massa como “a produção institucionalizada e a difusão generalizada de bens simbólicos através da transmissão e do armazenamento da informação/comunicação” (THOMPSON, 2009, p. 288). Ao assinalar a comunicação de massa em termos de produção e troca de bens simbólicos, o autor acentua a sua preocupação com a relação entre ela e as instituições interessadas na comercialização das formas simbólicas, bem como as quatro características que envolvem a comunicação de massa: a produção e a difusão institucionalizadas de bens simbólicos; a ruptura instituída entre produção e recepção; a extensão da disponibilidade no tempo e no espaço; e a circulação pública das formas simbólicas.

A primeira característica que destaca na comunicação de massa refere-se à produção e difusão institucionalizada de bens simbólicos. Thompson (2009) salienta o papel das instituições em três funções: na fixação das formas simbólicas, por meio da tradução de suas informações em um suporte material específico; na reprodução, com a publicação de cópias reguladas pelas instituições até chegarem às mãos dos receptores; na comercialização das formas, estabelecendo um preço com base na venda ou utilizando como moeda de troca para adquirir outros objetos.

A segunda característica que assinala na comunicação de massa remete à ruptura instituída entre produção e recepção. O autor explicita a distância entre a produção e a recepção, indicando que o processo de mediação das formas simbólicas por meio da

comunicação de massa, implica num fluxo de mensagens de uma só via- do produtor ao receptor- de modo que a capacidade do receptor para influenciar ou intervir nesses processos é bastante reduzida (THOMPSON, 2009).

A terceira característica que aponta na comunicação de massa diz respeito à expansão do acesso das formas simbólicas no tempo e no espaço. O autor evidencia essa característica mostrando como o desenvolvimento dos meios de comunicação, leia-se a imprensa, o telefone, a internet e a televisão permitiram às pessoas acesso a um número maior de bens simbólicos, sem, necessariamente, estarem próximas dessas formas simbólicas quando elas são produzidas e reproduzidas. O autor ressalta, ainda, que, dependendo do meio em que as formas simbólicas são fixadas, sua acessibilidade no tempo pode ser ampliada, garantindo a possibilidade de sua preservação para um uso futuro (THOMPSON, 2009).

A quarta característica que destaca na comunicação de massa é a implicação na publicidade das formas simbólicas. Desse modo, o autor mostra que os produtos das instituições de massa “circulam dentro de um ‘domínio público’, de forma que são acessíveis, a princípio, para qualquer um que tenha os meios técnicos, as habilidades, os recursos para adquiri-los” (THOMPSON, 2009, p.292). Nesse caso, as maneiras como os receptores irão assimilar essas formas simbólicas é que determinará a sua aceitação na sociedade, uma vez que o autor concebe a recepção das formas simbólicas como um processo ativo e crítico.

Assim, na era moderna, as formas simbólicas introduziram novos modos de comunicação entre os sujeitos. A interação face a face deixou de ser a principal forma de relacionamento interpessoal, uma vez que os meios técnicos modificaram as interações humanas ao promover novos campos de tempo e espaço, possibilitando nos dias atuais uma interação em tempo real com uma pessoa localizada em qualquer parte do planeta: as quase-interações mediadas. Essa interação, contudo, é predominantemente de mão única, uma vez que os modos de resposta para os receptores chegarem até o comunicador são bastante reduzidos, restando a eles uma possibilidade pequena de intervir no processo comunicativo (THOMPSON, 2009).

O autor compreende que a análise da ideologia, na era dos meios de comunicação de massa, deve ir além de uma preocupação com a natureza dos meios técnicos e das

instituições midiáticas atentando para o conteúdo das formas simbólicas que são produzidas e difundidas nas instituições midiáticas e às maneiras como esse conteúdo é utilizado e assimilado em circunstâncias particulares, por grupos que estão envolvidos nos contextos de ação e interação dessas formas simbólicas (THOMPSON, 2009).

Nesta dissertação, folhetos de cordel são considerados uma produção midiática, uma vez que circulam no domínio público e estão disponíveis a um grande número de destinatários, e são estudados sob a perspectiva da análise ideológica, como um modo de produção, difusão e recepção de discursos em contextos sociais estruturados em torno de relações de dominação, entre elas, enfatizamos as relações de gênero como o foco do nosso trabalho.

Será focado aqui o caráter significativo das formas simbólicas elucidado por Thompson (2009), em cinco aspectos: intencional – as expressões empregadas por um sujeito para outro(s) sujeito(s) com o intuito de atingir certas metas e intenções; convencional – os processos que circundam e envolvem a aplicação de regras, códigos ou convenções na interpretação das formas simbólicas; estrutural – as formas simbólicas apresentam uma estrutura, para que seus elementos se inter-relacionem e possam ser analisados formalmente; referencial – composições que dizem algo, fazendo menção a um símbolo real e/ou imagem que o receptor possui sobre esse referencial para produzir e reproduzir as formas simbólicas; contextual – os contextos sócio-históricos específicos de produção, transmissão e recepção das formas simbólicas.

Para mostrar como opera a ideologia, Thompson (2009) especifica cinco modos das construções simbólicas: legitimação, unificação, fragmentação, dissimulação e reificação. Contudo, o autor alerta para o fato de que esses não são os únicos modos de operação da ideologia, nem que eles operam isoladamente, podendo sobrepor-se e reforçar-se mutuamente.

A legitimação é o modo de operação da ideologia pelo qual as formas simbólicas estabelecem relações de dominação por meio de sua legitimidade, sendo justas e merecedoras de apoio. As afirmações de legitimação estão baseadas em três fundamentos: tradicionais, racionais e carismáticas. Esses fundamentos são expressos nas formas simbólicas por estratégias de construção simbólica. Dentre elas, destacam-se:

- racionalização: estratégia pela qual é elaborada uma série de argumentos para defender ou explicar um conjunto de relações ou instituições, com o fim de convencer um determinado público que isto é digno de apoio;
- universalização: ocorre quando os interesses de poucos são apresentados pelas formas simbólicas como comuns a todos, dando a impressão de haver igual participação dos sujeitos no grupo;
- narrativização: formas simbólicas são histórias utilizadas para contar sobre o passado e tratar o presente enquanto um elemento tradicional, eterno.

A dissimulação é o modo de operação da ideologia pelo qual são estabelecidas relações de dominação com base na sua negação ou desvio da atenção na forma de atuar nas relações. Suas estratégias de atuação indicadas por Thompson (2009), são:

- deslocamento: consiste na utilização de termos ou adjetivos para se referir a determinado objeto, e que, “deslocado” por outro, adquire conotações positivas ou negativas;
- eufemização: estratégia pela qual ações, instituições ou relações sociais são descritas ou redescritas de maneira amena, visando sensações positivas;
- tropo: uso de figuras de linguagem em sentido figurado. Aqui especificado:

[...] O uso do tropo é, geralmente, confinado ao domínio da literatura, mas o uso figurativo da linguagem é muito mais amplo do que essa especialização disciplinar possa sugerir. Entre as formas mais comuns de tropo estão a sinédoque, a metonímia e a metáfora (THOMPSON, 2009, p.84).

Outro modo de operação da ideologia é a unificação. Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pela construção de formas simbólicas que unem os indivíduos, grupos, organizações, entre outros, independentemente de suas diferenças. As estratégias de ação que Thompson (2009) assinala são:

- padronização: ocorre quando formas simbólicas são postas em um referencial padrão a comunicação de todos;

- simbolização da unidade: remete à construção de símbolos de unidade ou de identificação coletiva difundida por um grupo ou por vários grupos, por meio de símbolos tais como bandeiras, hinos e emblemas entre outros. A simbolização pode estar ligada à narrativização quando os símbolos de unidade atuam como parte integrante da história das origens.

A fragmentação é o modo de operação da ideologia que consiste em não unificar as pessoas e grupos em um coletivo, mas segregar indivíduos e grupos capazes de enfraquecer ou ameaçar os grupos dominantes. Suas estratégias mais frequentemente utilizadas são:

- diferenciação: consiste na evidenciação das diferenças e divisões entre sujeitos e grupos acentuando (ressaltando) as características que os desunem, impedindo, deste modo, a constituição de um desafio aos grupos dominantes;
- expurgo do outro: consiste na construção de um inimigo, retratado como uma ameaça comum a um grupo que é incitado a resistir diante dele ou a expurgá-lo.

Por fim, a reificação, quinto modo de operação da ideologia apresentado por Thompson (2009), consiste na retratação de uma situação transitória, histórica como se fosse permanente e imutável, ignorando seu caráter sócio-histórico. O autor indica como estratégias da reificação:

- naturalização: ocorre quando se considera um estado de coisas, criadas social e historicamente, como um acontecimento natural, resultado inevitável de acontecimentos naturais;
- eternalização: similar à naturalização, ocorre quando os fenômenos sócio-históricos são apresentados vazios de seu caráter histórico, adquirindo uma imutabilidade e frequência constantes;
- nominalização: ocorre quando ações efetuadas por atores sociais são transformadas em nomes como se fossem representativas de apenas um grupo;
- passivização: ocorre ao se utilizar os verbos da frase na voz passiva.

Thompson (2009) defende que cada um desses modos pode atuar de diferentes maneiras de acordo com as construções simbólicas. Além disso, tem a possibilidade de se cruzar e/ou sobrepor-se duramente à operação da ideologia. O autor ressalta que esses modos de operação da ideologia não são obrigatórios, e não são os únicos modos pelos quais a ideologia pode operar.

Uma contribuição da teoria de Thompson (2009), no contexto dos estudos do NEGRI, é que ela nos permite um diálogo com as teorias críticas que se debruçam sobre relações de dominação específicas de nossa sociedade. Assim, temos articulada a teoria de ideologia de Thompson (2009), à de gênero de Joan Scott (1995), entre outras.

1.2 Teoria de gênero

Quando se considera trabalhar com a categoria gênero, vemo-nos diante de uma relativa série de possibilidades, sobretudo, pelos vários sentidos atribuídos ao termo e, em consequência, pelo ponto de partida adotado pelo pesquisador. No campo das Ciências Humanas, adotaremos as contribuições de Joan Scott (1995), uma das autoras que tem atentado para a análise das relações de gênero enquanto relações de poder.

Desde a ruptura paradigmática produzida pelos movimentos feministas nos estudos sobre o masculino e o feminino, temos observado, no Brasil e em outros lugares do mundo, uma relativa alternância de teorias sobre relações de gênero; porém, nota-se também a persistência do aporte teórico de Joan Scott, sobretudo em seu artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995).

Nesse artigo, Scott (1995), de forma similar a Thompson (2009), efetuou um resgate histórico dos usos do termo “gênero”, apreendendo as formas como ele começou a ser utilizado pelas historiadoras feministas que a precederam. Nessa trajetória histórica, Scott apreende dois usos principais do termo: um uso descritivo no qual o termo gênero era usado como sinônimo de mulheres e um analítico, quando o termo era usado analiticamente, como categoria social imposta sobre um corpo sexuado.

Embora esses estudos delimitassem um novo campo de pesquisas com temas relevantes sobre mulheres, crianças e família, apontando para o fato de que as relações

entre os sexos são sociais, não conseguiam explicar as razões pelas quais elas são construídas, seu funcionamento ou forma de mudança. “Gênero” é um novo tema, um novo domínio da pesquisa histórica, mas não tem poder analítico suficiente para questionar (e mudar) os paradigmas históricos existentes” (SCOTT, 1995, p. 76).

Segundo a revisão efetuada pela autora, focada na pesquisa histórica, a perspectiva analítica das historiadoras se traduzia em três posições teóricas de análise: teoria do patriarcado, tradições marxistas, associações ao pós-estruturalismo francês e às teorias anglo-americanas das relações de objeto com inspirações nas tradições psicanalíticas. Scott (1995) mostra, em cada uma delas, limitações que dificultam a sua apropriação pelos estudos de gênero.

Nas teorias do patriarcado, a limitação indicada se refere à explicação da dominação apenas pelos aspectos físicos, enfatizando o controle do trabalho reprodutivo e a objetivação sexual da mulher pelo homem, como se outros fatores não interferissem nessa relação, o que a transforma em a-histórica e fixa. Por sua vez, nas teorias vinculadas às tradições marxistas, o problema estaria na ausência de um campo próprio de análise para o gênero, uma vez que as desigualdades eram vistas como resultantes das relações econômicas de exploração. No caso das teorias baseadas nas escolas psicanalíticas, o equívoco estaria na limitação das relações entre homem e mulher ao âmbito familiar, sem expandir para outros campos ou explicações.

Com base nessas críticas, Scott (1995) propõe sua definição para o conceito de gênero, que contempla duas partes conectadas, a saber: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). As duas partes da conceituação são componentes essenciais da definição.

Na primeira parte de sua conceituação, Scott (1995) delimita quatro elementos centrais inter-relacionados: símbolos culturais, conceitos normativos, modelo binário e identidades subjetivas.

Ao destacar os símbolos culturais, a autora reflete sobre a construção social do gênero nos símbolos culturais disponíveis e seus efeitos díspares na sociedade. Para explicitar a sua análise, traz à tona as figuras de Eva e Maria, símbolos de mulheres situadas em uma cultura cristã que, ao mesmo tempo, provém mitos de luz e escuridão,

inocência e corrupção, a depender do contexto e da apropriação realizada. Neste ponto, chamamos atenção para a inserção desta pesquisa, considerando a literatura de cordel como produtora e veiculadora de símbolos sobre o masculino e o feminino socialmente construídos.

No segundo elemento- os conceitos normativos- Scott (1995) faz referência aos limites impostos pelas interpretações dos significados dos símbolos culturais na sociedade, ou seja, as definições criadas pelas doutrinas religiosas, educativas, científicas e políticas com base na oposição entre o masculino e feminino e como essas contribuem para definir os papéis dos homens e das mulheres.

O terceiro elemento destacado por Scott (1995) remete ao modelo binário e fixo do homem e da mulher no campo da política, das instituições e das organizações sociais. Tal contexto normativo impõe limites aos significados e símbolos em dado contexto histórico. A autora defende que o gênero é construído, atuando nas estruturações dessas instituições, com base no conflito de posições e não do consenso social. Pensando na pesquisa aqui realizada, poderíamos encontrar traços de conflitos nessas posições?

O quarto elemento destacado pela autora corresponde à identidade subjetiva. Neste elemento, Scott (1995) ressalta as atualizações das identidades de gênero realizadas por homens e mulheres concretos. Para tanto, designa os modos de construção dessas identidades e como elas podem fugir ao papel determinado pelas sociedades ou por nossas categorias analíticas, cabendo aos historiadores estarem atentos à sua construção e atuação no meio social.

A segunda parte da definição de Scott (1995) traz o gênero como um campo primário¹¹, no interior do qual o poder se estrutura e atua. No caso, a autora concebe o gênero não como o único eixo de se estabelecer e sustentar relações de poder, mas como um eixo constante no estabelecimento de relações assimétricas de poder. Ela conclui que o gênero estabelecido, enquanto conjunto de objetivos, de referências, estrutura a percepção do mundo e a organização concreta e simbólica da vida e influi na distribuição do poder, tornando-se implicado na construção e concepção do próprio poder.

[...] O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da

¹¹ Campo primário por não derivar de outros campos.

oposição homem/mulher; ele também o estabelece. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa, fora de toda construção humana, parte da ordem natural ou divina. Desta maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro (SCOTT, 1995, p. 92).

Para exemplificar o seu ponto de vista, a autora aponta para as relações entre política e gênero durante a implementação da política nazista na Alemanha, na ascensão de Stalin ao poder na Rússia. Nesses dois casos a dominação era legitimada pela força, a autoridade e poder dominante como masculinos, ao passo que aspectos como a fraqueza e a subversão ao poder como femininos (SCOTT, 1995).

Sabendo que o poder e o gênero são construídos simultaneamente, de que modo podemos visualizar uma mudança nas relações? Segundo Scott (1995), a mudança só ocorre quando se concebe a história desses processos por meio do reconhecimento das categorias “homem” e “mulher” como vazias e transbordantes. Vazias por não possuírem um significado último, centralizado. Transbordantes, pois mesmo quando parecem ter um significado fixo, podem apresentar outros tipos de definições que são possíveis de serem negadas ou reprimidas. Tais categorias estão sempre colocadas em um sistema de relações de poder.

Nesta pesquisa ficamos atentos ao modelo binário de gênero que pôde ser captado nos símbolos culturais produzidos e veiculados pela literatura de cordel publicada em São Paulo, bem como às relações de dominação do masculino sobre o feminino.

1.2.1 Gênero e violência

Nesse tópico abordaremos uma das formas de violência que vem sendo bastante discutida nos últimos anos, especialmente no Brasil: a violência de homens contra as mulheres. Destacamos esse tema devido à alta frequência encontrada nos folhetos analisados que expunham alguma forma de violência, seja nas capas, seja nas histórias, conforme veremos na descrição dos resultados no Capítulo 3.

Primeiro, vamos definir o que vem a ser violência e de que forma podemos discutir esse tema. Pino (2007) faz uma boa aproximação com o tema em seu artigo *Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo*. O autor divide o seu artigo em duas partes: aspectos conceituais da violência e educação e violência. Vamos focar a

nossa atenção somente na parte referente aos aspectos conceituais do conceito, uma vez que não conseguimos dar conta nessa pesquisa da discussão entre violência e educação.

O autor começa a sua discussão fazendo uma diferenciação entre sentidos e significados do termo “violência”, ressaltando que o significado utilizado no dicionário não consegue contemplar os sentidos que o termo adquire na realidade, alimentado pela experiência coletiva da humanidade, rica em fatos violentos “em que o imaginário de certos indivíduos encontra farto material para alimentar seus devaneios destrutivos” (PINO, 2007, p. 765). O estudioso prossegue a sua discussão, enfatizando uma diferença importante nos estudos sobre violência ao diferenciar três conceitos utilizados com frequência nesse campo de estudos: crime, agressão e violência.

Crime, na visão do autor, é um conceito de natureza legal, cujo significado definiria somente um ato de transgressão da lei penal, acarretando ao agressor, penas legais, que variam segundo as sociedades. Pino (2007) enfatiza esse conceito como relevante, uma vez que o “crime”, isoladamente, não possui qualquer fundo de violência física, social ou moral, apesar de poder estar agregado a alguns desses fatores na maneira como eles são representados. Assim, um “crime” só pode ser definido como um ato violento de acordo com a forma com que foi cometido e as circunstâncias em que ocorreu avaliado de acordo com os códigos penais da sociedade.

Pino (2007) define agressão como uma disposição natural dos organismos mais evoluídos para o ataque e a defesa diante dos sinais físicos emitidos por outros organismos que são interpretados como uma ameaça à sua sobrevivência. No caso dos humanos, esse conceito está subordinado à cultura, devido à capacidade do homem de

[...] atribuir significação às ações, cujo caráter polissêmico lhe impõe a necessidade de interpretá-las antes de decidir realizá-las ou não, mesmo quando as circunstâncias sociais em que está envolvido despertem nele impulsos agressivos de origem natural (sub - cortical), pois estes passam, necessariamente, pelo controle das áreas corticais do cérebro, sede das atividades de interpretação e de decisão (PINO, 2007, p. 768).

Então, o que viria a ser a violência? Para o autor, a violência seria um problema que decorre das relações sociais, uma vez que a existência do outro é vista como uma ameaça real ou imaginária à própria existência seja de forma física, social ou psicológica. O que vai definir o seu impacto é a maneira como é geralmente “mostrada”, onde é dada uma ênfase

grande ao ato da crueldade em seu estado puro, mas não são explicitados os motivos desse ato. Pino (2007) conclui a sua fala, exemplificando a violência através da tortura.

[...] Fica-se estarrecido, por exemplo, perante o ritual da tortura, sendo difícil imaginar que possa existir uma razão lógica que a justifique. Entretanto, basta identificar o torturado para que os autores desse macabro ritual encontrem razões racionais suficientemente poderosas para justificá-lo (PINO, 2007, p. 769).

Dessa forma, o autor enfatiza a importância de levar em conta as condições culturais do ato violento, auxiliando a desmistificar a ideia da violência como um ato “irracional”, compreendendo as motivações que perpassam os seus praticantes e aqueles a quem eles afligem. Finalizando essa breve síntese do artigo de Pino (2007), citaremos as formas de violência explicitadas pelo autor em seu texto: física (quando alguém utiliza de sua força para infligir um mal a alguém); instrumental (quando alguém usa dos meios a sua disposição para atingir a um fim que causará mal a outrem); simbólica (exclusão social). Nesse sentido, percebemos um diálogo entre Pino (2007) e Thompson (2009), quando o primeiro desenvolve a noção de violência simbólica como uma forma de exclusão do outro de seus direitos fundamentais, similar ao modo de operação da ideologia, fragmentação, de Thompson (2009), cuja estratégia típica de construção simbólica é o expurgo do outro.

Baseando-nos nessa definição de Pino (2007) passemos agora a discutir a interação entre violência e gênero. Lima, Büchele e Clímaco (2008) enfatizam que os atos violentos contra as mulheres vêm sendo objeto de estudo em trabalhos acadêmicos, mostrando ser essa uma questão de saúde pública. Os autores citados enfatizam seus argumentos apontando para as pesquisas desenvolvidas na América Latina, ressaltando nesse contexto a situação do Brasil:

Na América Latina, diversos estudos apontam um alarmante número de mulheres que afirmam ter sido vítimas de violência física exercida por seu parceiro. Em alguns países, o percentual chegou a 50%; o menor percentual foi de 20%. De acordo com Heise e colaboradores (1994), mais da metade de todas as mulheres assassinadas no Brasil foram mortas por seus parceiros íntimos. Segundo Schraiber e colaboradores (2002), parceiros ou ex-parceiros são os autores da violência em aproximadamente 70% das denúncias registradas nas Delegacias de Defesa da Mulher (LIMA, BÜCHELE, CLÍMACO, 2008, p. 72).

Uma pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo (2001) apontou que a cada 15 segundos uma mulher é agredida no Brasil e mais de dois milhões eram espancadas a

cada ano por seus parceiros. Nesse estudo, 19% das mulheres afirmaram que já sofreram algum tipo de violência por parte de homens. Quando interpeladas a respeito da forma de violência sofrida (agressão física, ameaça, assédio sexual, violência psicológica) a resposta delas cresceu, chegando a 43%.

Avançando um pouco no tempo, encontramos, em 2003, uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro com 749 homens entre 15 e 60 anos, revelou que 51,4% deles já havia cometido algum tipo de violência- física, psicológica ou sexual- contra sua parceira (BAKER; ACOSTA, 2003).

Uma das explicações possíveis para a violência dos homens contra suas companheiras vem dos estudos de Rothman e colaboradores (2003), o qual aponta para duas teorias: a teoria do aprendizado social e a teoria feminista. A primeira levanta a hipótese de que a transmissão da violência é feita de uma geração para a outra, enquanto a segunda problematiza o poder e a dominação masculina sobre as mulheres.

Por outro lado, Medrado e Lyra (2003) afirmam que, para compreender a violência masculina contra o feminino, é necessário observar os processos de socialização masculina e os significados atribuídos ao “homem” na nossa sociedade ocidental, na qual eles são doutrinados a não expressarem suas emoções, restando somente a agressividade, inclusive de maneira física, reconhecida como um modo de representação da masculinidade. Os autores acreditam que a adoção dessas práticas indica para um dos fatores responsáveis por taxa elevadas de mortalidade masculina, sobretudo por causas externas (homicídio, suicídio), além de constituir problemas associados a transtornos mentais.

Encontramos consonância nessa reflexão de Medrado e Lyra (2003) nas falas de Albuquerque Júnior (2012), ao ser perguntado em uma entrevista sobre o tema do gênero em suas pesquisas sobre o Nordeste, a qual o autor responde:

[...] em que momento o nordestino foi inventado? Por que é inventado como masculino? Quais são os modelos de masculinidade? O nordestino é pensado a partir de figuras como o cangaceiro, o jagunço, o coronel- tudo hipermasculino, uma masculinidade violenta, discricionária e autoritária (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 58).

Nesse caso, observamos na fala do autor um modelo cultural de homem que permanece sendo produzido e reproduzido no Nordeste até mesmo nos dias atuais, especialmente nos folhetos de cordel (conforme descrevemos no capítulo 3), onde

cangaceiros, jagunços e coronéis ainda têm bastante destaque, seja como herói ou vilão, em cenários, onde a violência predomina.

Para finalizar essa breve síntese, apontamos alguns projetos e ações levantados por Lima, Büchele, Clímaco (2008) cujo objetivo final era a diminuição e/ou erradicação da violência dos homens contra as mulheres.

O *Emerge: Counseling & Education to Stop Domestic Violence*, fundado em 1977, nos EUA, é um dos programas pioneiros em envolver os homens na realização de ações que objetivam o fim da violência nas relações entre casais, servindo como modelo para outros programas no mundo.

A Campanha do Laço Branco foi uma iniciativa criada em 1991 no Canadá, com atuação em mais de 55 países, presente no Brasil desde 2001, sendo reconhecida como a maior iniciativa mundial para mobilizar os homens para o combate à violência contra a mulher. A campanha tem por objetivo

[...] sensibilizar, envolver e mobilizar os homens no engajamento pelo fim da violência contra a mulher, em consonância com as ações dos movimentos organizados de mulheres e de outros movimentos organizados por equidade e direitos humanos, por meio de ações em saúde, educação, trabalho, ação social, justiça, segurança pública e direitos humanos (LIMA, BÜCHELE, CLÍMACO, 2008, p. 77).

No Brasil, indicam-se duas iniciativas. O Instituto NOOS, do Rio de Janeiro, e o Instituto Papai, por exemplo, do Recife. Desde 1998, O NOOS atua com a realização de grupos formados com os autores de violência. O objetivo desses grupos é refletir sobre os valores envolvidos na construção da identidade masculina e a expressão desses valores em comportamentos e atitudes. O Instituto Papai, fundado em 1997, é uma ONG localizada em Recife que trabalha com o intuito de promover cidadania com justiça social, atuando com homens e tendo como princípios o respeito aos Direitos Humanos, às jovens gerações e a superação de todas as formas de discriminação e violência.

Além dessas iniciativas, destacamos que o debate envolvendo a participação dos homens no combate à violência ganhou fôlego nos últimos anos com a promulgação da Lei 11.340, mais conhecida como Lei Maria da Penha, em 2006, com o objetivo de punir os agressores com pena de detenção que varia entre três meses e três anos, atraindo uma grande visibilidade para a temática. Outro ponto de destaque vem a ser o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2013-2015), divulgado em agosto de 2013. Entre as metas do

programa, vale destacar a atenção destinada à autonomia das mulheres, busca de igualdade entre mulheres e homens em todos os âmbitos e a participação ativa das mulheres em todas as fases da política pública. Outro ponto relevante levantado pelo programa consiste na incorporação do conceito da transversalidade como orientador das políticas públicas. Acredita-se que por meio desse conceito, será possível reorganizar todas as políticas públicas e das instituições visando incorporar uma perspectiva de gênero, de modo que a ação do Estado seja a base da política para as mulheres.

Fazemos menção, ainda, à divulgação do V Plano Nacional de Prevenção e Combate à Violência Doméstica e de Gênero (2014-2017), divulgado em Portugal em 31 de dezembro de 2013, contando com o apoio da Organização Mundial de Saúde (OMS) e da Organização das Nações Unidas. Entre as metas do programa destacamos o ponto referente à prevenção e eliminação da mutilação genital feminina e das agressões sexuais, a qualificação dos profissionais envolvidos no acolhimento das vítimas e o reforço à estrutura de apoio e atendimento às vítimas existente no país, almejando assegurar a preservação dos direitos humanos no combate à violência. Além disso, indicamos também a importância do seu apontamento para a natureza estrutural da violência como um dos meios sociais para manter as mulheres em uma posição de subordinação em relação aos homens.

1.3 Método: a hermenêutica de profundidade

À luz da teoria de ideologia, o estudo das formas simbólicas produzidas, veiculadas e recebidas na sociedade implica uma organização metodológica que permita sua apreensão e análise. Thompson (2009) adota como referencial metodológico, a hermenêutica de profundidade (HP), o qual se articula com a concepção teórica de ideologia defendida pelo autor.

Thompson (2009) considera que o enfoque metodológico da HP é importante para a análise de problemas das Ciências Sociais ao evidenciar que o objeto da investigação é um território pré-interpretado, mediante o qual devem ser consideradas além das opiniões e atitudes dos sujeitos participantes desse campo-sujeito-objeto. Dessa maneira, enfatiza o processo da interpretação ao considerar as inserções das formas simbólicas em contextos sociais e históricos específicos, como construções simbólicas significativas.

A HP é compreendida inicialmente como uma interpretação da *doxa*, em outras palavras, uma “hermenêutica da vida cotidiana”, dedicada a captar os modos pelos quais as formas simbólicas são produzidas, circuladas e recebidas em contextos sociais concretos. Ou seja, o foco recai sobre a compreensão da produção, circulação e recepção das formas simbólicas nas vidas das pessoas.

Porém, a interpretação da *doxa* não é suficiente. Thompson (2009) nos recorda a importância de se situar os objetos de acordo com as suas características e em quais contextos são produzidos e circulam. Para tanto, o autor sistematiza a HP em três fases distintas, mas complementares: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/reinterpretação.

A análise sócio-histórica é a fase em que o interesse do pesquisador se volta para a reconstrução das “condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (THOMPSON, 2009, p. 366). O autor destaca quatro aspectos no contexto social, que se referem a diferentes aspectos da análise: o primeiro deles diz respeito às situações espaço-temporais, ou seja, aos contextos de produção e recepção das formas simbólicas; o segundo se refere aos “campos de interação”, discutindo esses campos como um espaço de posições e um caminho de trajetórias que determinam as oportunidades e locais ocupados pelos sujeitos.

[...] dentro de campos de interação, as pessoas empregam vários tipos e quantidades de recursos ou “capital” disponível a elas, assim como uma variedade de regras, convenções e “esquemas” flexíveis. Esses esquemas não são regras muito explícitas e claramente formuladas, mas estratégias implícitas e tácitas (THOMPSON, 2009, p. 367).

O terceiro aspecto se relaciona com as instituições sociais. Thompson (2009) se refere a elas como um conjunto estável de regras e recursos, situados em campos de interação, influenciando as relações sociais ao delimitar posições e trajetórias. O último aspecto destacado pelo autor faz menção aos meios técnicos de construção e transmissão de mensagens, que difundem as formas simbólicas. Esses meios fornecem um nível de fixidez, de reprodução das formas simbólicas que vão determinar o grau de participação dos sujeitos que o empregam.

A complexidade das construções simbólicas circulantes no campo social demanda outra forma de análise, além da sócio-histórica, denominada de análise formal ou

discursiva. Nessa fase, o interesse está na apreensão da organização interna das formas simbólicas, suas características, padrões e relações. Thompson (2009) aponta seis procedimentos para efetuar essa análise: semiótica, análise da conversação, análise sintática, análise narrativa e análise argumentativa. Seus usos irão variar de acordo com o objeto estudado. Nesta dissertação, optamos pelo referencial da análise de conteúdo desenvolvido por Bardin (1977), o qual possibilita mostrar ao leitor o percurso desenvolvido na análise, ao mesmo tempo em que dialoga com o referencial adotado na HP, por sintetizar de maneira clara e objetiva os passos da pesquisa.

A última etapa da HP consiste na interpretação/reinterpretação, que corresponde a uma síntese criativa dos significados construídos ao longo das análises formal e sócio-histórica, trazendo uma explicação interpretativa do que está sendo representado ou dito.

Para realizar a análise da ideologia é necessário percorrer as três etapas da HP, uma vez que:

Interpretar a ideologia é explicitar a conexão entre o sentido mobilizado pelas formas simbólicas e as relações de dominação que este sentido ajuda a estabelecer e sustentar. A interpretação da ideologia é um processo de síntese criativa. É criativo no sentido que ele envolve a construção ativa do sentido, a explicação criativa do que está sendo representado ou do que é dito. O sentido é determinado e predeterminado através de um processo contínuo de interpretação. A interpretação da ideologia tem também o papel de síntese, no sentido que ele procura juntar os resultados da análise sócio-histórica e formal ou discursiva, mostrando como o sentido das formas simbólicas serve para estabelecer e sustentar relações de dominação (THOMPSON, 2009, p. 379-380).

Para o autor, a reflexão crítica sobre as relações de dominação deve ser guiada pelo princípio da “não exclusão”, ou seja, de que todas as pessoas envolvidas nas relações sociais tenham acesso ao poder e participem das decisões tomadas nas instituições sociais quando tais decisões as afetem diretamente, fazendo parte dos seus direitos enquanto membros da sociedade.

A análise da ideologia está, então, interessada em indicar e identificar as características estruturais das formas simbólicas a serviço da opressão e sustentação de relações assimétricas na sociedade, baseadas nos modos de operação da ideologia (legitimação, reificação, dissimulação, fragmentação e unificação) que se desmembram em estratégias típicas de fomento à sustentação, manutenção e reprodução da ideologia, apreendidas na produção, circulação e reprodução das formas simbólicas.

Seguindo o modelo de análise proposto na HP, no próximo capítulo será realizada a análise do contexto sócio-histórico de produção, circulação e recepção das formas simbólicas que se referem a esta pesquisa.

2 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO: A LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL

Conforme modelo metodológico adotado nesta pesquisa, a hermenêutica de profundidade (HP), inspirada nos ensinamentos de John B. Thompson (2009), este capítulo focalizará, com base em uma revisão de literatura, o contexto sócio-histórico de produção, circulação e recepção das formas simbólicas em análise, no caso desta dissertação, a literatura de cordel. A revisão de literatura foi efetuada adotando-se os procedimentos habituais, isto é, localização e leitura de textos e síntese reflexiva da produção bibliográfica de estudos sobre a literatura de cordel. O capítulo foi organizado em torno de quatro tópicos: o cordel e seus estudos no Brasil; as origens no Nordeste; mudanças e migração para São Paulo; literatura de cordel e relações de gênero.

2.1 O cordel e seus estudos no Brasil

Tentar delimitar uma conceituação precisa, com aceitação geral e um campo específico de estudos para a literatura de cordel, é uma tarefa difícil. Isto porque, como toda expressão simbólica, o cordel foi criado e transformado nos contextos sócio-históricos por onde passou, desde as influências recebidas por cantadores, até a sua chegada às grandes cidades. Além disso, sua delimitação a um campo de atuação como a literatura ou a cultura envolve disputas e jogos de poder, como qualquer produção humana (OLIVEIRA, 2012).

Oliveira (2012) faz o resgate das origens do cordel afirmando a importância de sua forma cantada, originária de área rural, o que explicaria a vocação do cordel para a tradição oral. Para outros, como Lucena (2008), o cordel seria um gênero literário considerado uma poesia marginalizada, sem espaço nos cânones da literatura. Oliveira (2012) afirma que o ancestral da literatura de cordel brasileira chegou à Península Ibérica por volta do século XVI, denominado de folhas soltas em Portugal e *plieglos sueltos* na Espanha, que aporta no Brasil, na Bahia, em fins do século XIX, dali dispersando-se para outros estados nordestinos e, na sequência, para o Sudeste em torno dos anos 1950.

Herdeiro dos cantos de cantadores e violeiros, o cordel no Brasil sempre foi uma produção escrita, impressa, folhas soltas colocadas em suportes de “cordéis”, palavra derivado de corda. O que teria em comum esta expressão dos cantadores e a derivada

produção literária e editorial que denominamos cordel? Nem mesmo o termo folheto, hoje em dia, pode defini-lo totalmente, posto que sua produção em livros, antologias, livros didáticos, de literatura infantil vem ocorrendo em ritmo acelerado no século XXI.

Algumas características parecem marcar o cordel brasileiro. Sua métrica, por exemplo, cujos versos apresentam predominância da sextilha heptassilábica, ou seja,

[...] cada par de versos constitui uma única frase rítmica ou melódica que se divide em dois versos com censura bem marcada, adaptando-se perfeitamente às limitações espaciais do folheto. Por esse motivo que rimam, na sextilha, os versos 2, 4 e 6, ficando os demais em branco (OLIVEIRA, 2012, p. 113).

Além da sextilha, também são usados outros dois tipos de métrica: a setilha heptassilábica, criação do cantador alagoano Manuel Serrador, na qual rimam os versos “segundo e quarto, o quinto com o sexto e o sétimo com o segundo e quarto” e a métrica em décimas, forma mais utilizada pelos primeiros cordelistas, com um esquema de rimas complexo, similar àquele utilizado pelos cantadores durante as pelepas (OLIVEIRA, 2012, p. 113).

Em relação ao formato de publicação, considera-se que os cordéis brasileiros são semelhantes aos europeus. Em suas formas de apresentação, seguindo por um lado as bases da literatura popular europeia, atuam como uma narrativa dos temas tradicionais, romances readaptados, fatos históricos. Por outro lado, diferenciam-se dos europeus em seu repertório com temáticas referentes à história nacional, a fatos ligados à religião, à vida no campo, desastres, crimes, atualidade, saudade, entre outras. Isso, sem esquecer as pelepas ou desafios que podem ser imaginados ou relativos a encontros reais de celebridades ou entre autores e dos ABECÊS¹²(LOPES, 1998). Mas colocar um limite ao repertório de cordel brasileiro contemporâneo é uma temeridade, dado seu uso por diferentes empresas, instituições e contextos: do banco à agência de propaganda; da escola aos movimentos sociais; dos puristas aos “mauditos”.

Como gênero editorial, a literatura de cordel acomodou vários tipos de gêneros textuais em seus versos, aglutinando, além das influências das histórias tradicionais

¹² Os ABCs são folhetos de oito páginas, com métricas distribuídas em sextilhas ou décimas, em sua maioria de natureza biográfica fazendo referência a alguém importante como os cangaceiros e os santos, ou discorrendo sobre algum episódio importante na história como o *ABC da Batalha do Passo do Rosário*, de 1827 (CASCUDO, 2006).

portuguesas, os ciclos de cangaceiros, ciclos de bois, as práticas das cantorias, e, sobretudo, as práticas das pelejas e discussões (OLIVEIRA, 2012).

As pelejas (caracterizadas pelos embates envolvendo dois personagens reais ou imaginários em uma disputa poética que simula uma cantoria) e as discussões (embates reais ou fictícios com personagens que não são cantadores, representando uma discussão similar àquelas que ocorrem no cotidiano) são dois tipos de gênero literário que foram bastante populares entre os leitores, sobretudo por carregarem consigo a função de entreter, instruir e divertir, uma vez que, no universo da oralidade do século XX, o melhor modo de aprendizagem consistia no diálogo. Esse gênero, durante o período de formação do cordel, ainda servia como propaganda para os primeiros cantadores que começavam a publicar, tornando-os conhecidos ao público (OLIVEIRA, 2012).

Uma das propostas para caracterizar e definir a literatura de cordel tem base nos temas que são apresentados nos folhetos, o que em princípio permitiria delimitar o tempo histórico em que foram feitos e seus aspectos principais em relação à apresentação e estrutura dos versos. São variados os tipos de classificação elaborados pelos estudiosos, constando mais de dez modelos. Abaixo, descreveremos brevemente alguns deles.

Ariano Suassuna (1997, *apud* ALBUQUERQUE, 2011) propõe a classificação dos folhetos de acordo com os ciclos: heroico, trágico, épico, maravilhoso, religioso, moralidade, cômico, satírico e picaresco, histórico e circunstancial e do amor e da fidelidade. O autor, contudo, ressalta que essa classificação não é definitiva, atendendo a propósitos didáticos, uma vez que um tema pode se misturar a outros em um mesmo folheto.

Liêdo Maranhão (1976, *apud* ALBUQUERQUE, 2011) classificou os cordéis entre folhetos e romances, fazendo uma posterior descrição de cada classe. A vulnerabilidade dessa classificação, entretanto, reside no fato de que um folheto de uma classe como *folheto de acontecido* pode ser classificado em outras classes, além de vários estudiosos compreenderem essa classificação como uma forma de ordenar os folhetos em grandes ciclos temáticos.

Roberto Câmara Benjamin (1980, *apud* ALBUQUERQUE, 2011) diferencia os cordéis pelos temas: religião, fatos de época ou de acontecimento, romances e opinião. Para Albuquerque (2011), o problema dessa classificação reside em que somente o primeiro

tema seria um ciclo temático, enquanto o segundo seria um gênero dos folhetos e o terceiro um julgamento de valor.

Albuquerque (2011), por sua vez, propôs a classificação dos folhetos em 27 classes temáticas gerais, a saber: agricultura, biografia e personalidades, bravura e valentia, cidade e vida urbana, ciência, contos, crime, cultura, educação, esporte, erotismo, feitiçaria, fenômeno sobrenatural, história, homossexualismo, humor, intempéries, justiça, meio ambiente, moralidade, morte, peleja, poder, político e social, romance, saúde e doença. Assim, a pesquisadora aglutinaria os folhetos distribuídos de acordo com sua classe temática. Desse modo, cordéis que abordassem cangaço e violência entrariam no grupo “bravura e valentia”; cordéis voltados a contos populares pertenceriam à categoria “contos”, e assim sucessivamente. Embora não apresente problema, esse modelo atende a uma proposta de agrupamento bibliográfico, podendo incorrer no erro de esquecer o poeta em si e avaliar somente a criação do coletivo, do grupo.

Por sua vez, Eduardo Diatahy B. de Menezes (1994), em seu ensaio *Das classificações temáticas da literatura de cordel: uma querela inútil* observa que essas classificações não conseguem dar conta dos temas nos folhetos, uma vez que os cordéis não se limitam a discutir um único tema central. Desse modo, o autor oferece como alternativa a divisão dos folhetos em três períodos:

- (I) O primeiro período: apresenta-se com a aparência de uma recusa da história: boa parte dos textos dessa época concentram-se em torno da velha tradição medieval dos romances de cavalaria e, de modo mais específico, gravitam à volta da figura de Carlos Magno e de seus Pares.
- (II) O segundo período: é o da clara aceitação da história, ou talvez, mais precisamente, o da incorporação nela do herói popular nordestino, tipicamente rural, embora já se inicie desde então um processo de urbanização de temas e personagens. Nesse período, predominam os textos em que vários grandes poetas populares - a partir de seu peculiar ângulo de visão e segundo o princípio da verossimilhança de que já falava Aristóteles em sua Poética - narram a história que se desenrola sob o seu olhar atento, mediante a gesta dos cangaceiros famosos, as histórias de «valentes» que enfrentam e derrotam simbolicamente os potentados rurais (os "coronéis"), ou o desempenho e as vicissitudes de líderes religiosos.
- (III) Por fim, o período mais recente, que parece caracterizar-se pelo predomínio de folhetos que contam a história acontecimental do presente, revelando vários sintomas de ruptura da unidade e da identificação de suas velhas matrizes sociais criadoras, bem como de sua crescente "folclorização". Com efeito, as transformações socioeconômicas das últimas décadas modificaram intensamente certos aspectos do meio onde se gerava e de onde emergia essa produção simbólica, reduzindo seu relativo isolamento cultural e ampliando a sua inserção em novos códigos

e relações sociais mais típicos da modernização atingida pelos setores dominantes da sociedade nacional (MENEZES, 1994)¹³.

A classificação proposta por Menezes (1994) prioriza as mudanças que aconteceram nas histórias. Difere das categorias classificatórias que atuam para oferecer ao leitor uma noção aproximada sobre o assunto abordado nos folhetos, pelo fato de que

[...] O leitor, quando se dirigia ao poeta, perguntava se ele possuía o folheto de tal ou qual assunto, ou de alguma pessoa importante, inspiradora de uma grande quantidade de títulos, constituindo-se em um subgênero. Noutra ocasião, indagava sobre folhetos de ‘peleja’ ou de ‘ABC’, ou ainda sobre um ‘romance de amor’, de ‘sofrimento’, etc” (OLIVEIRA, 2012, p.119).

Além do caráter importante do gênero literário ou editorial, notam-se variadas formas de hibridismo nas mídias, como cinema, fotografia, televisão, rádio, música, entre outras. Um exemplo do hibridismo nos folhetos pode ser visto na apropriação do folheto *Pavão Misterioso*, criado nos anos 1920, servindo de inspiração para músicos, como Ednardo, que gravou a música *Pavão Mysteriozo* em 1974 (FOLHA DE S. PAULO, 2013).

2.2 As origens no Nordeste

Recife é considerada o berço da literatura de cordel brasileira. Carlos Jorge Dantas Oliveira (2012) é o autor guia para a síntese que apresentaremos, a seguir, sobre *A formação da literatura de cordel brasileira*¹⁴. Diferentemente do que apregoa “uma certa opinião, comum e corrente de que os folhetos eram lidos apenas por pessoas analfabetas ou semi-analfabetas; e [...] eminentemente da zona rural” (OLIVEIRA, 2012, p. 315), o autor ressalta a importância de centros urbanos nordestinos, como Recife e João Pessoa, para o florescimento dessa literatura.

As primeiras décadas do século XIX afirmaram Recife como um dos polos irradiadores de ideais libertários. O contato com povos de outros países, como a França e a Inglaterra, e a recuperação da economia açucareira, favoreceram a expansão da cidade,

¹³ CF. Jornal de Poesia. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/ediatahy01c.html>>. Acesso: 18 Jun. 2013.

¹⁴ Oliveira, 2012. **A formação da literatura de cordel brasileira**. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada)- Universidade de Santiago de Compostela (USC), Santiago de Compostela, 2012.

adquirindo, em 1827, o *status* de capital da então, província pernambucana (OLIVEIRA, 2012).

O Seminário de Olinda, juntamente com a Maçonaria, foram os principais polos irradiadores dos ideais libertários relacionados à independência da Coroa. Comerciantes, padres e membros da aristocracia rural faziam parte desse grupo que, insatisfeitos com a submissão à Coroa Portuguesa devido à carga excessiva de impostos e ao monopólio dos comerciantes lusos, defendiam a bandeira do livre comércio no Brasil (OLIVEIRA, 2012).

Esse cenário propiciou revoluções contra a ordem política estabelecida, a partir do começo do século XIX como a Revolução de 1817 e a Confederação do Equador, em 1848. Em 1815, foi instalada a primeira tipografia na cidade de Recife, pelo comerciante Ricardo Rodrigues Catanho. Ela foi utilizada pelos rebelados em 1817, dando início à imprensa brasileira, com as publicações das reivindicações dos revolucionários que apontavam para a exigência da independência do país. Contida a revolução, as autoridades demandaram o fechamento da tipografia, algo que só foi cumprido, em parte, pelo governador da época, favorecendo o nascimento dos primeiros jornais pernambucanos como *A Segarrega* e *O Relator verdadeiro* (OLIVEIRA, 2012).

Recife, então, constituiu-se como um importante centro da arte tipográfica do Brasil, base do jornalismo local nos anos seguintes. Dessa forma, quando os poetas aportaram no Recife, em fins do século XIX e começo do século XX, encontravam as condições técnicas necessárias para a criação e o desenvolvimento da indústria dos folhetos de cordel (OLIVEIRA, 2012).

O ponto de encontro dos poetas quando chegavam ao Recife era o Mercado Público São José, localizado no centro da cidade. Era um lugar tradicional de vendedores ambulantes e de muitos tipos de artistas populares, como mágicos e ventríloquos. Na Praça do Mercado São José, ainda estavam localizados o cinema Glória e a Igreja da Penha:

[...] Do primeiro saíram muitos temas para os folhetos e as ilustrações das capas; e no segundo funcionava a Escola Prática Editora, responsável pela publicação de muitos folhetos populares, como *A morte e os funerais do presidente Getúlio Vargas*, do poeta Delarmé Monteiro, com uma tiragem assombrosa de 150 mil exemplares (OLIVEIRA, 2012, p. 211).

Assim, em Recife, entre o final do século XIX e início do século XX, aportaram e se cruzaram três personagens considerados a primeira geração de proprietários de editoras

especializadas na publicação e comercialização de folhetos de cordel. Suas estratégias de comercialização foram bastante engenhosas e mereceram destaque neste tópico.



Figura 1- Leandro Gomes de Barros, um dos primeiros poetas cordelistas no Brasil.

Disponível em: <http://acordacordel.blogspot.com.br/2011/10/leandro-e-guadalupe-posada.html>. Acesso: 25 jun. 2013.

O primeiro poeta que destacamos, Leandro Gomes de Barros (1865-1918), nasceu na Paraíba e migrou para o Recife, sendo considerado por vários poetas como um dos “pais do cordel”¹⁵. Um marco de sua trajetória foi ter sido o primeiro cordelista a viver exclusivamente da venda de folhetos, iniciando, dessa forma, um movimento de criação e difusão de obras literárias impressas fora do circuito editorial culto. Foi aquele que forneceu as bases para o estabelecimento de um sistema literário do cordel, acumulando as funções de escrever, editar e vender (MENDES, 2009).

Leandro Gomes de Barros conviveu desde cedo com renomados cantadores e violeiros locais que foram de grande influência em sua obra, tais como: Inácio da Catingueira, Hugolino do Sabugi e Nicandro Nunes da Costa. Aos 15 anos, mudou-se com a família para Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, onde viveu até o seu casamento, em 1889, ano em que começou a publicar os seus folhetos (MENDES, 2009). O poeta teve acesso a uma educação eclesiástica que forneceu

¹⁵ Essa honra é dividida com Silvino Pirauá de Lima (1848-1913), também nascido na Paraíba.

[...] determinados códigos e modelos estéticos eruditos, assim como lhe possibilitou uma aproximação com a cultura escrita e impressa dos livros, das revistas e dos jornais circulantes num universo no qual os níveis de letramento eram mais elevados em comparação com os níveis de letramento da classe social original desses poetas (OLIVEIRA, 2012, p. 341)

Leandro foi editor-proprietário de sua obra. De início, mandava imprimir seus folhetos em tipografias diversas, utilizando como estratégia comercial a publicação de anúncios publicitários nos folhetos com o intuito de reduzir os custos da produção. Posteriormente, adquiriu um pequeno prelo manual, e começou a imprimir, ele mesmo, os seus folhetos (OLIVEIRA, 2012).

Conforme a bibliografia consultada, Leandro costumava trabalhar em diversos lugares de Pernambuco, tanto no interior como na capital. Em Recife, era comum vê-lo recitar os seus folhetos nas estações de ônibus e trem, além de mercados públicos, cafés e tabernas. Informa-se que possuía uma veia satírica e atualizada com seu tempo, tecendo críticas aos governos, à educação e à situação da sociedade à sua volta, publicando ao todo mais de 200 títulos (MENDES, 2009; OLIVEIRA, 2012):

Poeta habilidoso, Leandro faz de sua poesia um palanque político, pois acreditava na justiça social e no ser humano. Com efeito, Leandro divulga por meio de seus poemas crimes maiores que o cangaço como o caso da migração de seus irmãos nordestinos para outras regiões devido à falta de oportunidade decorrente da seca nordestina, como pode ser visto nos poemas “O Retirante”, “A Seca no Ceará” e “O Sertanejo do Sul” (MENDES, 2009, p. 65).

Oliveira (2012) informa que tanto Leandro Gomes, quanto João Martins de Athayde (mais adiante) foram seminaristas, estratégia então recorrente entre homens de classes populares a fim de ascenderem a uma educação letrada.

Leandro Gomes de Barros adotava uma das estratégias comerciais muito utilizadas pelos cordelistas durante a fase de formação da literatura de cordel, que consistia na publicação de folhetos em “volumes”, maneira como os cordelistas designavam a publicação de vários episódios impressos em diversos folhetos. Essa estratégia era inspirada naquela adotada na publicação dos capítulos de novelas em folhetins. Todavia, é preciso ser salientado aqui que isso também era um reflexo da condição econômica dos poetas, que, em sua maioria, não possuía um capital suficiente para bancar a publicação de folhetos mais longos com 24, 32 ou 48 páginas.

Assim, Leandro Gomes de Barros publicava a maioria dos seus folhetos em 16 páginas, compostos por uma história ou poema. Essa situação só foi modificada após a sua morte em 1918, quando João Martins de Athayde, empresário e cordelista como veremos, adquiriu os direitos sobre suas obras e fixou a publicação de folhetos com histórias integrais e não mais em volumes (OLIVEIRA, 2012).

Outra estratégia de vendas consistia na nomeação dos títulos dos folhetos, alternando entre títulos extensos ou autoexplicativos, dependendo da situação ou da exigência, provocando mudanças leves que atraíssem a atenção dos leitores que iam às feiras (OLIVEIRA, 2012):

Essa estratégia tinha a dupla função de atrair todo tipo de público, tanto novo como antigo, pois de um lado, dava a impressão de tratar-se de uma nova história; e de outro, remetia, pela similaridade, a uma história já conhecida e de sucesso comprovado, favorecendo a sua aceitação entre os leitores familiarizados com a história; seja porque já a tivessem lido-escutado, em parte ou na íntegra, seja porque já tivessem ouvido falar da história, apenas (OLIVEIRA, 2012, p. 293).

Vale evidenciar que os primeiros folhetos eram publicados com capas cegas (sem ilustração), até os anos 1920, momento em que foram introduzidos, aos poucos, clichês de zinco e fotografias¹⁶.



Figura 2- Francisco das Chagas Batista, organizador da primeira antologia de autores e repentistas. Disponível em: <<http://acordacordel.blogspot.com.br/2011/12/francisco-das-chagas-batista.html>>. Acesso: 25 jun. 2013.

¹⁶ CF. Cordel do Brasil. Disponível em: <<http://cordelodobrasil.com.br/v1/sete-mitos-sobre-a-literatura-de-cordel-brasileira/>>. Acesso: em 10 jun. 2013.

O segundo empresário cordelista do final do século XIX e início do XX, entre os três pioneiros, mencionado por Oliveira (2012) é Francisco das Chagas Batista (1822-1930) também nascido no interior da Paraíba. Em 1900, mudou-se para Campina Grande (PB) com a mãe e o irmão, quando começou a trabalhar carregando água com o irmão e estudando à noite. Em paralelo ao trabalho de vendedor ambulante, iniciou a publicação de folhetos no começo do ano 1900. Para compor as suas obras usava a toada, tipo de canção breve em estrofe e refrão comumente utilizada na cantoria, que o auxiliava na metrificação dos versos e na elaboração das rimas. Não se limitou aos modelos literários do cordel, investindo na criação de outros gêneros como pode ser observado no livro, *A lira do poeta*, que contém sonetos, paródias e poemas famosos.

Oliveira (2012) relata que, em 1909, Chagas Batista comprou a tipografia de Leandro Gomes de Barros, iniciando sua carreira de editor. Após dois anos, mudou-se para João Pessoa, onde fundou a Livraria Popular Editora. Na editora, Chagas Batista priorizava a publicação de folhetos de “acontecido”, dando ênfase aos eventos que estavam em voga na época, como a 1ª Guerra Mundial e a disputa pelo território do Acre, entre Brasil e Bolívia. Sua editora publicou, ainda, histórias regionais, como a disputa pelo poder no Rio Grande do Norte, entre a família Maranhão e o capitão José Penha no folheto *A salvação do Rio Grande do Norte*. Em geral, o cordelista selecionava as notícias dos jornais e revistas que fossem do maior interesse do seu público, adaptando a linguagem jornalística àquela da comunidade onde vivia.

A Livraria Popular Editora dispunha de um catálogo variado, vendendo, além de folhetos, “livros como manuais, dicionários, gramáticas, livros didáticos e literários, assim como jornais, revistas e figurinos do Recife, do Rio de Janeiro, e até dos EUA” (OLIVEIRA, 2012, p.354). A editora oferecia um serviço de venda pelos correios, com descontos entre 30 e 50% para quem fosse revendedor credenciado, com a opção de enviar encomendas para o exterior.

Dentre suas publicações, uma das mais relevantes foi o livro *Cantadores e poetas populares*, lançado em 1929 e considerado a maior fonte para o conhecimento das obras dos autores mais antigos da literatura de cordel e da cantoria. Chagas Batista explica que escrever o livro foi motivador para suprir a lacuna que observava nos estudos empreendidos pelos folcloristas ao não incluírem a melhor e maior parte dos versos dos poetas populares

do Nordeste em seus estudos. A criação de sua antologia também prestava uma homenagem a esses poetas esquecidos. No entanto, Oliveira (2012) aponta a falta de clareza dos critérios do poeta para selecionar os autores, uma vez que excluiu tanto cantadores de renome como Inácio da Catingueira, visto como uma “lenda” na cantoria, quanto mulheres cantadoras, atuantes no Nordeste.



Figura 3- João Martins de Athayde: o empresário do cordel.

Disponível em:

http://onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Jo%C3%A3o+Martins+de+Athayde<r=j&id_perso=965. Acesso: 25 jun. 2013.

O terceiro empresário pioneiro mencionado por Oliveira (2012) foi João Martins de Athayde, também paraibano. Tal como Leandro Gomes, foi seminarista, tendo residido alguns anos em Recife. A partir de 1908, começou a escrever e vender seus próprios folhetos. Compôs muitas peças e discussões, embora também mostrasse interesse em escrever folhetos de romance com histórias de amor, sobrenaturais e de aventura. Em 1909, o poeta comprou uma impressora e uma guilhotina e montou a sua própria editora. A partir de 1921, ao comprar os direitos de publicação da obra de Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde se tornou o editor mais importante da época:

A prática de adquirir as obras de outros poetas possibilitou o surgimento de uma nova categoria de cordelista – o editor-proprietário também ele mesmo poeta; pois a partir desse momento, alguns poetas transformaram-se em autênticos

empresários, favorecendo a ampliação do mercado consumidor de folhetos, tornando-o muito mais acessível às camadas populares (OLIVEIRA, 2012, p. 311).

A comercialização da literatura de cordel, que, até então, era um negócio de pequena circulação, com o controle de cada poeta sobre sua produção, atingiu uma maior circulação na editora de Athayde, que adquiriu o direito das obras de outros poetas, passando a publicar seus folhetos sem seus nomes na capa, os quais eram substituídos pelo nome de João Martins de Athayde, na designação de “editor-proprietário”, como uma forma de evitar a pirataria (OLIVEIRA, 2012).

Sua editora foi responsável pelo lançamento no mercado de vários poetas como Delarme Monteiro da Silva, autor de *A morte do Presidente Getúlio Vargas*, folheto de grande sucesso no mercado com mais de 70 mil exemplares vendidos e de João Ferreira de Lima, criador de um dos clássicos, já mencionado, do cordel: *As proezas de João Grilo*.

A oficina gráfica funcionava tal qual uma fábrica, unindo mestres, empregados e aprendizes. Athayde atuava como um redator-chefe, assinando as histórias. Um de seus métodos consistia em colocar os poetas para glosar um tema e registrar as suas criações repentísticas. Ao final, Athayde escolhia as melhores produções, direcionando a outros poetas que as desenvolviam com o intuito de realizar futuras publicações (OLIVEIRA, 2012).

Como editor, o poeta contribuiu para a transformação na natureza material dos folhetos, a começar pelas capas que, a partir da década de 1920, “passaram a ser ilustradas com clichês de cartões postais e fotos de artistas de cinema e, posteriormente, com xilogravuras” (TERRA, 1983, p. 26). Outra modificação importante que empreendeu foi ampliar os “romances”, de 32 para 64 páginas. Essa inovação, contudo, não durou muito tempo em razão da crise do papel nos anos 1960, sendo logo descartada.

Destacam-se as realizações desses três poetas em função da sua importância para: a sistematização da literatura de cordel enquanto poesia; no modelo de estruturação dos versos consagrado no suporte material dos folhetos durante a atuação pioneira de Leandro Gomes de Barros, primeiro poeta a viver exclusivamente da venda dos cordéis; no resgate aos poetas e cantadores esquecidos nos estudos de folcloristas, mas reunidos em uma antologia por Francisco das Chagas Batista; e, finalmente, no processo de homogeneização da literatura de cordel empreendido por João Martins de Athayde que investiu na:

[...] forma de apresentação dos folhetos, padronizando, por exemplo, o estilo das capas das representações de peijas e dos romances, as duas categorias por ele privilegiadas. Tal situação se configura também na escolha das obras publicáveis, efetuadas de acordo com as demandas dos públicos tradicional e emergente. [...] O editor cumpre uma função polarizadora nesse contexto de atividade, atraindo para a sua empresa cantadores e poetas de valor, em um momento de crise da economia agrária, que intensificou o movimento migratório na década de 1930 (QUINTELA, 2005, p. 109).

Foi a partir desse processo migratório dos poetas e da literatura de cordel para outras regiões do país, em nosso caso a região Sudeste, trata-se de um dos cordelistas influenciados por João Martins de Athayde: Manoel D’Almeida Filho, cuja atuação foi de suma importância para o desenvolvimento da literatura de cordel em São Paulo, a partir da década de 1960 na Editora Luzeiro (QUINTELA, 2005).

2.3 O cordel contemporâneo e a migração para São Paulo

Nos últimos anos do século XX, e na primeira década do século XXI, o cordel brasileiro vem passando por mudanças associadas a sua entrada nos meios eletrônicos de comunicação, à adaptação às novas tecnologias e à inserção nas escolas, fazendo jus à revisão pela qual passa no âmbito dos estudos literários.

Começamos com o primeiro tópico, a articulação entre o cordel e as mídias. Destacamos, inicialmente, o campo de estudos da *folkmediatização* entendido como “a maneira pela qual os meios de comunicação de massa recuperam e recodificam as manifestações populares, seus códigos, seus simbolismos e sua iconografia, bem como a influência dos produtos da cultura de massa no âmbito da cultura popular” (ALMEIDA, 2003, p.1).

Esse campo de estudo focaliza o cordel no seu diálogo com a cultura de massa, considerando as mútuas influências de um campo sobre o outro, apreendendo o uso recente do cordel por parte da mídia como inspiração para o cinema, teatro (com a peça *O auto da compadecida*) televisão (com a novela *Cordel encantado*) e na música por meio da banda *Cordel do fogo encantado*; de outro lado, o próprio cordel aborda temas provenientes de outras mídias, com a criação de folhetos sobre: programas de televisão (*Carta de um*

jumento a Jô Soares, O porco endiabrado no programa do Ratinho), entre outros campos (JAHN, 2011).

Outra maneira de apreensão dos folhetos no campo da *folkmediatização* pode ser detectada na apropriação do cordel pela publicidade, quando esta adota como estratégia de venda o uso da linguagem “popular” para atrair a atenção do grande público (COSTA; TORRES, 2005).

Entre as inovações no cordel, na passagem para o século XXI, destaca-se, ainda sua inserção no campo dos quadrinhos por meio da obra do cordelista Klévisson Viana, que versa uma história entre Lampião e Dom Quixote. Além disso, Jahn (2011) indica, também, nos trabalhos de Klévisson Viana, a criação de livros ilustrados com poesias de cordel para crianças, ampliando o público-alvo dessa literatura.

Outra novidade encontrada no universo do cordel, no século XXI, provém de sua interação com a internet, na qual o folheto pode assumir diversas formas. Destacamos, inicialmente, dois *websites* de cordelistas. O primeiro, *Cordel na rua*¹⁷, pertencente ao poeta e professor da velha geração de cordelistas, José Medeiros, que tem como finalidade propagar a cultura popular do Nordeste, em especial, a literatura de cordel. O *website* utiliza-se de fotografias e reportagens sobre o cordel e a cultura popular, dando espaço para comentários das pessoas nas matérias, visando um diálogo entre autor e leitores. No segundo *website fotolog Varneci Cordel*¹⁸, pertencente ao poeta da nova geração de cordelistas, Varneci Nascimento são expostas fotos dos seus trabalhos, apresentando desde as capas de folhetos publicados até palestras e oficinas que realiza, privilegiando, assim, um caráter mais informativo dos feitos atingidos pelo autor do que da literatura de cordel (JÚNIOR; ALVES, 2010).

O uso da internet também proporcionou a criação de novos modos de fazer folhetos, a partir do recurso às pelejas, agora situadas no campo da *cibercultura*, aqui definida como a cultura de redes resultante da interação da sociedade contemporânea com as novas tecnologias. Dessa forma, as pelejas ganharam campo na *cibercultura*:

¹⁷ Cordel na rua. Disponível em: <www.cordelnarua.recantodasletras.com.br> Acesso: 20 mai. 2013.

¹⁸ Fotolog Varneci Cordel. Disponível em: <<http://fotolog.terra.com.br/varnecicordel>> Acesso: 20 mai. 2013.

[...] na rede das redes, à maneira dos gêneros poéticos exercitados pelos cantadores de viola, os pelejadores virtuais constroem as próprias estrofes, improvisados em chats, sites, blogs, ou enviadas, alternadamente e sem improviso, por correio eletrônico (AMORIM, 2009, p. 63).

Trata-se de um novo campo aberto à participação dos poetas, que respeita as regras de criação de versos da poesia popular, abrindo a possibilidade de haver duas ou mais vozes como no *website* da revista *Interpoética*, editada e criada na cidade do Recife. Em outras palavras, “a peleja virtual renova toda uma tradição oral e popular e traz para o plano da escrita e da virtualidade o que antes era privilégio das audiências das feiras no interior do nordeste” (JAHN, 2011, p. 92).

Assim, entre essas iniciativas, a publicação do cordel em livros vem ocorrendo a partir da coleção *Biblioteca de Cordel*, pela Editora Hedra, em 2005, com o objetivo de diminuir o preconceito contra essa literatura e ampliar sua aceitação enquanto produção literária. Entretanto, Lucena (2010) aponta falhas nessa iniciativa, ao compreender que os críticos apresentaram uma visão estática da história da literatura de cordel, presa ao seu início no século XX, além de excluir a publicação em livros das obras de autoras.

Com as mudanças propostas nos padrões curriculares, no começo do século XXI, o cordel foi inserido nas escolas, não somente como uma manifestação da cultura popular, mas também como um gênero literário e textual, com o objetivo de que estudantes conheçam diferentes produções daquelas da chamada cultura erudita, com contribuições de todo o Brasil, tanto no formato da literatura quanto no conteúdo, apresentando denúncias, críticas e histórias. Nesse sentido, observamos também a inserção do cordel na educação de jovens e adultos com o intuito de divulgar a cultura brasileira e estimular a criatividade (ALVES, 2010; SANTOS, 2013).

Paralelamente à compreensão da literatura de cordel como gênero literário, nota-se uma diferença na nova geração de cordelistas no século XXI, em sua maioria com acesso à educação formal, desconstruindo o mito reinante durante o século XX de que só fazia folheto quem não acessa níveis altos de escolaridade. Outra mudança observada na atualidade é a predominância de folhetos circunstanciais¹⁹ com 16 páginas, dedicados a narrativas sobre problemas contemporâneos e a comentários dos fatos no Brasil e no

¹⁹ Referentes à divulgação de notícias.

mundo, em contraposição aos folhetos tradicionais de 32 ou 64 páginas que traziam mais histórias e romances em sua composição (RESENDE, 2005).

Advindo do centro dessas transformações destaca-se, também, novos tipos de gênero textual com inspirações nessa literatura como o “neocordel”

[...] conjunto de folhetos escritos sob encomenda, geralmente no sentido laudatório, destinando-se a contar os feitos, ou os pontos e características positivas, verdadeiras ou maquiadas, de determinados indivíduos que por meio desse recurso pretende obter a notoriedade ou simplesmente fazer engrandecer-se diante dos seus (LINS; LINS, 2010, p. 5).

O “neocordel” é um tipo de poesia similar ao cordel, sem, contudo, ter a obrigação de seguir os formatos clássicos de rima e métrica tradicionais dos folhetos, ou seja, não há uma rima pré-determinada nos versos, com uma escrita mais leve nas rimas, mantendo, porém, uma crítica ante o mundo e os acontecimentos.

No que concerne aos locais de produção, observamos que a literatura de cordel se encontra caminhando para um contexto mais institucionalizado, ou seja, acenando para a formação de instituições de cordelistas interessados em divulgar sua poesia, sua produção e legitimar o espaço do cordel na cultura. Apresentaremos, brevemente, algumas instituições, editoras e movimentos atuantes no Brasil que apontam para essa institucionalização.

A Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), fundada em 1988, no Rio de Janeiro inicialmente, contou com a participação de somente três cordelistas (Gonçalo Ferreira da Silva, Apolônio Alves da Silva e Hélio Dutra) em seu corpo diretivo. Atualmente, a ABLC possui 40 membros efetivos. As primeiras reuniões eram realizadas na sala de um político, amigo do grupo. Após o vencimento da concessão da sala, os cordelistas ficaram sem lugar para se reunir, realizando os seus encontros em bares, lanchonetes e restaurantes. A partir de 1990, o grupo se estruturou, organizando seu corpo de cordelistas e suas atividades acadêmicas, bem como as informações culturais do grupo sobre a literatura de cordel e estabelecimento de um contato com os centros difusores da literatura no Brasil e no mundo²⁰.

²⁰ CF. Disponível em: <<http://www.ablc.com.br/aablc.html>>. Acesso: 18 mai. 2013

Além disso, a aproximação entre Umberto Peregrino, então diretor da Biblioteca do Exército e fundador da Casa de Cultura São Saruê²¹ (instituição criada em homenagem ao poeta Manoel Camilo dos Santos, autor do folheto *Viagem a São Saruê* e atualmente sob a regência da ABLC) e o presidente da ABLC, Gonçalo Ferreira da Silva, favoreceu a transferência do acervo cultural de São Saruê para a Academia. Hoje, o corpo acadêmico da ABLC é composto por 40 cadeiras de membros efetivos, com a possibilidade de 25% serem ocupadas por poetas de fora do Rio de Janeiro. Entre as atividades empreendidas pela ABLC, pode-se mencionar o projeto *Ciência em versos de cordel*, com lançamento de diversos títulos infantis do cordelista Gonçalo Ferreira da Silva, dentre eles, *Matemática* (versando sobre as obras de Einstein e Pitágoras), *Natureza* (cuidados com a natureza e as águas) e *Saúde* (foco no tabaco e na AIDS), atuando na divulgação do cordel na sala de aula com base nos estudos de Ciências²². A ABLC também é responsável pela publicação de folhetos de cordel e de antologias anuais no formato de livros.

Já no Nordeste, especificamente no estado do Ceará, destacam-se duas instituições: a *Sociedade dos Cordelistas Mauditos* e a *Academia dos Cordelistas do Crato*.

Criada em 2000, a SCM tem como proposta, conforme seu manifesto de criação, a construção de uma poética baseada na intertextualidade entre o ponto de vista estético-narrativo e o ponto de vista político, com a denúncia de costumes populares reacionários. Composta por doze poetas, a *Sociedade dos Cordelistas Mauditos* (SCM) publicou seus primeiros dez folhetos, *Agora são outros 500*, em 2000, tendo em vista a comemoração dos quinhentos anos do descobrimento do Brasil, uma data, a qual, segundo o grupo, nada tinha a ser comemorada (GONÇALVES, 2007).

A SCM enfatiza, em seus folhetos, a pertença a um mundo urbano, do tecno-forró, da cibernética e do *trash*; foca, assim, a construção de uma contracultura oposta à imagem retratada nos folhetos tradicionais do Nordeste – como um ambiente rural, católico, do cangaço e da religiosidade popular – dando voz a novas temáticas, como a homossexualidade, a mulher e os negros. A SCM questiona, ainda, a ideia de “resgate” da literatura de cordel, por compreender, nessa concepção, “um congelamento do tempo”, o

²¹ CF. Câmara e cordel. Disponível em: <<http://www.camarabrasileira.com/cordel25.htm>>. Acesso: 18 mai. 2013

²² Fonte: <http://www.ablc.com.br/projeto_ciencia.html>. Acesso: 18 mai. 2013

que só contribui com o aumento da exploração e opressão ao cordel. O adjetivo “Maudito” também faz uma ironia direta aos puristas e acadêmicos que elegeram um tipo específico de pessoa para ser autora do cordel, diferente dos autores da SCM, cuja produção é considerada “mal feita”, por não seguir as temáticas tradicionais discutidas e debatidas na literatura de cordel “tradicional” (GONÇALVES, 2007):

[...] Neste contexto de reformulação, emergem várias mulheres dando um cunho diferenciado aos novos temas da literatura de cordel. As poetisas Salete Maria, Rivaneide, Edianne, Maria dos Santos, Madalena de Souza, Luiza Campos, Silvia Matos, Camila Alenquer encontram na Sociedade dos Mauditos significativo apoio para divulgar suas produções (QUEIROZ, 2006 p. 89).

Em oposição a esse movimento, está a Academia de Cordelistas do Crato (ACC), fundada em 1990 por iniciativa de Elói Telles, radialista da região e admirador da poesia popular. ACC defende que o cordel deve manter seu vínculo temático e ser representado em uma forma mais próxima possível da sua apresentação original na cantoria, composto por rimas, métricas, xilogravuras e o uso de sextilhas, setilhas e décimas (GONÇALVES, 2007).

Observamos essa convivência de opostos na literatura de cordel na mesma cidade como um fator favorável à criação de novos títulos, uma vez que permite o trânsito entre o passado e o presente, a tradição e a contemporaneidade, a notícia e a crítica, construindo, assim novos temas na literatura de cordel.

Um indicador da midiaticização do cordel é a publicação de folhetos com extensas tiragens podendo atingir mais de dois milhões de exemplares. Nesse sentido, destacamos a atuação de quatro editoras, duas localizadas no Nordeste - a Coqueiro e a Tupynanquim e duas na região Sudeste, a ABLC e Editora Luzeiro.

Na região Nordeste, a Editora Coqueiro, sediada em Recife, funciona desde 1991, publica, além de folhetos, outros livros sobre a cultura nordestina. Por sua vez, a Editora Tupynanquim, pertencente ao cordelista Klévisson Viana desde 1995, com sede em Fortaleza, publica, além de cordéis, livros infantis e histórias em quadrinhos, dispondo de mais de 200 títulos de cordéis em seu catálogo (LUCENA, 2008).

Na região Sudeste, as duas editoras que se destacam são: a Academia Brasileira de Literatura de Cordel no Rio de Janeiro, fundada em 1988, que publica folhetos de cordel e

antologias anuais. A Editora Luzeiro, localizada em São Paulo e fundada em 1952, anualmente publica clássicos do cordel, assim como obras de artistas contemporâneos (LUCENA, 2008).

Em São Paulo, outras iniciativas merecem ser realçadas: o projeto *Cordel na Cortez*, na livraria Cortez, coordenado pelo cordelista Moreira de Acopiara; o projeto *Clássicos em cordel*, da Editora Nova Alexandria, que conta com a coordenação do poeta Marco Haurélio e o projeto *Leandro Gomes de Barros* da Fundação de Cultura Cidade do Recife, que publicou, em 2008, a coletânea *Arrecifes de cordel*, na qual dez cordelistas escreveram sobre movimentos sociais (AMORIM, 2009).

Dentre as mudanças ocorridas no século XX na produção do cordel, deve-se considerar sua migração para a região Sudeste, particularmente para o Rio de Janeiro e São Paulo. Será abordado aqui, apenas o cordel em São Paulo, por constituir a delimitação do contexto de produção, circulação e recepção das formas simbólicas que serão analisadas. Indicamos, em primeiro lugar, a Editora Luzeiro que tem recebido destaque, em parte, por ser considerada a mais antiga editora brasileira de folhetos, sendo de fundamental importância para a divulgação da cultura popular conforme aponta Lucena (2008).

2.3.1 O cordel em São Paulo

O editor pioneiro da literatura de cordel em São Paulo foi o português José Pinto de Souza, que veio para o Brasil em 1895 e passou a trabalhar como tipógrafo. Vinte anos mais tarde, em 1915, fundou aquela que viria a ser a primeira editora de modinhas musicais e folhas soltas em versos, advindas de Portugal, a Tipografia Souza. Inicialmente, publicava histórias em prosa, logo convertidas em versos pelos poetas brasileiros. Também dava preferência a publicações em versos de quadras, principal forma de publicação em Portugal. Todavia, “com o decorrer dos anos, essa modalidade foi decaindo na preferência popular brasileira e, aos poucos, essas histórias deixavam de ser publicadas ou eram reescritas em sextilhas, muitas delas sobrevivendo até hoje” (LUYTEN, 1981, p. 117).

A partir da década de 1930, a editora começou a publicar os folhetos escritos no Brasil, dando ênfase, inicialmente, a histórias que fossem de domínio público, evitando, assim, o pagamento de direitos autorais. Após a morte de José Pinto de Souza, em 1950,

seus filhos, Arlindo Pinto de Souza e Armando Augusto Lopes assumiram o negócio, com Arlindo responsável pela seleção de títulos, revisão de textos e apresentação dos livros (com a prioridade da publicação da poesia popular brasileira) e Armando encarregado da parte financeira. Dois anos mais tarde, os irmãos se afastaram da tipografia (deixando-a aos cuidados do seu irmão paterno) e fundaram a Editora Prelúdio, continuando com a publicação de modinhas musicais e de folhetos inéditos de cordel de domínio público, pois não pretendiam ser uma concorrência à sua antiga empresa. Contudo, havia poucas publicações de domínio público, o que levou Arlindo a publicar, em terras paulistas, folhetos de cordel com a identificação do autor, experiência realizada anteriormente no Nordeste (SOUZA, 1996).

A partir dessa iniciativa- da publicação da literatura de cordel com autor demarcado- é que a questão da autoria ganha fôlego no cordel, quando os cantadores-cordelistas ganham a companhia dos poetas de bancada²³, que, embora não fossem cantadores, sabiam fazer versos de improviso, como Leandro Gomes de Barros responsável pela sistematização da figura do autor- proprietário.



Figura 4- Sede da Editora Luzeiro no bairro da Saúde (SP).

Disponível em: <<http://www.editoraluzeiro.com.br>>. Acesso: 25 jun. 2013.

[...] Somente a partir dos anos cinquenta, quando o cordel despertou o olhar estrangeiro, a autoria dos folhetos tornou-se um fator importante, devido a que se constituíram fundos de pesquisa, por um lado, e realizaram-se monografias científicas, por outro. Dessa forma, alguns estudiosos (linguistas, folcloristas, sociólogos, historiadores, comunicadores, etc.) exerceram uma espécie de exegese visando determinar a autoria precisa de determinadas obras que, ou eram publicadas *ipsis litteris* em folhetos diferentes, com ou sem autor marcado; ou mesmo eram publicadas com ligeiras alterações, sobretudo no acróstico identificador colocado no final das obras (OLIVEIRA, 2012, p. 340).

²³ Poetas que vendiam os seus cordéis expostos em bancadas móveis em lugares públicos (LUCENA, 2008).

No caso da Editora Luzeiro, Arlindo Pinto de Souza utilizou uma estratégia bastante ousada ao publicar folhetos de autores consagrados, entre eles, Rodolfo Coelho Cavalcanti e Manoel D’Almeida Filho, na época, sem contrato. Conforme Souza (1996), seu intuito era “atraí-los”, e, assim, conseguir estabelecer contatos para novas publicações. Não demorou muito para que vários autores, ao lado de seus advogados, aparecessem na sede da Editora Prelúdio, para reivindicar seus direitos:

[...] A Prelúdio então pagou um valor sobre o que já fora publicado e comprou a propriedade de alguns folhetos. Como a absoluta maioria dos poetas é também vendedor, eles preferiam- e preferem até hoje- receber em exemplares de folhetos a receber em dinheiro. Enquanto as editoras do Nordeste pagavam de duzentos a trezentos folhetos em troca de propriedade, a Prelúdio ofereceu mil exemplares. A Editora firmava com os autores um contrato escrito, lavrado em cartório, com um valor estipulado em dinheiro pela venda dos títulos, mas, na verdade o pagamento se dava em exemplares do livro (SOUZA, 1996).

A Editora Prelúdio, além das vantagens descritas por Souza (1996), também oferecia uma publicação com qualidade superior àquela do Nordeste, com capas coloridas, ficha bibliográfica do autor e um papel melhor, atraindo a atenção do leitor (LUYTEN, 1981).

Em 1973, a Editora Prelúdio passou por dificuldades financeiras, acarretando em uma mudança de nome, passando a ser denominada Luzeiro Editora. Essa mudança implicou um novo rumo editorial mais voltado para a literatura de cordel, reeditando as obras da Editora Prelúdio e publicando novos folhetos, tanto de artistas radicados em São Paulo quanto daqueles residentes no Nordeste. Posteriormente, em 1981, a Luzeiro Editora passou, enfim, a se chamar Editora Luzeiro, encarando um período de declínio até meados de 1995, quando foi vendida para os irmãos Nicoló, proprietários de uma distribuidora de livros em São Paulo. A nova editora passou por mudanças, renovando seu catálogo, e contando com a colaboração de poetas cordelistas como Marco Haurélio e Varneci Nascimento. Contudo, manteve-se forte como uma divulgadora da cultura popular (LUYTEN, 1981; SOUZA, 1996; LUCIANO, 2012).

Como mencionado anteriormente, a Editora Luzeiro realizou seus primeiros contatos com os poetas cordelistas a partir da publicação dos folhetos de domínio público. Entre os autores que vieram reclamar seus direitos, destacamos um, em especial, por sua participação no espaço conquistado pela editora: Manoel D’Almeida Filho (SOUZA, 1996).

Conhecido entre seus colegas cordelistas como “rei da literatura de cordel”, Manoel D’Almeida Filho tinha papel importante ao atuar como um “interlocutor” entre os poetas e a editora, uma vez que todos os folhetos enviados para edição passavam por sua revisão antes de serem aceitos para publicação. Na sua edição, priorizava dar ao folheto uma linguagem que agradasse tanto ao leitor nordestino de “origem simples” que lia, quanto ao leitor intelectual que entrasse em contato com essa literatura, nem que para isso precisasse modificar o cordel por completo (SOUZA, 1996).

O envolvimento do autor com a editora era tão grande que, no momento de sua venda em 1995, ficou bastante abalado, referindo-se ao fato como uma traição (uma vez que os novos donos mandaram uma carta dispensando os seus serviços), vindo a falecer poucos meses depois. Ainda assim, o poeta foi decisivo para o desenvolvimento e crescimento da Luzeiro como a editora de folhetos de maior destaque no Brasil (SOUZA, 1996).

Atualmente, a Luzeiro é a maior e mais antiga editora de folhetos de cordel no Brasil, dispondo, em seu catálogo, de mais de 300 títulos, com uma tiragem de dois mil e quinhentos exemplares por folheto, publicando obras de autores clássicos, como Leandro Gomes de Barros e de autores da nova geração de cordelistas, como Marco Haurélio e Varnei Nascimento (GASPAR, 2012).

Ainda tratando do cordel em São Paulo, encontramos nessa cidade novas formas de mobilização e divulgação dessa literatura. Uma delas é a Caravana do Cordel, cujo planejamento aconteceu durante o primeiro Salão de Cordel, realizado em meados de 2008. Seu núcleo formador era composto por sete poetas de origem nordestina (Marco Haurélio, Varnei Nascimento, Nando Poeta, Costa Senna, João Gomes de Sá, Pedro Monteiro e Cacá Lopes), que se reuniam mensalmente nos dois primeiros anos para celebrar os seus trabalhos individuais e em grupo. A partir de 2010, os encontros passaram a ter uma distância temporal maior, oferecendo maior mobilidade aos poetas para compartilhar com o grupo as ações que desempenhavam. O grupo passou a contar com a participação de professores, repentistas, estudiosos e entusiastas da cultura popular. Paralelamente a essa mudança nos encontros, a Caravana também trocou na cidade de São Paulo seu local de reunião, passando do lugar fixo no Espaço Cineclubista da rua Augusta para locais itinerantes como universidades, escolas e espaços culturais da região metropolitana de São

Paulo. O objetivo inicial do movimento era valorizar, tornar conhecida e celebrar a literatura de cordel, mantendo viva a sua poética. Priorizou como atividades principais a promoção de palestras, seminários, conferências, oficinas e saraus para a divulgação do cordel no Brasil (BARBOSA, 2012).

Os eventos da Caravana de Cordel têm, como principais atrações, apresentações teatrais, declamação de poesias e canções regionais. Geralmente, os eventos começam com o acolhimento do público, sinalizando para a valorização do cordel e para o lema da caravana: *O mundo do cordel pra todo mundo*. Após o acolhimento, poetas/cordelistas, músicos e repentistas se apresentam no palco, convocando a plateia para atuar seja por risadas, vaias ou com o assentimento de rápidas respostas. De modo geral é um evento para valorizar e fortalecer o cordel e a cultura nordestina, configurando-se, assim, como um novo espaço de vivência de um Nordeste em movimento, imaginado, sonhado e vivido no passado. Nos encontros, também são expostos e vendidos cordéis, livros e CDs (BARBOSA, 2012).

O último evento realizado anualmente pelo grupo, do qual tive a oportunidade de participar, contou com a realização de mesas redondas discutindo a interação do cordel com as mídias, como o cinema e os quadrinhos, declamação de poesias e exposição e vendas de folhetos, camisas, CDs e livros a respeito da Caravana e da literatura de cordel²⁴.

Atualmente, o grupo encontra-se frente a um dilema: continuar como movimento ou transformar-se em instituição? A resposta à questão não é unânime entre os poetas. As opiniões se dividem entre aqueles favoráveis à institucionalização do grupo, por entenderem que assim alcançariam maior retorno financeiro com a realização de eventos e a divulgação dos produtos da Caravana. Já os contrários à institucionalização consideram que o movimento perderia sua dinamicidade e fluidez, ficando limitado por regras de atuação. Esse conflito fortalece o movimento ao provocar uma “ressignificação do ser nordestino nesse grupo e, de forma mais ampla, em São Paulo” (BARBOSA, 2012, p. 16).

Direcionando o foco da nossa descrição para o conteúdo dos folhetos publicados pelos migrantes nordestinos radicados em São Paulo, especialmente a partir dos anos 1950,

²⁴ Evento realizado nos dias 6, 7 e 8 de dezembro de 2012 no Memorial da América Latina, na Barra Funda, em São Paulo.

encontramos duas direções assinaladas por Luyten (1981) no que concerne as temáticas trabalhadas: saudosismo e “agressividade” na linguagem (por exemplo, o deboche).

O saudosismo foi elemento corrente na publicação dos primeiros migrantes, servindo como uma referência aos processos migratórios pelos quais passaram, descrevendo os modos como foram acolhidos, as mudanças percebidas na nova cidade em relação à sua terra natal, procurando perpetuar temas e situações sertanejas, conforme pode ser observado nos folhetos *O nordestino no sul*, de Franklin Maxado, no qual o autor fez uma “descrição realista” da situação do nordestino em São Paulo, dando destaque à rotina do migrante, seu trabalho e lazer na capital paulistana. Por outro lado, o folheto *O que faz o nordestino em São Paulo*, de JotaBarros, tece elogios à cidade de São Paulo e aos migrantes nordestinos que superaram os obstáculos da vida longe da terra natal (LUYTEN, 1981).

Já a “agressividade” pode ser observada nos cordéis “de encomenda”. Neste tipo de folheto é possível apreender a difusão de ideias de grupos políticos e a narração de eventos considerados importantes como o lançamento de filmes e a promoção de políticos. Como exemplos desse tipo de folheto: *Conversa de três pelegos com Satanás* (1978), de autoria do poeta Pedro Macambira, que versa sobre as lutas dos operários e *O movimento estudantil e as duchas Erasmo em São Paulo* (1977), de Willans M. Gomes de Barros, que versa sobre hostilidades entre estudantes e a polícia durante a ditadura militar (LUYTEN, 1981).

Contemporaneamente, os cordéis publicados em São Paulo versificam temas atuais, relativos a fatos do cotidiano no Brasil e no mundo, acrescidos de um juízo de valor por parte dos autores, bem como fazem adaptações de histórias clássicas da literatura universal para o universo do cordel como *Romeu e Julieta*, *A escrava Isaura*, entre outros (RESENDE, 2005; LUCIANO, 2012).

2.4 Literatura de cordel e ideologia

Foram localizadas poucas pesquisas e estudos que analisaram a literatura de cordel de uma perspectiva da análise da ideologia, sendo necessário apurar que os conceitos de ideologia adotados, explícita ou implicitamente, se afastam daquele aqui focalizado. A seguir efetuando uma breve síntese, a partir de Oliveira (2012), da sequência dos estudos que usaram o termo ideologia.

O estudo de Renato Carneiro Campos *Ideologia dos poetas populares* (1977), realizado seguindo a sugestão de Gilberto Freyre, na época diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, localizado em Pernambuco, teve como objetivo analisar o contexto de produção dos poetas da zona rural de Pernambuco, situando ideologia em sua pesquisa a partir de uma concepção sociológica, definida como um “sistema de ideias peculiar a um determinado grupo e condicionado, em última análise, pelos interesses desse grupo” (CAMPOS, 1977, p. 9).

Para desenvolver o seu estudo, o autor assinalou seis tipos diferentes de temáticas dos cordéis circulantes na região da Zona da Mata de Pernambuco: histórias de bichos e supertições, sertanejos nos engenhos, heróis astutos, educação e literatura de cordel, política, religião. Abordaremos brevemente algumas delas.

Na primeira temática, o autor estudou a relação entre homens e animais, enfatizando que a literatura de cordel desenvolvida no sertão pernambucano na década de 1950 familiarizava o trabalhador rural com os animais, especialmente alguns estranhos à nossa fauna, como aqueles vistos em circos que passavam pela região. Para Campos (1977), tratava-se de uma relação marcada por uma ternura, sendo os animais retratados como companheiros fiéis, conforme pode ser apurado no cordel *O cachorro dos mortos* de Leandro Gomes de Barros (CAMPOS, 1977). O autor também enfatiza nessa temática a relação dos animais com a sorte, ao destacar o jogo do bicho, em que:

[...] são muito ouvidas nos engenhos expressões como esta: Vou “arriscar” (jogar no bicho) em “compadre leão” ou em “comadre tigre”. Por compadres e comadres os matutos tratam: bois, cavalos, galinhas, passarinhos. O compadrio ainda é na zona rural de Pernambuco, como noutras do Brasil, um laço bastante forte: o fortalecimento de uma admiração e de uma boa amizade (CAMPOS, 1977, p. 17)

Completando essa primeira temática, o autor apontou para a relação dos sonhos com os animais. Nesse caso, destacou a interpretação dos sonhos com animais e as supertições que os acompanham, assinalando o folheto de José Gomes de Lima *Livro dos sonhos e dos sinais naturais*, no qual o cordelista referiu-se ao sonho com cobras como sinal de mau-agouro; ao sonho com bois significando lutas e dificuldades e ao piolho representando doença e desastres.

Na segunda temática, o autor fez uma referência à presença dos sertanejos nos engenhos que lá chegavam procurando emprego e fugindo da seca. Eram narrativas

produzidas pelos cordelistas semelhantes às histórias circulantes no cordel de reis, heróis e princesas, com a substituição dos reis pelos senhores de engenho e dos heróis por sertanejos valentes. Aliás, esse era um enredo utilizado comumente por escritores da região, que não escrevem feitos de um herói regional, excetuando-se somente as histórias de “amarelinho”²⁵, uma vez que o senhor de engenho reinava absoluto na região, garantindo “sua autoridade através de ‘vigias’ reconhecidos e autorizados pelas polícias dos municípios” (CAMPOS, 1977, p. 40). É nesse contexto que foram divulgadas histórias de bravura e rebeldia dos sertanejos, vistos como insubordinados, contra fazendeiros e donos de fazenda, sem temer nem mesmo as ações da polícia. Outro aspecto ressaltado pelo autor nessa temática é o preconceito racial dos trabalhadores de engenhos com o negro, comumente retratado como desordeiro, o vilão da história e o brigão que vive insultando a tudo e a todos. Essa questão foi retomada e ampliada no estudo de Moura (1976), conforme veremos mais a frente.

Na terceira temática, Campos (1977) voltou suas atenções para os heróis astuciosos. O autor indicou, como referência do herói astuto, o personagem Pedro Malasartes, criado nos contos populares europeus com origem mais antiga datada do fim do século XVI em Portugal, na Cantiga nº. 1132 do *Cancioneiro da Vaticana*. Era um personagem que se destaca pela sua esperteza e astúcia para ter sucesso em suas aventuras. Segundo Veríssimo “encarnaria todas as qualidades e defeitos do brasileiro de origem lusa e possivelmente com um pouquinho de sangue índio. Malazarte seria inteligente, generoso, sentimental, preguiçoso, sensual e imaginoso” (VERÍSSIMO, 1953, p. 89).

No caso da literatura de cordel, Campos (1977) resalta a importância de Pedro Malasartes ao inspirar os poetas populares a criarem versões brasileiras do personagem, descritos, especialmente, como “amarelinhos”. Entretanto, os “amarelinhos” diferenciam-se de Malasartes em sua descrição física, identificado com o trabalhador rural, sobretudo do Nordeste do Brasil:

[...] É o Pedro Malasartes definitivamente nacionalizado, tão desejado por Amadeu Amaral, encarnado no físico opilado e mirrado do trabalhador de engenho ou usina, quase sempre “amarelinho”, com a saúde roída pela verminose, pela sífilis e pela deficiência alimentar, identifica-se por um mecanismo de projeção com os “amarelinhos” dos folhetos, das anedotas, das histórias contadas pelo povo ajudando-o a vencer as dificuldades do presente (CAMPOS, 1977, p. 55).

²⁵ De aparência pálida, fraca, magro, pobre.

Como exemplos de “amarelinhos” na literatura de cordel brasileira encontramos João Grilo, Cancão de Fogo, entre outros. A grande aceitação desses personagens está, não somente na semelhança física dos trabalhadores de engenho com os heróis da narrativa, mas, também, no êxito obtido por eles em suas aventuras, superando todos os obstáculos e enganando os poderosos. Segundo observa Campos (1977), os trabalhadores de engenho preferem essas histórias, as quais descrevem os sertanejos como valentes, em razão das proezas dos “amarelinhos” serem mais próximas da sua realidade do que àquelas façanhas dos sertanejos heróis. Esses personagens ainda são bastante populares na atualidade, haja vista a sua retratação no teatro e no cinema com a obra *O Auto da Compadecida*, e versões de novos autores para João Grilo na literatura de cordel.

Esse estudo, conforme apontou Oliveira (2012), direcionou as pesquisas na literatura de cordel para uma compreensão dos folhetos em um contexto social mais amplo, sendo seguido e aprofundado, nos anos 1970, pela pesquisa de mestrado da professora Ruth Brito Lêmos Terra (1983), *Memórias de luta: Literatura de folhetos do Nordeste 1893-1930*.

Neste livro, a pesquisadora levantou o contexto social e político da criação do cordel, apontando os problemas da seca e o nascimento do cangaço. Ressaltou ainda, as diferenças entre os cantadores e os poetas do cordel, ao dizer que o cordelista “gozava de uma independência econômica desconhecida do cantador; enquanto este vivia geralmente sob a tutela dos fazendeiros, promotores de cantorias, aquele podia contar com a venda de folhetos para o seu sustento” (TERRA, 1983, p. 17).

A maior contribuição desse trabalho, segundo Oliveira (2012), foi o fato de que a autora voltou a sua atenção à formação da literatura de folhetos como um sistema de produção cultural, descrevendo as características materiais dos folhetos, preço e público consumidor. A autora abordou também o espaço de atuação e a influência dos poetas na publicação dos folhetos, denotando a primeira preocupação deles com a autoria ao marcar os seus poemas mediante o uso de acrósticos no fim dos exemplares.

Um divisor de águas nos estudos sobre a literatura de cordel foi a reflexão efetuada pela Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ), ao promover uma pesquisa bibliográfica com o intuito de formar uma base de dados para a sistematização das investigações sobre a temática. Contudo, essa fundação não possuía um caráter acadêmico, contando, entre seus

pesquisadores com professores, folcloristas e escritores aficionados por cordel. O diálogo entre esses diferentes pesquisadores deu origem a um programa editorial composto por três partes:

[...] um Catálogo (1961) com cerca de mil folhetos; uma Antologia dividida em quatro volumes: a primeira (1964), de autores diversos, a segunda (1976) e a terceira (1977) reuniu folhetos de Leandro Gomes de Barros, e a quarta (1977), acolheu as estórias de Francisco das Chagas Batista; e outro de Estudos, tendo como colaboradores Manuel Diegues Jr., Ariano Suassuna, Bráulio do Nascimento, Dulce Martins Lama, Mark j. Curran, Raquel de Queiróz e Sebastião Nunes Batista (OLIVEIRA, 2012, p. 80).

Conforme Oliveira (2012), essa iniciativa foi de suma importância para a configuração do cordel como um objeto de estudo, pois graças à colaboração desses intelectuais, o cordel pode, pela primeira vez, ser incluído como tema do primeiro congresso de crítica textual realizado no Brasil, entre os dias 12 e 18 de novembro de 1973, representando parte do Congresso Internacional de Filologia Portuguesa, organizado pela Universidade Federal Fluminense e pela Casa de Rui Barbosa.

Apesar de não terem sido incluídos na reflexão de Oliveira (2012), dois outros textos merecem destaque nesta perspectiva: o livro *A ideologia do cordel* de Ivan Cavalcanti Proença (1976), de difícil leitura e síntese; e *O preconceito de cor na literatura de cordel*, de Clóvis Moura (1976).

Proença (1976) fez uma ampliação do estudo iniciado anteriormente por Campos (1977), utilizando também o conceito de ideologia associado à literatura de cordel com o objetivo de:

[...] mostrar que, por detrás da (aparente) não-ideologia que envolve os textos da literatura de cordel, transparece exatamente a sua ideologia. Da mesma forma que as pessoas procuram ver nos ditos dos textos literários os não ditos (que, para nós, só serão relevantes se comprovados naqueles ditos) será possível também nos indícios de uma não-ideologia, identificar-lhes exatamente a ideologia (PROENÇA, 1976, p. 11).

Para tanto, Proença (1976) enfoca, em sua obra, o contexto de produção e circulação da literatura de cordel na publicação dos poetas cordelistas nas feiras livres no Nordeste, atraindo a atenção do povo que parava para ouvir o cantador tocar e versar suas poesias de cordel. O autor, como outros já citados anteriormente, conseguiu identificar temáticas

bastante variadas no cordel desde acontecimentos policiais a romances, histórias fantásticas, contos populares, política, religião, entre outros, definindo-se como uma mídia representativa das vozes do povo, uma vez que a maioria dos poetas cordelistas encontrados era de origem popular oriundos do Nordeste.

Assim, Proença (1976) identifica na leitura da literatura de cordel, uma vertente ideológica ao se remeter à errância do cordel.

[...] “o cordel tem caráter errante, o autor se subordina ao esquema que lhe é imposto, os preconceitos ‘afastam’ o cordel da elite intelectual, faculdades de letras inclusive”, e também ressalta: O cordel, mesmo quando apologista do lugar comum, ainda aí é uma forma original de ruptura com uma literatura oficial e regular, a que o povo não tem acesso. Claro que esse cordel ao mostrar-se produto de “marginalização” literária, e entendido enquanto literatura não “regulamentar”; também não escapa às redes sufocantes do sistema, influenciado por uma imprensa (jornais e TV) normalmente dirigida, quadrinhos, cinema americano, órgãos oficiais de comunicação, hoje empenhados implicitamente na consolidação de uma aldeia global (PROENÇA, 1976, p. 57 – 58).

O autor assinalou a coexistência de dois tipos de ideologia no texto, uma interna e outra externa (oriunda dos campos exteriores aos textos: meio, sociedade, condições de vida, época) à literatura de cordel. Proença (1976) compreende literatura como uma retomada do real que permite olhar além da arte pela arte, resgatando o fazer do artista e a sua intencionalidade, assumindo que um texto não irá perder o seu valor literário por não trazer ou por trazer nas entrelinhas um recado explicitamente engajado. O autor exemplifica a sua argumentação citando personagens criados por Machado de Assis como Capitu e Bentinho, que, além de trazerem a criatividade do autor, expõem o reflexo de uma época, possibilitando uma retomada crítica da realidade com base nos textos literários. Com esta compreensão, Proença (1976) se propõe a analisar criticamente a relação cordel/ideologia/comunicação, partindo da característica central do cordel: ser endereçado ao povo. Dessa forma, o autor foi apreender nos versos dos cordelistas qual o conceito que possuem de arte e artista e suas funções na sociedade concluindo que o cordel constitui:

[...] uma literatura paralela à culta, esses folhetos preenchem o hiato que separa o povo dos frequentadores de livrarias. Têm os seus autores célebres ou preferidos, têm os seus editores, fazendo gemer os prelos continuamente [...] um mundo editorial e literário à parte, até certo ponto precursor, pois que passar em verso Iracema, ou o Amor de Perdição, corresponde, na verdade às traduções na língua

lusitana que fazem editores portugueses com a literatura brasileira (PROENÇA, 1976, p. 35).

O estudioso ampliou essa discussão ao enfatizar a relação entre autores e leitores com base na comunicação sobre a construção dos temas dos cordéis, quando defendeu que “só é popular o que povo aceita e torna seu”. Justifica sua argumentação, embasada nas histórias criadas pelos cordelistas, onde é evidenciada a vida dura dos trabalhadores no campo, o elogio ou a crítica a grandes personagens do mundo e da política, temas religiosos, biografias e grandes feitos de santos reconhecidos e defendidos no universo popular, como Padre Cícero e Frei Damião (PROENÇA, 1976, p. 41).

Proença (1976) ressaltou ainda que o caráter popular da arte estabelece uma relação viva com a herança, respeitando as tradições nos seus processos de criação, ao mesmo tempo em que se apresenta como uma totalidade viva e atual, atenta às mudanças ocorridas no mundo, comunicadas na mídia (televisão, jornais, cinema e revistas) e na vida do povo. Nesse sentido, o autor indicou alguns significados de “ideologia” na literatura de cordel apreendendo as influências da mídia e do contexto social em que os poetas vivem que são transpostos nas capas e nas histórias dos cordéis, apontando a função de comunicação e venda nos folhetos. Assim, Proença (1976) destacou três campos de significados nos cordéis: religião, política e o meio social. Para cada um desses campos apontou a existência de valores opostos que convivem nessa literatura.

Nos significados religiosos, os cordéis apontam uma exaltação dos protetores (santos) do povo, ícones de adoração e vítimas de perseguição dos ricos e poderosos. Além desses significados, Proença (1976) encontrou cordéis marcados por discussões sobre religião e política, onde eram feitas oposições entre figuras eclesiais e militantes políticos, propiciando um embate entre visões diferentes de mundo.

Nos significados políticos, Proença (1976) indicou duas direções assumidas pelos poetas cordelistas: exaltação dos governantes e críticas aos governos e aos políticos. Na primeira direção, os poetas retratam os governantes como os salvadores do povo e mantenedores da ordem, sendo destaque nesse âmbito a figura de Getúlio Vargas, retratado como o “pai dos pobres”. Na segunda direção, os cordelistas criticam os políticos que não cumprem as suas promessas de campanha, advertindo ao eleitor, durante o período de eleições, para que não seja enganado por esses políticos.

Em relação ao meio social, Proença (1976) destacou o olhar crítico dos poetas ao registrarem as queixas do povo vitimado pela seca no Nordeste, as guerras ocorridas pelo mundo, como a segunda guerra mundial e a tirania de Hitler e Mussolini, responsáveis pela morte de milhões de pessoas. Nesse campo de significados ainda são ressaltadas: a retratação de fatos históricos no cordel, como a abolição da escravidão, e a adaptação de lendas e contos populares.

Em suma, Proença (1976) conclui que uma aparente “não ideologia”, fruto de uma análise apressada por meio de um exame dos textos ao longo dos folhetos, compõe o quadro geral da própria “ideologia”. Quer seja uma “ideologia” criada nas origens dos cordelistas, a partir da tensão entre criadores populares, meio ambiente e arte, quer seja aquela refletida em seus cordéis, a partir da exaltação de heróis ou anti-heróis e autoridades constituídas expressas nos meios de comunicação e nos fatos históricos. Tudo isso vai compor o quadro dessa ideologia, ora integrando-se à sociedade na exaltação das autoridades e da situação do país, ora rompendo com as estruturas, criticando os governantes instituídos e o mundo ao seu redor, colocando “a voz do povo” nos meios literários.

Por sua vez, Moura (1976) propôs-se a estudar o preconceito contra o negro na literatura de cordel brasileira. O autor tomou como ponto inicial a existência de estereótipos contra o negro no Brasil, que se revelam de forma sutil e velada, ou de maneira aberta e explícita, refletida no folclore, na nossa história e na nossa vida social. Prossegue em sua introdução, abordando que esse fato já foi registrado por estudiosos do assunto (folcloristas, historiadores, sociólogos e etnólogos) em várias regiões do país, mostrando que o folclore brasileiro é composto por símbolos que refletem o preconceito contra o negro.

No Nordeste, onde essa literatura possui o seu centro de influência, Moura (1976) sugeriu uma função reflexiva do cordel sobre as dificuldades da sociedade nordestina, com suas contradições estruturais. Ali, o cordel circularia como elemento de ligação entre os diversos grupos sociais que, por meio dele, veriam os seus problemas projetados de forma precisa ou deformada, nele encontrando a solução para algumas situações.

Nesse sentido, Moura associou

[...] a existência da Literatura de Cordel a uma necessidade social da área onde ela surge ou é consumida, necessidade que nasce em grupos ou camadas atingidas por problemas agudos ou crônicos para os quais somente encontram a solução

simbólica, por transferência. Essa necessidade, por seu turno, propicia a projeção da sua função nos grupos sociais que por ela são atingidos, produzindo reações positivas ou negativas, de acordo com a carga ideológica que o autor, quase sempre de maneira inconsciente imprimiu à sua obra, na descrição dos fatos e situações abordados (MOURA, 1976, p.6).

O autor mostrou, em sua análise de 25 folhetos de cordel, que o negro é, apresentado, sistematicamente, inferior ao branco, sendo retratado de forma ridícula ou pejorativa. Conseguiu apreender como grandes categorias de significados da inferiorização dos negros: sexual, relações amorosas, branqueamento dos negros e identificação com o demônio.

Nos “significados” interpretados a partir do item da sexualidade, Moura (1976) assinalou a mulher negra vista meramente como um objeto sexual do macho branco. O autor explicou que essa construção é uma das heranças do regime escravista, quando a mulher era vendida como um objeto e tinha que se sujeitar a todos os caprichos do macho. Em decorrência desse costume da sociedade escravocrata relativo ao uso da mulher escrava, vários estereótipos foram criados sobre o comportamento da negra: “ardência” (prazer) maior do que o da mulher branca, lubricidade e uma capacidade de gozar e fazer o homem branco gozar de forma inusitada, o que teria levado muitos senhores ao uso exclusivo da negra nos momentos de maior ardor sexual.

Nos “significados” apreendidos das relações amorosas, Moura (1976) destacou a inferiorização do homem negro como o “corno”, o marido traído, que aceita a traição da mulher e se submete ao homem branco. Quando o personagem negro se opõe a esse estereótipo, é retratado como violento e criminoso sendo punido pelo branco e colocado em uma posição inferior.

Outro “significado” levantado por Moura (1976) foi o branqueamento dos negros. Segundo o autor, essa designação seria uma tentativa de equiparar-se ao branco negando a sua cor, uma vez que a ela estariam ligados defeitos estigmatizantes. Assim, para ascender socialmente, o negro deveria identificar-se cada vez mais com os valores dos brancos, assimilando as características de uma raça considerada superior e negando as suas próprias origens. O autor ainda faz uma menção às produções de escravos na literatura de cordel, inexistente no material que analisou, porém circulante nos desafios dos primeiros

cantadores como Inácio da Catingueira que defendem as características da raça negra, opondo-se ao branqueamento.

Por fim, Moura (1976) indica como um significado para os negros a associação com o demônio. O “demônio”, também denominado como “cão” nos folhetos, é um personagem que habita o cenário das populações sertanejas sendo encontrado geralmente em lugares assombrados durante a noite. O autor arrola para várias denominações atribuídas ao demônio pelos sertanejos como “tinhoso”, “coisa ruim”, “homem da encruzilhada”, “pé de cabra”, “bode”, “cão”, “belzebu”, “demo”, entre outras. O negro é associado ao demônio habitando o inferno com outros negros, e sendo visto como um símbolo da maldade, orgia e depravação, desviando dos valores convencionais e punindo as almas penadas e pecadoras. O autor também encontrou, nos folhetos, algumas situações de conflito entre o negro demônio e o branco destacando que, em todas elas, ocorre a vitória do branco em detrimento da submissão do negro.

Moura (1976) concluiu o seu estudo apontando que a representação do negro como um personagem inferior na literatura de cordel está relacionada diretamente à influência da ideologia das classes dominantes sobre os poetas populares, com o interesse em manter as populações negras sob o estigma da dominação e da inferioridade resguardando a população do qualificativo de preconceituosa para o grupo que viveria nas “áreas onde a literatura de cordel circula” (MOURA, 1976, p. 70).

Por esta revisão de literatura nota-se um relativo silêncio do debate sobre a ausência de mulheres como escritoras de cordel bem como sobre considerações das relações de gênero na literatura de cordel, tema do próximo tópico.

2.5 Mulheres e relações de gênero no cordel

Para construir este eixo de análise, realizamos um levantamento inicial no banco de teses e dissertações da Capes, com os descritores “literatura de cordel; mulher” “literatura de cordel; homem”, “literatura de cordel; feminilidade”, “literatura de cordel; masculinidade”, localizando 27 dissertações e três teses. Adotamos os mesmos descritores, para análise da base de artigos acadêmicos no banco da Scielo e dos periódicos Capes. Ao todo, conseguimos compor um grupo de 48 estudos (tabela 1).

Tabela 1- Características predominantes de produção acadêmica brasileira referente à literatura de cordel e relações de gênero (1987-2012)

	Número	Porcentagem
Período		
1987-1992	1	2,1%
1993-1998	3	6,2%
1999-2004	9	18,7%
2005-2010	26	54,3%
2011- 2012	9	18,7%
Total	48	100%
Autoria		
Masculina	9	18,7%
Feminina	36	75%
Misto	3	6,3 %
Total	48	100%
Formato		
Dissertações	27	56,2%
Teses	3	6,2%
Artigos	13	27,1%
Ensaaios	5	10,5%
Total	48	100%

Fontes: Bases de dados virtuais (Scielo, Periódicos Capes, Biblioteca Nadir Gouveia, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações).

Observa-se que a produção é recente (apenas quatro títulos registrados com data anterior a 1999), predominantemente produzida por autoras (75%) no formato de teses/dissertações (62,4%). Pode-se observar que as teses, dissertações e artigos relacionados à literatura de cordel e às relações de gênero resumiram-se em cinco tendências: novas autoras na literatura de cordel, opressão e estereótipos do feminino, temáticas feministas, identidades masculinas e usos do cordel em novos campos.

De um modo geral, a literatura analisada enuncia um viés de opressão à mulher associado ao cordel. Destaca-se a reduzida presença de mulheres entre produtores, autores e editores de cordel. Quando adentramos o tema específico referente às novas autoras, observa-se que a participação de mulheres entre autores de cordel é recente e ocorre desde os anos 1980. Essas autoras discutem nos textos de cordel as relações de gênero opressoras, participam de projetos como o *Sescordel novos talentos*, criado em Juazeiro do Norte (CE) com o intuito de incentivar as produções de novas autoras. Ainda em Juazeiro do Norte (CE), vale a menção do programa *Coisas do meu sertão* do radialista Elói Teles, lançado na década de 1960, que durante 35 anos deu oportunidade para novas poetisas divulgarem os seus trabalhos, tais como Sebastiana Gomes, Rosimar Araújo e Josenir Lacerda. Foi um

programa que exerceu grande influência na difusão da poesia sertaneja e do cordel tanto de autoria masculina, como de autoria feminina. Em relação aos cordéis, as personagens mulheres estão, em sua maioria, relegadas ao papel de submissas e passivas em relação aos homens (SANTOS, 1987; MAXADO, 1994; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999; FARIAS; SANTOS, 2004; SANTOS, 2006; QUEIROZ, 2006; OLIVEIRA JÚNIOR, 2009; SANTOS, 2009; BARBOSA, 2010; LINS; LINS, 2010; SILVA, 2010; LINS; SACRAMENTO, 2011; NASCIMENTO, 2011; MANOEL, 2012).

Em relação à inserção de novas temáticas, os trabalhos mostram que na criação de folhetos por parte das cordelistas, ocorre a denúncia do domínio masculino nas relações e as opressões sofridas pelas mulheres, abrindo um universo novo com assuntos relativos aos problemas da mulher contemporânea, como a saúde feminina, a dupla jornada de trabalho, o meio ambiente e a política. Da nova safra de autoras, destaca-se a produção da cearense Sebastiana Gomes de Almeida, também conhecida como Bastinha. Professora aposentada de Língua Portuguesa e Literatura Popular da Universidade Regional do Cariri - URCA, ela tem publicado títulos voltados a temas atuais como a ecologia, e a tabus sociais, como o “corno”, as “solteironas” e as “sogras”, transitando entre uma mobilização política e o gênero satírico, utilizando-se de humor e malícia ao trabalhar com as mazelas sociais, a crítica política e aos costumes, sendo de sua autoria *A sogra no folclore, Dona Flor e seus namorados, A safa do professor, Lula cadê?*²⁶ (QUEIROZ, 2006)

Se outrora era praticamente impossível mencionar autoras na literatura de cordel, o cenário atual indica algumas mudanças: apesar de permanecerem minoria, conta-se com mais de 70 cordelistas em atuação no Brasil (QUEIROZ, 2006). Encontra-se sua maior presença na região Nordeste do país, em especial, Campina Grande (PB) e Juazeiro do Norte (CE). Essas cidades contam com projetos de incentivo da secretaria de cultura, de universidades e do apoio de cordelistas como Manoel Monteiro que oferece oficinas e palestras sobre o cordel, divulga, incentiva, revisa e edita a produção de cordéis de mulheres em Campina Grande. Em Juazeiro do Norte, os principais movimentos de

²⁶ [...] Assim a escrita do cordel feminino é enriquecida com veios sociológicos, filosóficos, históricos que se unem a feições familiares e tradicionais, em total harmonia no texto poético. Orquestrados pela oralidade, os temas se organizam em torno de um discurso semântico que se expande na pluralidade dos assuntos e na fala coloquial e descontraída do povo, engendrando uma nova identidade que irrompe no mundo hegemônico masculino da Literatura de cordel (QUEIROZ, 2006, p. 59).

incentivo à produção das mulheres são a SCM e a ACC, já mencionados, exercendo, entre as suas atividades, a divulgação das novas autoras, realçada pela organização de uma antologia pela pesquisadora Francisca Santos, publicada em 2008, contando com a colaboração de doze poetisas (QUEIROZ, 2006; SANTOS, 2006; LOUREIRO, 2010; LUCENA, 2010; SILVA, 2010; LINS; SACRAMENTO, 2011; NASCIMENTO, 2011).

Delineando o perfil das cordelistas, apuramos, pelos trabalhos acadêmicos, que elas apresentam, em sua maioria, formação em nível superior, atuando como professoras, advogadas, pedagogas, sendo uma referência a ser evidenciada na comparação aos primeiros homens cordelistas. Dentre elas, enfatizamos as autoras mais citadas nos trabalhos acadêmicos: Hélvia Callou, Maria de Fátima Coutinho, Maria Goldelivie, Salete Maria da Silva (SANTOS, 2006; QUEIROZ, 2006; SILVA, 2010; LINS; SACRAMENTO, 2011).

Professora, jornalista e cordelista, a pernambucana Hélvia Callou, radicada na Paraíba desde 1973, publica cordéis dedicados à crítica e denúncia dos problemas sociais, da economia, do ambiente e da política, merecendo destaque a reflexão que faz sobre a escravidão no folheto *Abolição sem libertação* (2002) (FERREIRA; BATISTA, 2010; SILVA, 2010).

Cordelista e professora de Literatura Brasileira, a paraibana Maria de Fátima Coutinho dedica a sua produção de cordéis à abordagem de questões da mulher contemporânea e sua relação com o sexo masculino. Um dos cordéis relevantes em sua obra é o título *A vida de mulher* (2002), que aborda a rotina da mulher na sociedade contemporânea e a sua dupla jornada de trabalho (SILVA, 2010).

Maria Goldelivie, paraibana, é poeta, professora e contadora de histórias. Considera como inspirações as estórias que a sua mãe lhe contava na infância e as leituras dos folhetos comprados na feira popular ao lado do pai. Escreve a maioria de seus folhetos com títulos jocosos, utilizando o humor para aplicar lições de moral, por exemplo, *A ganância do chifrudo* (2004), *O gostoso* (2005), entre outros. Prioriza, ainda no cordel, a “desconstrução e reconstrução da figura feminina”, por meio da quebra de estereótipos ao retratar uma mulher “atuante, viva e íntegra”. Entre suas produções, menciona-se ainda o folheto *Mulher macho, sim senhor!* (2008) (QUEIROZ, 2006; SILVA, 2010).

Advogada, professora e poeta, a cearense Salete Maria da Silva escreve seus folhetos com um teor predominantemente político, assumindo os interesses das minorias: mulheres, gays, negros, entre outras. A autora também é identificada como uma militante feminista na luta pelos direitos e pelo lugar da mulher na sociedade, haja vista o seu folheto *Habeas bocas, companheiras!* (s.d.) (QUEIROZ, 2006; SANTOS, 2006).

Identificamos, também, um grupo de trabalhos debruçados sobre a apropriação dos folhetos de cordel por outros campos de atuação como a enfermagem, ao utilizar a literatura com finalidade didática, no caso como uma forma de promoção da saúde e do bem-estar da mulher, conforme se observa na análise de produções dos cordelistas dedicados a esse tema na cidade de Fortaleza, enfatizando a função do folheto *Criança amamentada, adulto saudável*, de Geraldo Frota (OLIVEIRA; REBOUÇAS; PAGLIUCA, 2008).

O tema “imagens da mulher no cordel” foi o predominante entre os títulos acadêmicos localizados: 30 dentre os 48 títulos recuperados nas bases de dados se referem a essa temática. A área de Letras foi a que mais publicou pesquisas sobre esse tema na literatura de cordel. A região Nordeste foi a que mais concentrou trabalhos, com 25 produções (17 dissertações, uma tese, cinco artigos e dois trabalhos apresentados em congressos).

No rol das dissertações e teses, três pesquisas buscaram apreender a imagem da mulher na visão dos cordelistas homens: Lima (2006), Mendes (2009) e Barbosa (2010). Lima (2006) analisou o modo como a linguagem utilizada nos folhetos de cordel reflete a imagem da mulher na cultura regional nordestina. Para tanto, analisou um *corpus* de 20 folhetos, que apontou para imagens da mulher como sensual, fiel, valente, ameaçadora e casta, em geral, submissa ao homem. A autora concluiu que essas imagens são reflexos de uma perspectiva masculina, devido à limitada participação feminina nesse campo, ditando seus comportamentos e costumes.

Mendes (2009) assinalou a imagem da mulher nos folhetos de autoria de Leandro Gomes de Barros. A autora realizou a sua análise buscando apreender as descrições utilizadas para o autor relacionadas à figura feminina em suas diferentes etapas da vida (criança, jovem, adulta). A estudiosa apontou que a figura feminina na obra de Leandro é relevante para as relações sociais no cordel devido às alternâncias que apresenta: ora adere

aos estereótipos de submissa, dependente, bela e fiel, ora busca a própria felicidade, sendo nesse momento caracterizada como inteligente e corajosa.

Por sua vez, Barbosa (2010) realizou uma investigação para apreender como a identidade da mulher era constituída nos folhetos de autores do século XX e quais mudanças podem ser observadas na figura feminina no século XXI, na publicação de cordéis de autores e autoras. Para tanto, a autora analisou folhetos que enalteciam o conflito entre “mulher de casa e mulher da rua”, fundamentando-se nos estudos feministas de Del Priore (1995). A estudiosa concluiu que, na passagem de século, a tradição patriarcal começou a ser questionada, especialmente, pelas novas cordelistas que ingressam no universo da literatura de cordel, e, utilizam-se do humor nos seus cordéis para criticar as relações de gênero na sociedade, abordando a imagem de uma mulher moderna, ativa e trabalhadora, não mais dependente do homem. Entretanto, Barbosa (2010) também ressalta a ambiguidade de certas produções que, através do humor, caracterizam satiricamente a “nova mulher” como o oposto: a opressora de homens ou o cúmulo da dependência.

[...] Há no cordel, então, uma sátira que não pretende derrubar o modelo de família burguês e patriarcal, mas reinventá-lo, através de um humor que, aos poucos, vai dando novas interpretações sobre a mulher, mesmo que seja ainda prendendo-a a estereótipos, como também é observado no folheto *Eu mando tanto, que mando a mulher mandar em mim* (BARBOSA, 2010, p. 213).

Duas pesquisas dentre as localizadas abordaram a imagem feminina nos cordéis de autoria de mulheres. Queiroz (2006) efetuou uma pesquisa em busca de mulheres cordelistas em atividade no Brasil e quais as temáticas abordadas em suas produções. Realizando buscas em bibliotecas, universidades e fundações, além de dialogar com professoras e cordelistas como Francisca Santos, em Juazeiro do Norte (CE) e Manoel Monteiro, em Campina Grande (PB), localizou cerca de 70 autoras espalhadas pelo Brasil, notando que a maioria delas encontrava-se em fase de produção, mas ainda sem ter uma obra consagrada. Ela realizou a sua análise nos estados da Paraíba e do Ceará, em razão de esses serem locais com a maior presença de poetisas no momento de realização da pesquisa, seu estudo destaca as obras de duas autoras: Salete Maria (CE) e Maria Godelivie (PB). Como resultado, apreendeu que as poetisas apresentam uma perspectiva de desconstrução e reconstrução da identidade feminina, opondo-se aos estereótipos propagados nos cordéis de

autores homens ao apontar para a imagem de uma mulher atuante e participativa na sociedade.

Silva (2010) realizou seu estudo na Paraíba, selecionando autoras paraibanas que problematizassem questões de gênero nos folhetos e que participassem de projetos voltados à promoção da literatura de cordel no estado. Ao dialogar com a crítica feminista a partir das discussões sobre feminilidades de Del Priore, Silva (2010) apreendeu nos textos das autoras analisadas, novas imagens da mulher: dominante, sedutora, ativa e batalhadora, militante, política e debatedora de temas polêmicos como a poligamia e a crítica ao governo, contribuindo com temáticas inovadoras na literatura de cordel.

Assim como as teses e dissertações, os artigos acadêmicos também estudam opressões de gênero e novas autoras na literatura de cordel. Destacam-se, nessa seara, dois artigos: Grillo (2009) e Troina (2009). Grillo (2009) estudou as imagens das mulheres nos textos publicados na primeira metade do século XX, apreendendo, nos folhetos, a representação das mulheres em papéis que variam da anti-heroína, compreendidas como falsas e malcriadas, até aquela de mulheres puras, submissas e comportadas. A autora interpretou que essas imagens são reflexos de uma sociedade paternalista, regida por uma forte moral (não determinada pela autora), relegando à mulher um papel de submissão frente ao homem.

Troina (2009) efetuou a análise de dois gêneros da poesia oral, o corrido²⁷ e o cordel, com o intuito de conhecer como representavam a atuação das mulheres. A autora mostrou, em seus resultados, que a idealização da mulher nos dois gêneros da poesia oral ocorre baseada em personagens fortes como a *soldadera*²⁸ Adelita e a cangaceira Maria Bonita, mostrando imagens de mulheres valentes, fortes e violentas. A autora assinala, ainda, que as mulheres começam a ter vez e voz nesse gênero poético, destacando as produções de novas cordelistas como Salete Maria e Hélvia Callou e de cantadoras no gênero do corrido como Lydia Mendoza e Jenni Rivera, que questionam os padrões patriarcais ao trazer novos olhares e temáticas para esse campo.

Conforme se observa na bibliografia acadêmica, a composição das imagens dos homens na literatura de cordel está diretamente relacionada aos ideais de masculinidade,

²⁷ poesia oral de caráter popular produzida e sustentada pelos mexicanos e utilizada como uma forma de resistir à dominação norte-americana

²⁸ Denominação utilizada para se referir às mulheres que participaram da Revolução Mexicana.

circulantes nos folhetos produzidos desde o princípio do século XX até os dias atuais, influenciando as novas gerações de autores que começam a publicar no século XXI. Assim, a entrada dos estudos de gênero no âmbito das ciências foi fundamental para esse debate, quando a universalidade do modelo de homem e o determinismo biológico, predominantes até então, passaram a ser questionados (OLIVEIRA JÚNIOR, 2009).

Em nossa pesquisa realizada com o uso dos descritores “literatura de cordel; homem” localizaram-se dez trabalhos acadêmicos cujo objeto de pesquisa foi a imagem do homem na literatura de cordel. Entre esses, identificamos dois artigos dedicados à caracterização da imagem do nordestino na literatura de cordel: o de Albuquerque Júnior, (1999) e o de Oliveira Júnior (2009).

Em seu artigo, Albuquerque Júnior (1999) dedicou-se a análise de como se opera a construção do personagem nordestino na literatura de cordel. Embasou-se no conceito da encenação de Maffesoli (1981), na análise da expressão da violência nos cordéis e qual a sua influência nas normas de conduta e moral de homens e mulheres na sociedade. Seus resultados apontaram para uma representação da violência no cordel centrada na figura do nordestino que:

[...] vai sendo desenhado por estas narrativas como este ser violento e afetivo aos enfrentamentos pessoais, como este pobre rebelado contra as injustiças dos mais ricos, contra a desonra e a humilhação. O nordestino é figurado por um conjunto de personagens que em seus próprios nomes já trazem a marca da violência, da valentia, e, às vezes da própria crueldade e maldade (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 178).

Desta forma, o autor sintetiza a imagem do “cabra macho”, traduzido nas imagens com as construções de um homem destemido, forte, valente, corajoso, controlador que se afirma no uso da violência e na defesa da honra, da mulher e dos direitos dos pobres.

Por sua vez, Oliveira Júnior (2009) discutiu as relações de gênero com base nas representações do cangaceiro Antônio Silvino, nos cordéis dos poetas, Francisco das Chagas Batista, Leandro Gomes de Barros e José da Costa Leite. Sua pesquisa dialoga com as relações de gênero ao utilizar o conceito de gênero de Scott (1995). Como resultado, o autor apreendeu que a imagem do homem cangaceiro é a de um guerreiro, viril, justo, corajoso e violento, afirmando, assim, um modelo de dominação masculina que teria perdurado na sociedade nordestina no século XX. O autor também apreendeu, nas imagens

do cangaceiro retratadas pelos cordelistas, um modelo de homem burguês, branco, bem aparentado com bigode e cabelos lisos, atento e apresentável ao público, concluindo que essa preocupação expõe a admiração e respeito “por se tratar de um homem que mesmo sendo perseguido pela justiça era um indivíduo público” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2009, p. 13).

Ferreira e Batista (2010) analisaram a imagem do homem negro em folhetos de cordel do acervo da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina. Embasados no estudo de Moura (1976) já mencionado, sobre o preconceito contra o negro na literatura de cordel, os autores coletaram 40 títulos de cordel que pudessem se referir ao negro, selecionando 32 desses para análise. A pesquisa apontou um rebaixamento dos personagens homens negros frente aos homens brancos, associando-os a imagens de demônios, fracos, traídos e feios, evidenciando o predomínio do preconceito racial na literatura. A pesquisa mostrou, também, uma perspectiva de mudança nos olhares voltados para os negros destacando o cordel *Recordando Zumbi*, do cordelista Luís Melo (1994), no qual o autor faz um resgate da história, luta e importância de Zumbi para a liberdade dos negros; e o cordel *Abolição sem liberação*, da cordelista Hélvia Callou (2002), no qual a autora faz uma reflexão sobre a abolição da escravidão, os modos como esse processo foi contado nos livros didáticos, o preconceito racial atual e os estereótipos que foram criados para o homem e a mulher negra na Literatura, na mídia e na sociedade.

Por fim, destaca-se o artigo de Silva (2006), no qual o autor discute a noção de crise do masculino em folhetos publicados nas últimas três décadas do século XX, após as mudanças que observa nas relações de gênero da sociedade depois das ações dos movimentos feministas. O autor selecionou mais de 100 cordéis publicados a partir da década de 1970 sob a hipótese de que poderiam ser sentidos os efeitos dos movimentos feministas nessa literatura. A sua pesquisa encontrou como temas abordados nos cordéis: virilidade/machismo; luta pelo amor; homem traído; homem em crise. Como resultados, sua investigação evidenciou uma ausência de “crise” da figura masculina, ao mostrar, nos folhetos, a preservação das imagens de um homem machista, conservador, esperto, dominante e contrário à assimilação de traços femininos, o que o autor atribuiu ao fato de o cordel, enquanto “produção artístico-cultural ser um forte espaço simbólico de resistência às aventuras da modernidade, fato que por si só justificaria, a partir de então, o não desenho

dessas novas relações de gênero nesses textos” (SILVA, 2006, p. 23). Ora, como podemos perceber, a contemporaneidade vem influenciando os modos de produção bem como as instituições de produção do cordel brasileiro.

Além desses estudos, encontrou-se uma produção- aqui não analisada em detalhe - de títulos de cordel que estabeleceram um diálogo cordel-feminismo, no qual se observam ações empreendidas pelos órgãos públicos brasileiros: o cordel *Mulheres do preconceito à justiça!* encomendado pelo Sindicato da Previdência (gestão 2008-2011) de autoria da cordelista Rivani Nasario, que faz uma homenagem ao centenário do dia da mulher, destacando as mulheres brasileiras e sua luta constante por respeito e espaço. Por sua vez, o cordel *Mulher vitimada, lei aplicada!*, solicitado pelo Núcleo da Prevenção à Violência do Sertão, de autoria do cordelista Osvaldo Nunes de Barros, traz um enfoque informativo a respeito da Lei Maria da Penha, de 2006, e o combate à violência contra a mulher.

O conjunto desses estudos serve de suporte à pesquisa aqui realizada, ao mostrarem aspectos relevantes das análises das relações de gênero apontando modelos de mulheres e homens, ou seja, de masculino e feminino que foram e continuam sendo publicados e divulgados na literatura de cordel, sinalizando, em sua maioria, a predominância de valores masculinos nas histórias como a coragem, bravura e valentia, ao passo que o feminino é visto como passivo, fiel, submisso. Dessa feita, observamos a ocorrência de bipolaridades, conforme ressalta Scott (1995), quando ocorre uma disputa de poder, onde o masculino predomina frente ao feminino. Contudo, também encontramos pesquisas que indicam a inserção de mulheres nesse universo com a inclusão de novas temáticas e valores para o feminino, atribuindo às personagens femininas uma voz ativa, corajosa, participante e independente do masculino, contribuindo com novos significados, que permitem “reinventar” o feminino. Pensando nesses valores analisados e sintetizados nas dissertações e teses, buscamos compreender se os cordéis publicados em São Paulo pela Editora Luzeiro seguem o modelo bipolar de dominação ou se atribuem novos significados ao masculino e ao feminino.

3 ANÁLISE FORMAL

Neste capítulo prosseguimos com a segunda etapa da hermenêutica de profundidade (HP), ou seja, análise formal ou discursiva das formas simbólicas em destaque nesta pesquisa: discursos sobre o masculino e o feminino apreendidos em 28 folhetos de cordel, dirigidos ao público adulto, publicados na cidade de São Paulo pela Editora Luzeiro no período de 2000 a 2012.

A análise formal ou discursiva proposta por Thompson (2009) tem como intuito a descrição da organização interna das formas simbólicas, suas estruturas, padrões e relações. Nesta dissertação, adotamos, para a descrição de discursos sobre o masculino e o feminino apreendidos nos folhetos da literatura de cordel, a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) e por Rosemberg (1994). Essas técnicas se desenvolvem por meio de procedimentos sistemáticos de descrição e caracterização de discursos, de forma a buscar objetividade e constância na coleta de dados, num processo de ir e vir entre o material empírico e o objeto de investigação.

O capítulo é composto por duas partes: na primeira efetua-se a descrição dos procedimentos; na segunda apresentam-se os resultados.

3.1 Procedimentos

A apresentação dos procedimentos envolveu três etapas: a constituição do *corpus*; a construção das grades de análise e sua aplicação; a sistemática de análise e organização dos resultados.

3.1.1 Constituição do *corpus*

O *corpus* é o conjunto de documentos acerca do qual são efetuadas as análises. Para chegar aos 28 folhetos de cordel, que compuseram o nosso *corpus*, precisamos percorrer um longo caminho entre a busca de acervos e a tomada de decisões. Inicialmente, pretendíamos estudar os folhetos de cordel disponíveis no acervo da Biblioteca Pública

Belmonte, situada no bairro de Santo Amaro em São Paulo. Tal escolha se devia a três fatores associados à biblioteca:

- a) centrar-se na temática da **cultura popular** desde 2007, contando, assim, com um grande acervo voltado para as produções neste campo, promovendo oficinas e debates com artistas e escolas da região;
- b) ser um local de encontro muito usado pelos cordelistas em São Paulo com o intuito de realizar discussões sobre cultura popular, lançar novas obras e promover oficinas para crianças e adultos da região;
- c) possuir o maior acervo de folhetos de cordel das bibliotecas públicas de São Paulo, conforme nos foi informado pelos diretores da biblioteca.

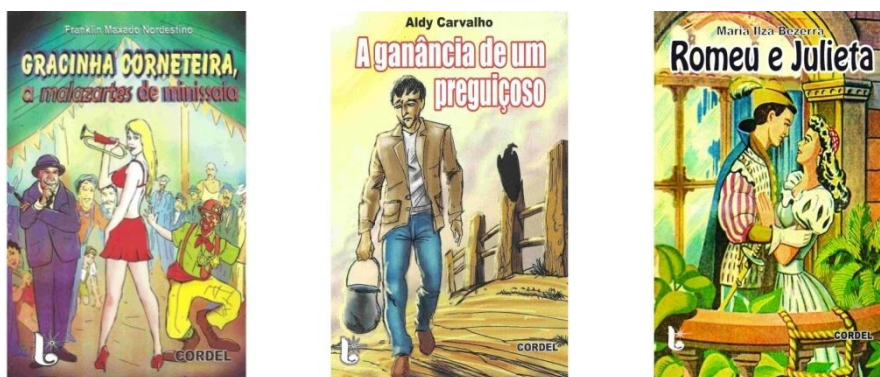
Apesar desses argumentos favorecendo a escolha do acervo da Biblioteca Belmonte, encontramos dificuldades para acessar as informações sobre os folhetos de cordel da biblioteca e selecionar um *corpus*, por causa da impossibilidade de um empréstimo dos exemplares da biblioteca para posterior análise. Diante desse cenário, nossa atenção voltou-se para outras alternativas.

Uma alternativa encontrada seria realizar a pesquisa a partir da **Caravana do Cordel**, listada no catálogo de acervos da Biblioteca Belmonte. Essa opção começou a ser vislumbrada após observar, que, em oficinas ministradas por cordelistas na biblioteca, haviam folhetos de cordel de autores envolvidos no movimento. Ao pesquisar esse movimento, apreendemos sua importância para a formação de novos cordelistas, bem como sua consistência na divulgação da cultura popular. Restava, agora, constituir o universo da nossa pesquisa.

Apreendemos, em seguida, que a maioria dos autores participantes da **Caravana do Cordel** publica seus folhetos de cordel pela Editora Luzeiro. Diante disso, elegemos como universo da nossa pesquisa os folhetos de cordel publicados pela referida editora, cujo acervo contabiliza um total de 311 títulos (apêndice A). Nesse conjunto, selecionamos títulos seguindo três critérios:

- a) aqueles publicados por autores participantes da **Caravana do Cordel**;

- b) que tivessem no seu título referência aos descritores “homem”, “mulher” e suas variações;
- c) que fossem publicações individuais, uma vez que pretendíamos analisar o impacto de algumas características associadas aos autores no conteúdo das obras



Figuras 5, 6 e 7: exemplos de títulos e capas que fazem referência a homens e mulheres (Folhetos de cordel 7, 6 e 15).

Contudo, na primeira tentativa, não conseguimos constituir uma amostra significativa ao selecionar um título para cada autor, compondo um conjunto de apenas oito títulos. Então, voltamo-nos novamente aos títulos publicados pela Editora Luzeiro, fazendo uma nova seleção, para a qual adotamos os seguintes critérios para escolha dos títulos:

- a) autores vivos que publicam ou publicaram na editora;
- b) folhetos de cordel que tivessem no seu título referência aos descritores “homem”, “mulher” e suas variações;
- c) publicações individuais;
- d) títulos que fossem voltados ao público adulto;
- e) publicações que não fossem feitas sob o uso de pseudônimos por autores mortos, como os títulos de autoria de Giovanni Boccaccio e Adam Fialho que, na verdade, são de autoria de Manuel D’Almeida Filho (MAXADO, 2005).

Definidos os critérios para selecionar os folhetos de cordel era ainda imprescindível para a nossa pesquisa dispormos da informação sobre a data de publicação da primeira edição dos títulos, com o intuito de formular um *corpus* contemporâneo. Isto

só foi possível consultando o *website* da Fundação Biblioteca Nacional e da Fundação Casa de Rui Barbosa. Dessa maneira, conseguimos organizar um quadro (ver apêndice B) contemplando as informações sobre títulos e datas de publicação. Fazendo a retirada dos autores clássicos e falecidos e dos folhetos de cordel que não fazem referência ao masculino ou feminino em seus títulos, o universo assim constituído para a pesquisa reduziu-se de 311 para 86 folhetos de cordel. Para constituir o nosso *corpus*, elegemos apenas títulos publicados a partir dos anos 2000, sorteando um título por autor com o intuito de diversificar os folhetos a serem analisados. Assim, chegamos a um total de 28 títulos que constituíram o *corpus* desta pesquisa (Quadro 2).

Quadro 2- Informações seletas sobre os folhetos de cordel que compõem o *corpus* da pesquisa

Autor	Título	Ano de publicação	Número de páginas
1. Aldy Carvalho	A ganância de um preguiçoso	2011	32
2. André Pêsego	As filhas gêmeas do boto	2010	16
3. Antônio Barreto	O caipira e a delegada	2010	16
4. Antônio Américo de Medeiros	A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte	2009	32
5. Arievaldo Viana	O castigo da inveja ou o filho do pescador	2012	32
6. Carlos Alberto Fernandes da Silva	Mandela, o homem, o herói, o mito	2010	32
7. Cícero Pedro de Assis	Viagens de Gulliver	2012	32
8. Costa Senna	Lampião e seu escudo invisível	2009	32
9. Franklin Maxado Nordeste	Gracinha corneteira, a Malazarte de minissaia	2011	32
10. Fátima Fílon	O silicone	2012	16
11. Gerson Lopes de Araújo	Relatos de um quilombola	2012	32
12. Godofredo Solon	A incrível história de Hércules e seus 12 trabalhos	2012	32
13. João Gomes de Sá	A briga de Zé Valente com Leide Catapora	2007	32
14. João Firmino Cabral	O encontro de Lampião com o coronel	2006	32

	Pinga-Fogo		
15. José Heitor Fonseca	A história de Chico Pica-Fumo	2010	32
16. Josué Gonçalves de Araújo	O coronel avarento ou o homem que a terra recusou	2009	32
17. Marco Haurélio	Presepadas de Chicó e astúcias de João Grilo	2008	32
18. Maria Ilza Bezerra	Romeu e Julieta	2001	32
19. Moreira de Acopiara	Roberto do Diabo	2010	32
20. Paulo Henrique Ferreira	Gandhi: um homem chamado Mahatma	2011	16
21. Paulo Nunes Batista	O negrinho do pastoreio	2008	32
22. Pedro Monteiro	Chicó, o menino das cem mentiras	2011	32
23. Rafael Neto	Mãe voltou depois de morta	2011	16
24. Rouxinol do Rinaré	O matador de dragões, bravura, amor e magia	2011	32
25. Valdenor Marques Souza	O homem das três patacas	2011	32
26. Vanderley Carvalho	A história de Tereza	2011	32
27. Varneci Nascimento	Mulher encalhada	2012	16
28. Zé Barbosa	As bravuras de Roldão e mala do defunto	2010	32

Fontes: Fundação Biblioteca Nacional, Fundação Casa de Rui Barbosa e Catálogo *on-line* dos títulos da Editora Luzero²⁹.

Assinalamos que, em nosso *corpus*, foram poucos os títulos (apenas dois) de autoras mulheres o que impediu que realizássemos comparação entre as obras de homens e mulheres, conforme ponderamos anteriormente.

²⁹ **Fundação Biblioteca Nacional** - catálogos online.

Disponível em: <http://catalogos.bn.br/scripts/odwp022k.dll?SHOWINDEX=livros_pr:livros:sh:T:>>.

Fundação Casa de Rui Barbosa - acervo cordel.

Disponível em: <<http://www.casaderuibarbosa.gov.br/cordel/acervo.html>>. Acesso: 05 ago. 2013.

3.1.2 Estratégias de análise

Definido o *corpus* da pesquisa, construímos categorias de análise para descrever o conteúdo levantado dos folhetos de cordel relativo ao masculino e feminino.

Conforme observou Bardin (1997), tratar o material é codificá-lo.

[...] A codificação corresponde a uma transformação – efectuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices (BARDIN, 1977, p. 103).

A categorização consiste em

[...] uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação, e, seguidamente, por reagrupamento {...} com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro no caso da análise conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns desses elementos (BARDIN, 1977, p. 117, grifo da autora).

Para proceder à análise, elaboramos “manuais” (reproduzidos nos apêndices G), que são grades analíticas e contém não apenas o rol de categorias, mas também sua definição. Assim, trabalhamos com três tipos de manuais que correspondem a três unidades de análise: folhetos, história e personagens. Os resultados relacionados a cada categoria de análise foram organizados em planilhas, agrupados e reagrupados de acordo com a necessidade de apresentação dos resultados.

No primeiro manual, incluímos categorias cuja fonte é o próprio folheto (informações catalográficas, capa e título); no manual da história, privilegiamos o universo da narrativa, a periodização, a modalidade dos folhetos, os cenários de violência, as mortes e as práticas de justiça; por fim, no terceiro manual, atentou-se para os personagens (protagonistas) das histórias, suas atuações e a maneira como participam do cenário da violência.

Quadro 3- Síntese dos manuais e das categorias de análise

Manual	Categorias	Subcategorias
I. Contexto de produção dos folhetos	(1) Nº. do folheto; (2) Ano de publicação; (3) Número de páginas; (4) Número de histórias; (5) Ocupação/profissão do autor; (6) Escolaridade do autor; (7) Sexo do autor; (8) Naturalidade do autor; (9) Ano de nascimento do autor; (10) Currículo literário do autor; (11) Sexo do coordenador editorial; (12) Sexo do revisor; (13) Sexo do ilustrador; (14) Sexo do selecionador de textos; (15) Sexo do capista; (16) Sexo do diagramador; (17) Sexo dos conselheiros editoriais; (18) Sexo do classificador; (19) Sexo do diretor geral; (20) Ilustração de capa; (21) Objetos que são portados, na capa, por personagens masculinos; (22) Objetos que são portados na capa por personagens femininos; (23) Título do folheto	(1) Número do folheto; (2) Ano de publicação; (3) Número de páginas do folheto; (4) Número de histórias; (5) Profissão/ocupação dos escritores; (6) Contexto escolar; (7) Masculino/feminino; (8) Origem do autor; (9) Ano de nascimento do autor; (10) Publicações do autor; (11) Masculino/feminino; (12) Masculino/feminino; (13) Masculino/feminino; (14) Masculino/feminino; (15) Masculino/feminino; (16) Masculino/feminino; (17) Masculino/feminino; (18) Masculino/feminino; (19) Masculino/feminino; (20) Capa; (21) Meninos, homens; (22) Meninas, mulheres; (23) Título do folheto
II. História	História: (1) Universo; (2) Época/ano; (3) Modalidade das histórias dos folhetos; (4) Violência de gênero-homem para mulher; (5) Violência de gênero- mulher para homem; (6) Violência explícita nas histórias; (7) Derramamento de sangue nas histórias; (8) Morte nas histórias; (9) Prática de justiça nas histórias;	(1) Onde se passa a história; (2) Período; (3) Classificação do cordel; (4-5) Práticas de violência entre os sexos; (6) Práticas de violência nas histórias; (7) Tipos de violência: física (agressões físicas, socos, chutes), psíquica (indiferença, punições), sexual (estupro), crime (manter em prisão ou matar); (8) Sexo do personagens mortos nas histórias; (9) Justiça moral, dos homens, institucional;
III. Personagens	Personagens: (1) Sexo; (2) Idade ou etapa de vida; (3) Cor/raça; (4) Atributos; (5) O protagonista é posto a prova; (6) Antagonista; (7) Enfrentamento; (8) Desbravamento; (9) Causas de punição; (10) Tipos de punição	(1) Masculino/feminino; (2) Fase da vida; (3) Cor/etnia; (4) Qualidades ou defeitos; (5) Adversidades que o personagem principal enfrenta; (6) Rival/vilão do protagonista; (7) Disputas de poder entre protagonista/antagonista; (8) Protagonista que sai em busca de aventuras ou de salvação; (9) Maldição, crime, adultério, agressão

física; (10) Morte, perda dos bens, constrangimento público, assombração.

Os dados, produzidos a partir dessas categorias, foram sistematizados em tabelas e quadros, descritos, sistematicamente, de modo ainda analítico. Posteriormente, organizamos os resultados de modo dedutivo, contemplando as principais tendências apreendidas.

3.2 Resultados

Este tópico será destinado à análise do *corpus* desta pesquisa, isto é, dos discursos referentes ao masculino e ao feminino apreendidos em 28 folhetos de cordel, dirigidos ao público adulto, publicados na cidade de São Paulo pela Editora Luzeiro no período de 2001 a 2012. Para tanto, organizamos a apresentação dos resultados em tabelas, gráficos e quadros, complementados por exemplos retirados das unidades de análise tal como propôs Bardin (1977). Assim, sintetizamos as informações captadas em torno das principais tendências observadas. Quando informamos que a apresentação dos resultados ocorrerá em torno das principais tendências, isto significa que não seguimos a ordem das unidades de análise/manuais, mas dos grandes temas que conseguimos captar após uma análise dedutiva. Os grandes temas ou tendências são: o contexto de produção; o homem adulto branco como representante da espécie; bipolaridade de gênero e violência. Na descrição desses eixos atentamos para o caráter significativo das formas simbólicas. Partimos do pressuposto de que a produção das formas simbólicas, bem como sua interpretação, são processos que envolvem a aplicação de regras, códigos, convenções, referências e contextos de vários tipos e exibem uma estrutura articulada.

3.2.1 O contexto de produção, a obra e seu produtor

Conforme já mencionado, esta pesquisa analisou 28 folhetos de cordel publicados entre os anos de 2001 e 2012, pela Editora Luzeiro da cidade de São Paulo. Trata-se, pois,

de um conjunto de obras contemporâneas, traço que fica mais marcante quando observamos que 67,8% delas foi publicado entre 2010 e 2012 (quadro 4).

Quadro 4- Informações seletas sobre o contexto de produção dos folhetos de cordel

Categorias	N= 28	%
Folhetos contendo 32 páginas	18	64,3
Publicados entre 2010-2012	19	67,8
Contém 1 história	24	85,7

Fonte: Banco de dados da pesquisa.

Os folhetos de cordel ostentam, majoritariamente, 32 páginas (64,3%) e apresentam uma única história (85,7%), tendo-se observado que apenas quatro contêm mais de uma história: *O homem das três patacas* (27); *A briga de Zé Valente com Leide Catapora* (5); *Lampião e seu escudo invisível* (28) contêm, cada um, duas histórias; o folheto *A história de Chico Pica-Fumo* (26) contempla três histórias. Portanto, se nosso *corpus* de folhetos de cordel contém 28 unidades (o que inclui as capas e os títulos), nosso *corpus* das histórias contém 33 histórias, particularidade que deve ser levada em consideração nas análises posteriores³⁰ (quadro 5).

Voltando nossa atenção para os autores, observamos que em sua maioria (86%) são naturais da região Nordeste (predominantemente Bahia e Ceará). Isto é, apesar de publicarem em São Paulo, a expressiva maioria dos autores é migrante. Por outro lado, a distribuição de idade assinala que estamos lidando com autores em idade mediana, sendo que 40% nasceu no período mais recente.

Quadro 5- Características predominantes relacionadas aos autores de cordel

Características predominantes do autor (N=28)		Número absoluto	%
Sexo	Masculino	26	92,8
	Feminino	2	7,2
Naturalidade	Nordeste	24	86
Data de nascimento	1941- 1960	10	35,8
	1961-1991	11	39,2
	1924-1940	3	10,7
	Não informado	4	14,3

³⁰ A partir desse momento, quando nos referimos à denominação folheto estaremos tratando do primeiro *corpus* de análise (folhetos de cordel) como unidade. Quando fizermos alusão às histórias, nosso foco serão as histórias que compõem todos os folhetos, com o nosso *corpus* sendo representado nas 33 histórias.

Escolaridade	Até o Ensino médio	2	7,1
	Ensino superior (Letras e Literatura)	7	25
	Ensino superior (demais áreas)	5	17,9
	Não informado	14	50
Ocupação	Relacionadas ao cordel	10	35,7
	Relacionadas ao campo artístico	11	39,4
Currículo literário	Exclusivamente cordel	13	46,4
	Cordel e outros gêneros	14	50

Fonte: Banco de dados da pesquisa

Apesar de a informação sobre a escolaridade dos autores não estar sempre disponível na biografia que acompanha os folhetos de cordel (informação ausente em 50% dos casos), observamos que, diferentemente do senso comum, é expressivo o número de autores que dispõem de curso superior (42,9%), graduação ou pós-graduação, preferencialmente nas áreas de Letras ou Literatura. Esta inserção artístico-literária foi observada, também, na categoria “ocupação” e “currículo literário”. Assim, 75,1% dos autores exercem ocupações no campo artístico (incluindo outras atividades relacionadas ao cordel) e metade deles (50%) se dedicam a outras atividades voltadas à literatura ou outras publicações (Tabela 2)

Tabela 2 – Distribuição de frequência de autor por área de ocupação

Áreas de ocupação	Quantidade de autores	%
Relacionadas à literatura de cordel	10	35,7
Relacionadas ao campo acadêmico	3	10,7
Relacionadas ao campo artístico	11	39,4
Outras áreas	3	10,7
Não informado	1	3,5
Total	28	100

Fonte: Banco de dados da pesquisa

Uma observação se faz necessária: os folhetos de cordel que compõem a amostra não são narrativas de autores inéditos, pois apenas 14,3% constituem a primeira produção cordelista dos autores aqui analisados. São eles: *A ganância de um preguiçoso* (Folheto 6); *Gandhi: um homem chamado Mahatma* (Folheto 17); *O coronel avaro ou o homem que a terra recusou* (Folheto 25); *O homem das três patacas* (Folheto 27). Ou seja, estamos lidando com um *corpus* produzido por autores que podem ser considerados veteranos. E na

síntese deste primeiro bloco de resultados permite informar que a produção aqui analisada é produzida predominantemente por autores do sexo masculino, nascidos na região Nordeste, boa parte deles com formação superior, em Letras ou Literatura, não sendo novatos tendo já publicado mais de um cordel. A grande maioria dos folhetos contém uma única história e uma boa parte foi publicada entre 2010-2012, portanto recentemente.

Deixamos para o final deste tópico o comentário que, para esta dissertação é o mais importante: 92,8% dos folhetos de cordel e 93,7% das histórias aqui analisadas são de lavra de autores homens. Localizamos apenas dois títulos de autoria de mulheres: *O silicone*, de Fátima Filon (Folheto 12), e *Romeu e Julieta* (Folheto 15) adaptação literária em cordel de autoria de Maria Ilza Bezerra. Antes, porém, de entrarmos na descrição da centralidade do masculino na literatura de cordel aqui analisada, trataremos de outras dimensões do contexto agora focalizando as narrativas.

3.2.2 O homem como representante da espécie

Iniciamos este tópico com uma brevíssima súmula de cada uma das 33 histórias que compõem o *corpus* de 28 folhetos de cordel (quadro 6).

Quadro 6: Súmulas referentes às histórias que compõem o *corpus*

Título da história	Súmula
1 Presepadas de Chicó e Astúcias de João Grilo	Aventuras de dois jovens no sertão nordestino do século XIX
2 Roberto do Diabo	Drama, família e religião: a vida da criança “maldita” Roberto do Diabo
3 O negrinho do pastoreio	Lenda gaúcha: a vida sofrida de uma criança escrava
4 As bravuras de Roldão e a mala do defunto	Aventuras de Roldão, um herói português
5 A briga de Zé Valente com Leide Catapora	Disputa pela preservação do meio ambiente entre Zé Valente e Leide Catapora
5a O bem-te-vi cantador defendendo a natureza	Palestra do Bem-te-vi sobre a importância de cuidar do meio ambiente
6 A ganância de um preguiçoso	Os percalços e aprendizados na vida de um preguiçoso
7 Gracinha corneteira, a Malazartes de minissaia	A vida de uma mulher “infernai” e seus amantes apaixonados
8 O castigo da inveja ou o filho do pescador	Vidas cruzadas: o filho do pescador e a família do sultão
9 A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte	Agruras de uma migrante Nordestina
10 A incrível história de	Adaptação literária da vida de Hércules

Hércules e seus 12 trabalhos	
11 O matador de dragões	Adaptação literária dos heróis germânicos
12 O silicone	Crítica à vaidade
13 Relatos de um quilombola	Trajetória de um quilombola (biografia)
14 Mandela, o homem, o herói, o mito	Biografia do líder sul-africano Nelson Mandela
15 Romeu e Julieta	Adaptação literária de Romeu e Julieta
16 O caipira e a delegada	Romance dos opositos na cidade de Salvador: o encontro entre uma delegada e um caipira
17 Gandhi: um homem chamado Mahatma	Biografia do líder indiano Mahatma Gandhi
18 O encontro de Lampião com o coronel Pinga-Fogo	Histórias do cangaceiro Lampião
19 As filhas gêmeas do boto cor-de-rosa	A origem dos filhos da América: a história dos filhos do boto
20 Mãe voltou depois de morta...	Reflexão sobre a riqueza e a avareza: as brigas e disputas entre o irmão rico e o irmão pobre
21 Chicó o menino das cem mentiras	O menino e o coronel: poder x inocência
22 Viagens de Gulliver	Adaptação literária de Gulliver
23 Mulher encalhada	Crítica à mulher solteira
24 A história de Tereza	A triste história de uma jovem religiosa que foge da família
25 O coronel avarento ou o homem que a terra recusou	A avareza do coronel que tudo possuía e nada cedia
26 A história de Chico Pica-Fumo	A história de um homem avarento
26a A história de Zé Herói	As aventuras de um herói perseguido em uma corrida de cavalos
26b Peleia de um fandango	Conflitos de um gaúcho em um bar
27 O homem das três patacas	O trabalhador e suas provas
27a O zé que virou santo	Zé, o homem que virou santo
28 Lampião e seu escudo invisível	Lampião e seus rituais religiosos de proteção
28a A história de Lídia	A triste história de uma cangaceira que traiu o marido

Fonte: Banco de dados da pesquisa

Este conjunto de histórias aponta uma particularidade auspiciosa para a pesquisa: incluiu, em boa medida, a diversidade de modalidades de narrativas de folhetos de cordel brasileiro, conforme analisamos, no capítulo 2.

Tabela 3- Distribuição de histórias por modalidade

Tipo de história (n= 33)	N	%
Acontecido	8	24,3
Adaptação literária	4	12,2
Biografias	2	6
Informativo	2	6
Folclore	4	12,2
Histórias fantásticas	2	6
História de cangaceiros	3	9
Religioso	3	9
Sátira social	5	15,3

Fonte: Banco de dados da pesquisa

Assim, dispomos no *corpus* de histórias de “acontecido”, as mais frequentes (24,3%), isto é, aquelas que se referem a eventos do cotidiano, como *O caipira e a delegada* (Folheto 16). As adaptações de literatura (como *Viagens de Gulliver*) ou do folclore nacional (como *O negrinho do pastoreio*), também se fazem presentes. No *corpus* contamos com histórias de Lampião ou de cangaceiros (*Lampião e seu escudo invisível*), religiosas (*A história de Tereza*), bem como sátiras sociais (*A ganância de um preguiçoso*). Mandela e Ghandi foram personalidades biografadas em dois folhetos (*Gandhi: um homem chamado Mahatma* e *Mandela, o homem, o herói, o mito*), ao lado de títulos informativos como *Relatos de um quilombola*. Também não faltaram as histórias fantásticas que abundam a literatura de cordel (*As bravuras de Roldão e a mala do defunto*, *A briga de Zé Valente e Leide Catapora*).

Tal diversidade temática vai se refletir nas dimensões de espaço e tempo das histórias, por onde se circulam os personagens, que analisaremos posteriormente. As histórias circularam, predominantemente, por universos que denominamos realista (66,7%), mas um terço delas situa-se em contexto não-realista (33,3%) ou fantástico, povoado de seres com poderes especiais, como dragões, feiticeiros, cavaleiros, bruxas entre outros (Quadro 7)

Quadro 7- Informações seletas sobre o universo das histórias

Categorias	(N= 33)	
	N	%
Tipos de universo		
Realista	22	66,7
Não realista	11	33,3
Localização		
Urbana	15	45,5
Não urbana	11	33,3
Mista	7	21,2
Locais		
Brasil	17	51,5
Exterior	10	30,3
Não identificado	6	18,2

Fonte: Banco de dados da pesquisa

Quando focalizamos a localização, diferentemente da expectativa do senso comum, os títulos analisados ocorrem no meio urbano com frequência (45,5%), envolvendo cidades de diversos tipos: Tebas na Grécia antiga; Salvador, nos dias atuais, entre outras. Bastante frequentes são os cenários “mistos” (21,2%) posto que em um bom número de histórias os personagens estão “em movimento”, na estrada: a mudança de cenário dá dinamicidade à história (*O caipira e a delegada*, *Gracinha corneteira*, *a Malazarte de minissaia*, *Mãe voltou depois de morta*). Finalmente, quanto ao universo, foi possível identificar em um número razoável de folhetos de cordel, o contexto geográfico (81,8%). Em sua maioria, este contexto é o Brasil (51,5% do total). Em relação ao Brasil, o Nordeste é o ambiente mais retratado composto em 36,3% das histórias.

Além da demarcação do espaço, as histórias também indicam uma dimensão temporal, nem sempre clara, mas dedutível a partir da leitura, quando o narrador cita o ano ou faz menção a algum movimento histórico (como o movimento feminista ou a

escravidão) ou ao uso de alguma ferramenta da contemporaneidade, como a internet. Dessa feita, indicamos que a maioria delas se passa até o século XX (60,7%) e apenas duas situam-se no século XXI (6%) (tabela 4).

Tabela 4- Distribuição de frequência da história por época analisadas

Épocas	N= 33	
	N	%
Não contemporâneas	20	60,7
Contemporâneas	2	6
Mistas	2	6
Não identificadas	9	27,3

Fonte: Banco de dados da pesquisa.

Entre as histórias contemporâneas, encontramos *Mulher encalhada* (Folheto 23) e *O silicone* (Folheto 12), com citações às ferramentas da modernidade, como a internet e programas de conversas virtuais (MSN).

Interligando tais observações aos currículos dos autores, podemos apontar convergências e divergências: de um lado o maior número de autores naturais do Nordeste não leva obrigatoriamente ao privilegiamento dessa região como contexto geográfico das histórias; por outro, um certo anacronismo na caracterização do contexto temporal. Afinal, estamos analisando uma produção literária cuja origem remonta, pelo menos, a Idade Média, conforme apontamos em *A incrível história de Hércules e seus 12 trabalhos* (Folheto 10) e *O matador de dragões* (Folheto 11).

Para a análise que seguirá, incidindo sobre personagens, chamamos não só a atenção sobre o anacronismo, mas também sobre a diversidade de temas, modalidades, universos e contextos geográficos. Ou seja, os personagens não estão inseridos em contextos monolíticos. Tal diversidade contextual intensifica a observação quanto à predominância do masculino sobre o feminino, tema do próximo tópico.

3.2.2.1 Os homens na confecção dos folhetos

Neste tópico mostraremos a predominância do masculino sobre o feminino em duas dimensões: na confecção do folheto de cordel como produto; na caracterização dos personagens.

A produção dos folhetos de cordel envolve, principalmente, homens nas mais diversas ocupações: da autoria, passando pela ilustração, até a direção da editora. Aparentemente, este predomínio masculino na produção não constitui exclusividade do cordel. No estudo de Albernaz (2010) sobre o “bumba meu boi” encontra-se a mesma observação nessa expressão popular: “[...] Os homens detêm grande parte do controle do conhecimento e da organização do grupo, de tomada de decisões, e dos recursos fundamentais e sua distribuição (ALBERNAZ, 2010, p.2)”.

Ao se analisarem, detalhadamente, os folhetos de cordel, encontram-se geralmente na página de rosto, informações sobre as pessoas que participaram dessa produção. No conjunto dos 28 títulos, foi possível obter informações referentes a nove funções na produção do cordel conforme especificado no quadro 8. Nota-se que, quando a informação está disponível, as funções são ocupadas exclusivamente por homens à exceção das duas autoras já mencionadas: Fátima Filon e Maria Ilza Bezerra.

Quadro 8- Distribuição de frequência dos folhetos de cordel por sexo dos profissionais, segundo funções desempenhadas na produção

Categorias	Sexo masculino		Sexo feminino		Sem informação	
	N	%	N	%	N	%
Autor	26	92,8	2	7,2	-	-
Capista	26	92,8	-	-	2	7,2
Classificador	7	25	-	-	21	75
Coordenador editorial	20	71,4	-	-	8	28,6
Conselho editorial	21	75	-	-	7	28,6
Diagramador	8	28,6	-	-	20	71,4
Diretor geral	28	100	-	-	-	-
Ilustrador	4	14,2	-	-	24	85,8
Revisor	22	78,5	-	-	6	21,5

Fonte: Banco de dados da pesquisa

A superioridade da presença masculina é marcante, pois, em nenhuma das funções da produção do cordel encontramos a participação de mulheres com exceção das duas autoras. Tal supremacia masculina foi também observada na análise de personagens.

3.2.2.2 Predominância de personagens masculinos

De acordo com experiência nas pesquisas do NEGRI (Moura, 2007; Silva, 2005), os personagens que são chamados a atuar em uma peça literária ficcional, podem ser representados em diversos *locus*: na capa, como ilustração; no título do texto; no corpo do texto, ocupando diversas posições, como personagens principais, ou protagonistas, ou participar apenas da multidão, ou de grupo. As posições em que os personagens aparecem podem marcar importância atribuída a eles no texto, no livro, no folheto de cordel. No conjunto de 28 títulos e 33 histórias de cordel analisados, dentre os personagens a supremacia é masculina (quadro 9).

Quadro 9- Distribuição de frequência de personagens por sexo, *locus* e posição nos folhetos de cordel e em suas histórias.

Categoria	Sexo									
	Masculino		Feminino		Misto		Não identificado		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Primeiro plano na capa (Folheto) N=28	18	64,3	3	10,7	7	25	-		28	100
Título dos folhetos (N=28)	18	64,3	6	21,5	4	14,2	-		28	100
Protagonista nas histórias (N=33)	21	63,6	6	18,2	3	9,1	3	9,1	33	100
Antagonista nas histórias (N=33)	20	60,6	4	12,2	3	9	6	18,2	33	100

Fonte: Banco de dados da pesquisa.

É notável a constância da supremacia de personagens masculinos, nos títulos, nas ilustrações e como protagonistas das histórias: em torno de dois terços são do sexo masculino. Além de predominantemente do sexo masculino, os personagens são majoritariamente adultos (82% dos protagonistas). Por outro lado, a cor/raça é raramente mencionada (72,7%) e quando o é, são protagonistas negros (27,3%), isto porque os brancos são representantes da espécie, não sendo necessário explicar sua cor/raça, pois, nessa literatura não necessariamente a cor/raça é mencionada. Entre protagonistas crianças e não brancos, destacamos Negrinho (Folheto 3) e Chicó (Folheto 21).

Portanto, seja da perspectiva dos produtores dos folhetos, seja da perspectiva da criação de personagens, a literatura de cordel nos faz adentrar um universo predominantemente masculino. Entramos mais detalhadamente nessa temática na análise de protagonistas e antagonistas no próximo tópico.

3.2.3 Protagonistas e antagonistas

Neste tópico abordamos duas etapas da análise: na primeira, indicamos quais os tipos de provas os protagonistas são submetidos nas histórias e, se ao passarem por essas provas, conseguem ser bem sucedidos. Enfatizamos também os antagonistas, seus pecados e de que modo foram punidos. Na segunda etapa, mostraremos quatro histórias com mulheres protagonistas, que romperam com os padrões estabelecidos pela sociedade.

3.2.3.1 Provas e castigos

Quando analisamos as ações dos protagonistas e antagonistas, observamos a mesma proporcionalidade masculino-feminino, conforme quadro 10: dentre as 25 histórias nas quais os protagonistas são postos a prova, em 21 delas (63,6% do total) os protagonistas são do sexo masculino.

Quadro 10- Protagonistas e antagonistas distribuídos de acordo com o sexo

Personagens	(N=33)	
	N	%
Protagonista posto à prova		
Masculino	21	63,6
Feminino	4	12,2
Não é posto à prova	8	24,2
Antagonista é punido		
Masculino	18	54,5
Feminino	4	12,2
Não ocorre punição	11	33,3

Fonte: Banco de dados da pesquisa

Interessou-nos, então, saber quais as provas enfrentadas por protagonistas do sexo masculino e feminino, e se aí notaríamos diferenças entre elas (Quadro 11). Utilizamos como categorias para construir essa análise:

- Enfrentamento: disputas de poder entre os personagens protagonista-antagonista no âmbito social e político;
- Desbravamento: jornadas empreendidas pelos personagens protagonistas em busca de uma melhora de vida ou em busca de tesouros;
- Protagonista bem sucedido: o personagem conseguiu superar a prova que lhe foi imposta;
- Protagonista mal sucedido: o personagem fracassou em superar as provas enfrentadas.

Quadro 11- Provas enfrentadas pelos protagonistas masculinos e femininos

Sexo	Provas	N	%	Protagonista bem sucedido		Protagonista mal sucedido	
				N	%	N	%
Masculino	Enfrentamento	17	68	14	56	4	16
	Desbravamento	4	16	3	12	-	
Feminino	Enfrentamento	3	12	1	4	2	8
	Desbravamento	1	4	1	4	-	
Total		25	100	19	76	6	24

Fonte: Banco de dados da pesquisa

Observando o quadro 11, percebemos que tanto os protagonistas masculinos quanto os protagonistas femininos tiveram como maiores provas os enfrentamentos (80%), sejam eles no âmbito social, com as disputas de poder e espaço na sociedade como na história *Gracinha Corneira: a Malazartes de Minissaia* (Folheto 7), ou no âmbito político conforme mostram as histórias de cangaceiros (*O encontro de Lampião com o coronel Pinga-Fogo; A história de Lídia*), onde há o embate entre cangaceiros e políticos. Outro ponto relevante que denotamos ao olhar o quadro 11 é o índice de protagonistas bem sucedidos, representado em 80,9% nos personagens masculinos, diferente do que ocorre com as mulheres protagonistas, as quais só conseguem ser bem-sucedidas em 50% das situações, ocorrendo a morte da personagem nas outras situações.

Voltando ao quadro 10, conseguimos ainda coletar informações sobre punições dos antagonistas. Observa-se que, em 22 histórias, os antagonistas são punidos, mantendo uma proporcionalidade inversa entre os sexos, devido aos antagonistas masculinos representarem mais de 4 vezes o total de antagonistas femininas. Interessa-nos mais apreender eventuais diferenças nas razões que estimularam os tipos de punição descrita para antagonistas de sexo masculino e feminino. Assim, organizamos um quadro com as causas da punição e os tipos de punição aplicados aos antagonistas. Abaixo, segue uma descrição sucinta dessas categorias.

Causas da punição:

- maldição: antagonista com poderes sobrenaturais que amaldiçoa o outro;

- crime: antagonista que rouba, mata ou mantém pessoas em cárcere privado;
- adultério: antagonista que trai o cônjuge;
- agressão física: antagonista que pratica a violência física.

Tipos de punição:

- morte: antagonista é morto por seus crimes;
- perda dos bens: antagonista perde suas posses para pagar pelos seus pecados;
- constrangimento público: antagonista é humilhado pelo outro;
- assombração: antagonista é punido por uma entidade religiosa.

Quadro 12- Punição de antagonistas

Sexo	Causas de punição	N	%	Tipo de punição	N	%
Masculino	Maldição	-	-	Morte	6	27,3
	Crime	11	50	Perda dos bens	4	18,3
	Adultério	1	4,5	Constrangimento público	1	4,5
	Agressão Física	6	27,3	Assombração	1	4,5
				Prisão	4	18,3
				Agressão física	1	4,5
				Redenção	1	4,5
Feminino	Maldição	2	9,1	Morte	2	9,1
	Crime	2	9,1	Perda dos bens	1	4,5
	Adultério	-	-	Constrangimento público		
	Agressão Física	-	-	Assombração		
				Prisão		
				Agressão física		
				Redenção	1	4,5

Fonte: Banco de dados da pesquisa

De acordo com o quadro 12, percebemos algumas semelhanças na comparação entre os gêneros. Em relação à maior causa de punição, destaca-se o crime (59,1%) mostrado desde o abandono de menores (*O castigo da inveja ou o filho do pescador*), até estupros e

mortes (*A mulher que mais sofreu na Paraíba do Norte, O encontro de Lampião com o coronel Pinga-Fogo*). Indicamos também que os pecados cometidos pelos antagonistas são, na maioria das vezes, punidos através da morte (36,4%), aplicadas pelos personagens para “eliminar” a causa do mal. Outro dado relevante que captamos diz respeito aos casos de “redenção” (9%), ou seja, quando os personagens punidos foram perdoados dos seus pecados através da religião (*O Zé que virou santo*), ou tiveram seus esforços de luta reconhecidos (*Hércules e seus 12 trabalhos*). De uma maneira geral, tudo isso compõe um grande quadro que situa o masculino como o centro da narrativa: seja como protagonista, antagonista ou justiceiro, uma vez que são as atitudes tomadas pelos personagens masculinos que vão ditar o rumo da história. A mulher, nesse cenário, é mostrada como uma coadjuvante, um personagem secundário que acompanha o homem, sendo retratada, na maioria dos casos, como a “princesa” que será salva, sem ter grande influência no andamento da história que está sendo contada.

Entretanto, em nossa pesquisa conseguimos localizar quatro personagens mulheres protagonistas que conseguiram romper com os padrões de predominância masculina e ter destaque na narrativa, as quais serão tema do nosso próximo tópico.

3.2.3.2 Protagonistas mulheres transgressoras

Quatro folhetos marcam história de personagens mulheres que puderam ser consideradas transgressoras, pois todas expuseram uma sexualidade ativa: Gracinha, a Malazartes de minissaia (Folheto de cordel 7: *Gracinha Corneteira, a Malazartes de minissaia*); Lúdia, a linda cangaceira (Folheto de cordel 28, história 2: *A história de Lúdia*); A delegada “fogosa” (Folheto de cordel 16, *O caipira e a delegada*); A linda Tereza descrente (Folheto de cordel 24, *A história de Tereza*).

Nessas quatro narrativas a sexualidade assume contornos eróticos via caracterização física da protagonista: Lúdia, uma “ninfá sedutora” (FOLHETO 28a, 2009, p.16); Gracinha “como uma cadela no cio provocava assobio com os peitos sob o véu” (FOLHETO 7, 2011, p.10); a delegada, sem nome, “tipo uma loba no cio, caminho da perdição” (FOLHETO 16, 2010, p. 10). A erotização de Tereza (FOLHETO 24) é menos evidente dada a evocação

religiosa que acompanha a narrativa: Tereza “livrou-se da adolescência”, foi seduzida, fugiu e “seguia com seu amante atravessando cidades” (FOLHETO 24, 2011, p. 8-9).

As cenas amorosas do caipira e delegada são descritas em vários versos, percorrendo uma tensão erótica envolvendo preliminares, ato sexual e “epílogo”, sem, porém, um desenlace definitivo como veremos adiante.

Gracinha que recebeu o codinome de “Malazartes de minissaia” é a protagonista de uma história que tem como mote “a inversão dos papéis no feminismo”, metáfora recorrente nos primórdios do movimento de mulheres.

Feminismo triunfante
Já chegou para valer
O macho se envergonha
De ser forte e ter prazer,
Querendo ficar por baixo,
Pôr avental, lavar tacho,
Limpar a casa e varrer (FOLHETO 7, 2011, p.3).

Esta reversão de papéis na configuração do feminismo na literatura de cordel já sido enunciada por Nunes (2010) ao mencionar a obra do clássico Leandro Gomes de Barros: “O mundo está às avessas/ homem raspando o bigode/ e mulher vestindo calça,/ isso é um pão com formiga,/ um banheiro com fumaça” (BARROS, 1983, p. 39, *apud* NUNES, 2010, p. 85).

Gracinha inicia a história como filha de mãe solteira, “teimosa, espevitada”, que desde cedo, mostrava desinibição perante os homens.

[...] Com as coxas descobertas,
Mostrando popa e regadas
Para o delírio dos machos,
Que aí viravam capachos
Contentes com as pisadas (FOLHETO 7, 2011, p. 10).

Graça era “menor”, ofuscada por seu dono que, sem nenhum pudor a oferecia por sua raça, desde o juiz ao delegado. Ela, contudo, não se importava com isso, não assumia a posição de vítima, acabou por se fazer feminista dentro daquela armação. Feminismo bem heterodoxo, na medida em que Graça ganhou sua autonomia econômica conseguindo liberdade (após quiprocó), maioridade e projeção por troca de “favores sexuais” com o delegado, juiz e um “caipira fortão”.

Como uma fêmea no cio,
 Era quase um animal.
 Sua vaidade íntima
 Pra o amor foi desigual.
 Foi um fogo no cerrado,
 Foi enchente no molhado
 Porque não tinha moral (FOLHETO 7, 2011, p. 27).

Gracinha foi para a cidade, participou de novelas e propaganda, não foi punida.

Mas essa sua Gracinha
 Não deixou de ser criança.
 Teve sua honestidade,
 Fez tudo pela bonança.
 Chegou agora a ser diva
 Por ter sorte e ser ativa,
 Por ter artes e lambança (FOLHETO 7, 2011, p. 31).

Ninguém é punido: Graça ou seus seguidores, nem por castigo divino, humano ou social.

Um cenário diferente do que encontramos na história da delegada. Inicialmente, o primeiro protagonista mostrado é um homem, o caipira que sonha em conhecer a cidade de Salvador, uma vez que lá chegando encontraria o amor.

Sou um pobre sertanejo
 Mas sou homem de valor,
 Venho das bandas do norte
 Pra visitar Salvador.
 E já sonhei várias vezes
 Encontrando um grande amor (FOLHETO 16, 2010, p. 6).

Assustado com a cidade grande, o caipira se envolve numa confusão ao tropeçar em uma madame na rua. Um policial que por ali passava, prende o caipira, alegando que homem que bate em mulher deve apodrecer na delegacia. Desesperado, o caipira implora por perdão, mas nada consegue e vai parar na delegacia. Lá chegando, conhece a segunda mulher transgressora: a delegada.

Triste e muito cabisbaixo
 Fui levado à delegada,
 Uma loirinha bonita
 De feição bem delicada,

Mas com cara de valente,
De topar qualquer parada (FOLHETO 16, 2010, p. 8).

A delegada é mostrada como dona da situação, detentora do poder e responsável por manter a ordem. Perante esse cenário, o caipira se via sem saída da prisão, decidindo então ser diplomático, ficando calado sem desafiar a autoridade da delegada. Todavia, enquanto a delegada escrevia o caipira lhe espiava curioso com aquela linda mulher. E foi entre essas ações que elaborou um plano.

E nesse espiar astuto,
Articulei o meu plano:
“Vou jogar todo meu charme,
Pra não entrar pelo cano,
Sou um mulato bonito,
Misto de índio e cigano (FOLHETO 16, 2010, p. 9)”!

Assim, o caipira seduziu a delegada, falando os seus conhecimentos de literatura, mitologia e religião. A delegada, atenta àquelas palavras, abraça o caipira e os dois se entregam a paixão.

Os corpos no chão rolando
Como dois patinhos no cio.
Não mais ele era detento,
Nada afetava seu brio:
Encontro mais que perfeito
Das águas do mar com o rio (FOLHETO 16, 2010, p. 13).

Desse modo, os dois se entregam a paixão e viveram felizes como um casal durante alguns dias. A história termina com o caipira retornando pra sua roça e a delegada para os seus trabalhos na delegacia, guardando na memória, a lembrança daqueles dias de felicidade.

Diferente foi o destino das duas outras transgressoras, Tereza e Lídia. Começamos por esta, protagonista título de *A história de Lídia*, integrando a segunda história do Folheto 28. Lídia era muito amada por seu companheiro, o negro Zé Baiano, que dentre os cangaceiros, era tão temido como um chacal. Tratava-se de um

[...] Ardente amor
Entre uma bela e a fera

Era bem vivo e pulsante,
 Não uma simples quimera (FOLHETO 28a, 2009, p. 17).

Depois que seu companheiro viaja, Lúdia, ressacada de amor, nota a presença de Bem-te-vi, um jovem cangaceiro que de longe olhava a moça. O jovem sentiu-se carregado por um desejo aventureiro ao ver na moça, um signo aventureiro.

[...] E já no final de tarde,
 Quando o mundo se acalmava,
 Ela tinha decidido,
 Se pegava ou largava:
 Nas labaredas da alma
 O desejo crepitava (FOLHETO 28a, 2009, p.19).

O casal, então, se entregou aos seus desejos e tiveram momentos apaixonados de relações sexuais. Entretanto, nem tudo era só felicidade. Besouro, outro cangaceiro que por ali passava, presenciar toda “assanhação”, com desejo de também “comer” daquele saboroso pão. Assim que Bem-te-vi deixa a moita, Besouro entra, com toda a certeza de que agora era a sua vez.

Com o impacto do susto,
 Ela deu-lhe um empurrão
 E disse: - Cabra safado
 Não passe o pé pela mão,
 Eu me dou pra quem eu gosto
 Não é pra qualquer um, não (FOLHETO 28a, 2009, p.20)!

Após ser descoberto, Bem-te-vi foge para não ser punido pelos cangaceiros, deixando Lúdia com a sua própria sorte. E sozinha Lúdia ficou, pensando em uma solução. Depois de refletir, decidiu ficar e encarar seu destino, afinal era uma cangaceira e não poderia fugir da morte.

Não sei qual é a maneira
 Que o Zé vai me matar,
 Não vou lhe pedir perdão,
 Tremer, gritar ou chorar,
 Eu vou sofrer em silêncio,
 Sem uma lágrima soltar (FOLHETO 28a, 2009, p. 23)!

Mantendo o seu orgulho, Lúdia permanece junto aos cangaceiros, enquanto aguarda pelo retorno de Zé Baiano. Zé Baiano volta e, ao saber do coito de Lúdia a derruba com um

soco e a arrasta pelos cabelos em direção ao tribunal de Lampião. Este, sereno perante aquela agitação, diz para Zé Baiano soltar Lúdia e contar tudo o quanto passou. Após ouvir Zé Baiano, Lampião decide dar vez e voz a Lúdia.

Agora eu quero escutar
O que ela tem a dizer.
Lúdia, é a sua vez,
Fale pra gente saber.
Estou lhe dando o direito
De também se defender (FOLHETO 28a, 2009, p. 24).

Lúdia conta o sucedido, desde o envolvimento com Bem-te-vi até a tentativa de estupro de Besouro. À medida que ia ouvindo o seu relato, Zé Baiano ficava cada vez mais furioso, tal qual um touro amarrado pronto a atacar. Lampião, percebendo que Besouro tentava fugir, dá um tiro em sua cabeça, acabando com sua vida, ensanguentando todo o chão. Sobre o destino de Lúdia, Lampião pondera não ter autonomia, cabendo à decisão a seu companheiro, Zé Baiano. Tomado pela fúria, Zé Baiano inicia a cena da cruel violência contra Lúdia, pautada pelas fantasias dos espectadores de como seria o seu castigo.

Então Zé guarda o punhal
E pega um pau de aroeira
E disse: - Esse foi feito
Para esmagar cangaceira,
Que me fez humilhação,
Na frente da cabroeira (FOLHETO 28a, 2009, p. 29).

Lúdia foi espancada até depois da morte, até que o corpo dela já estivesse totalmente destroçado. O crime ocorreu com o testemunho dos cangaceiros. Ao final, Lampião reuniu o grupo, mas não chamou Zé Baiano. A justiça está salva pelas mãos de Lampião, justiceiro nordestino. O verso final entoia:

Os coronéis se achavam
Os deuses desse torrão
Criavam pelo Nordeste
Uma nova escravidão
A injustiça foi quem
Fez nascer Lampião (FOLHETO 28a, 2009, p. 32).

Em briga de marido e mulher, Lampião não “pôs a colher”.

Não mais a justiça dos homens castiga a quarta protagonista que rompe com os padrões: Tereza, como o fora Lídia, quem confere o título a *A história de Tereza*, menina que muito nova mostra habilidades para cantar e encantar as pessoas da sua região. Suas atitudes causavam admiração, sobretudo quando pregava a salvação entoando os vários cantos da harpa cristã. Praticando a sua virtude em cantar e divulgar a palavra do senhor, Tereza trazia alegria aos seus amigos, irmãos e seus pais até a adolescência, quando tudo começou a mudar.

O poeta bem falava,
Com bastante precisão:
Que a flor de mandacaru
Traz a chuva pra o sertão,
E a flor da juventude
Traz amor ao coração (FOLHETO 24, 2011, p.7).

Com a chegada da vida adulta, Tereza perde o interesse por ir à igreja e para de cantar, entristecendo à sua família e amigos. Mas o pior ainda estava por vir, quando Tereza conhece um rapaz:

[...] Que seduziu a garota
Com sua fala sagaz,
Tereza então se entregou
Nessa conquista fugaz (FOLHETO 24, 2011, p. 8).

Sempre evocando Deus e Jesus, a trama constrói o castigo para Tereza na sua relação com o rapaz, o qual a confessa de seu crime ao entregar-lhe uma carta, quando Tereza se prepara para visitar os seus pais. Ao ler a carta, Tereza toma conhecimento de um segredo de seu companheiro:

[...] Quero agora lhe informar
Que tenho o vírus da AIDS
No meu sangue a passear
Também passei pra você,
Passá-lo por onde andar (FOLHETO 24, 2011, p. 13).

Desesperada com essa notícia, Tereza sentiu-se culpada por trair aos seus valores religiosos, e, se suicida. Na história, não é informado nenhuma notícia sobre o destino do seu companheiro nas últimas páginas do cordel.

A história e as cenas de violência mereceriam uma análise mais detalhada sobre as metáforas associando a sexualidade à animalidade, talvez particularmente a dos homens, ao cio, ao descontrole; também observamos a animalidade associada à agressividade masculina, particularmente no caso de Zé Baiano.

Além disso, é notável a impunidade dos homens agressores nos casos das mulheres transgressoras; os estupradores de Gracinha; O assassino de Lídia, apenas castigado por Lampião, arredando-o de seu grupo; o desaparecimento do “sedutor” de Tereza, sem que se tenha notícia de sua punição. Com exceção de *O caipira e a delegada*, a narrativa da transgressão sexual das protagonistas (“meu corpo me pertence”) não só as pune, mas também reforça a impunidade da violência masculina contra a mulher.

Para além desses quatro folhetos, notamos a incidência intensa da violência nos folhetos analisados, como uma marca de masculinidade. Por isso, destacamos este tema, não previsto anteriormente na dissertação, e que será objeto do próximo tópico.

3.2.4 Análise da violência

Iniciamos nossa análise pela capa, apontando a presença de armas. Em 10 capas ilustradas, encontramos entre os objetos portados pelos personagens (em primeiro plano na ilustração), pelo menos um personagem portando arma, em ação ou embainhada. Com exceção do cordel *O caipira e a delegada*, no qual a delegada porta uma arma de fogo no coldre, nos demais folhetos, as armas estão associadas a personagens masculinos: espadas e facas usadas contra inimigos fantásticos (*O matador de dragões*, *Hércules e seus 12 trabalhos*), em rixa entre homens “valentes” (*O encontro de Lampião com o coronel Pinga-Fogo*) ou para compor a imagem do ideal romântico (*Romeu e Julieta*); armas de fogo em primeiro ou segundo plano associadas a cangaceiros (*Lampião e seu escudo invisível*).

Assim, a capa já abre as portas para as cenas de violência que encontramos nos folhetos, violência que se apresenta também de outras formas na capa, além do uso de armas: nos trapos que vestem (*A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte*); nas expressões de maldade do vilão (*A história de Tereza*; *Roberto do Diabo*), no terror estampado no rosto do protagonista (*Mãe voltou depois de morta*), ou ainda no corpo sem

vida de *O negrinho do pastoreio* coberto por formigas. Portanto, as capas veiculam a constância da violência nos folhetos analisados.

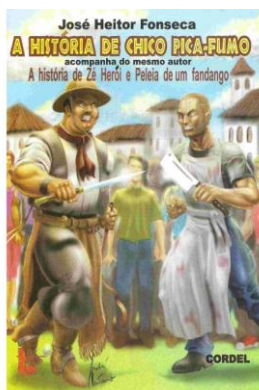


Figura 8: Ilustração de capa, em que os personagens portam armas. (Folheto 26)

Adentrando mais detalhadamente nas histórias apontamos dados relevantes para os seus desfechos, tomando por base quatro categorias: violência explícita nas histórias, derramamento de sangue, morte (1ª. cena) e prática de justiça. Ressaltamos esses pontos em razão da grande frequência com que se manifestaram e como influenciaram o fim das histórias. Antes de apresentar o quadro, incluímos uma breve síntese, explicando as nossas categorias.

- violência explícita nas histórias: categoria que contempla as práticas de violência descritas ao longo das histórias como agressões físicas, xingamentos, roubos e estupros;
- derramamento de sangue: categoria que apreende, na prática da violência, que ocorreu derramamento de sangue na disputa;
- morte: categoria que indica nas primeiras cenas dos folhetos, o sexo dos personagens agredidos (masculino ou feminino).
- justiça nas histórias: nesta categoria, elencamos qual foi o tipo de justiça (se houve) nas histórias. Para tanto previmos quatro tipos de justiça encontrados nos folhetos, de acordo com a nossa leitura: pelos homens (justiça feita pelas próprias mãos); divina (justiça elaborada por entidades religiosas como a Virgem Maria, Zeus); institucional (justiça praticada de acordo com os códigos da lei, com prisão e

condenação); moral (justiça praticada, seguindo os preceitos morais do personagem protagonista).

Quadro 13- Informações seletas sobre violência e justiça nas histórias

Categorias	(N= 33)	
	N	%
Violência – explícita		
Sim	27	81,8
Não	5	15,1
Sem violência	1	3
Derramamento de sangue		
Sim	17	51,5
Não	15	45,5
Sem violência	1	3
Personagens mortos		
Masculino/morre	13	39,3
Feminino/morre	7	21,4
Sem morte	12	36,3
Sem violência	1	3
Justiça praticada nas histórias		
Pelos homens	11	33,3
Divina	4	12,2
Institucional	6	18,2
Moral	5	15,1
Não houve prática de justiça	6	18,2
Sem violência	1	3

Fonte: Banco de dados da pesquisa

Atentando para o quadro 13, observamos que a violência é mostrada de forma explícita, na grande maioria das histórias (81,8%). Ainda, tomando por base esses dados, percebe-se também que em, mais da metade das histórias, ocorrem mortes (60,7%), sendo na maioria dos casos fruto de ações criminosas (20%), conforme a conceituação de Pino (2007). Vale ressaltar, nesse contexto, dois suicídios de personagens mulheres: Margarida Sapião (*O castigo da inveja ou o filho do pescador*) e Tereza (*A história de Tereza*). Por fim, apontamos nas histórias os tipos de justiças praticados, correspondente, na maioria das vezes, à “lei dos homens” (33,3%), ou seja, aquela que é feita com as “próprias mãos”, exemplificada na história 18, quando Lampião pune o coronel Pinga-Fogo.

Pois o coronel perverso
Deu um pulo de mau jeito,
Tombou e caiu sentado,

Lampião disse: - Sujeito,
Agora tu vais pagar
As desgraças que tens feito!

[...] O homem, morto de medo,
Com rigor obedeceu.
Assim que a mulher chegou,
Contou o que aconteceu...
Só com a roupa do corpo
Dali desapareceu (FOLHETO 18, 2006, p.17).

Dando continuidade a nossa análise sobre a violência, abordaremos qual foi o procedimento de enumeração e descrição das cenas de violência. Não analisamos todas as cenas de violência de cada história, pois isto implicaria em um trabalho que exigiria um tempo maior do que o que dispúnhamos. Optamos por indicar uma única cena de violência (a primeira localizada) por tipo em cada história. O procedimento adotado foi enumerar em cada história a presença ou ausência de cenas de violência captadas (em sua primeira manifestação no texto) a partir de quatro tipos, conforme mencionado na grade de análise: violência física (agressões físicas, socos, chutes); violência psíquica (indiferença, xingamentos); violência sexual (estupro) e crime. Conforme pode-se observar, adotamos a tipologia proposta por Pino (2007) descrita no capítulo dois. Nem todas as histórias descrevem todos os tipos de cenas de violência. Além disso, como já foi informado, uma história não contém nenhuma cena de violência (Folheto 5a). No total, analisamos 89 cenas de violência. Os folhetos que apresentam todos os tipos de violência foram: Folhetos 9 (*A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte*), 13 (*Relatos de um quilombola*), 14 (*Mandela, o homem, o herói, o mito*) e 18 (*Encontro de Lampião com o coronel Pinga-Fogo*). Considerando-se apenas o número de histórias, observamos que a violência psíquica foi a mais recorrente, representada em 33,7% dos casos. Em relação aos ambientes descritos, identificamos três tipos: doméstico, externo e misto. No ambiente doméstico, fizemos referência às práticas de violência que acontecem dentro de casa, sem ter contato com pessoas do ambiente externo; no ambiente externo, observamos as práticas de violência que transcorriam fora de casa, como nas ruas, praças e sertão; e no ambiente misto, observamos a violência que transcorria tanto no espaço doméstico quanto no ambiente externo.

Quadro 14- Informações seletas sobre cenas de violência nas histórias

Categorias	Histórias (N= 32) ³¹	
	N	%
Tipos de violência (N= 89)		
Física	27	30,3
Psíquica	30	33,7
Sexual	5	5,6
Crime	27	30,3
Sexo do personagem praticante da violência (N=89)		
Masculino-agressor	76	85,4
Feminino- agressor	13	14,6
Sexo do personagem agredido pela violência (N=89)		
Masculino-agredido	65	73
Feminino-agredido	24	27
Ambiente em que ocorre a violência (N=89)		
Doméstico	19	21,3
Externo	59	66,3
Misto	11	12,4

Fonte: Banco de dados da pesquisa

O quadro 14 permite algumas observações. Em primeiro lugar, a presença na maioria das histórias dos tipos de violência física, psíquica e crime, conforme a tipologia de Pino (2007). Apresentamos a seguir alguns exemplos. A violência física (30,3%) em geral, é mostrada pela caracterização de surras e agressões, conforme podemos ver na história *O negrinho do pastoreio*:

Quando cismava, dizia:
 - Negrinho, quero montar!
 O preto então se abaixava
 Pro menino se escanchar
 Nas contas dele... E então ia
 Pro lugar onde queria
 Sem Negrinho reclamar...

Dava surras no moleque
 Sem qualquer motivo, à toa,
 Só para se distrair,
 Dizendo: - Ô surrinha boa!

³¹ Uma das histórias não contém cena de violência.

Quando o Negrinho chorava
 Ele ria e lhe gritava:
 - Comigo ninguém caçoa (FOLHETO 3, 2008, p. 8)!

Os crimes, que foram localizados em 81,8% das histórias apresentaram como perfil ações de encarceramento, roubo e morte. Encontramos essas três situações na história *A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte*:

O negro era carpinteiro
 E Vicente lhe obrigou
 Fazer o rancho seguro-
 No dia que terminou,
 Para não ser descoberto,
 Pegou o negro e matou.

[...] Vicente quando roubou
 O negro pra trabalhar,
 Aquele que fez o rancho
 Com medo dele fugir,
 Usava uma corrente
 Pra de noite o amarrar.

E também com Rosalina
 A mesma coisa ele usava:
 Quando saía do racho
 No primeiro andar deixava
 Água e comer junto dela
 E na corrente ficava (FOLHETO 9, 2009, p. 13-14).

No caso dessa história, o personagem que cometeu o crime foi “condenado” por seus atos pelas mãos de outros homens, que, na ausência da polícia fizeram justiça com as próprias mãos. Os casos de violência sexual (5,6%), mais raros, foram cometidos contra mulheres em sua maioria. Uma das cenas que indicamos ocorreu na história *O encontro de Lampião com o coronel Pinga-Fogo* (Folheto 18), envolvendo o coronel e uma garota de menor:

E como uma fera louca
 Sobre a donzela avançou,
 Com o seu punhal agudo
 Sua vida ameaçou:
 Com uma fúria infernal,
 Tudo o que quis praticou (FOLHETO 18, 2006, p. 11).

Nesse caso, o coronel, assim como no exemplo anterior, foi julgado e condenado pela lei dos homens representada por Lampião e seu bando, encarregados de fazer justiça, retirando todos os bens do coronel e os repassando a jovem e sua mãe. Indicamos ainda que, nos casos dos crimes e da violência sexual, o tipo de justiça mais aplicada é a justiça dos homens (18,2%) ocorrida principalmente nas histórias de cangaceiros (*A história de Lídia; O encontro de Lampião com o coronel Pinga-Fogo*). Em relação aos crimes, indicamos também a prevalência da justiça dos homens (15,1%), apontada em histórias como *A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte* (Folheto 9) e *Lampião e seu escudo invisível* (Folheto 28). Encerrando a nossa análise, apontamos que agressores e vítimas desse tipo de violência são predominantemente personagens de sexo masculino: em 84,4% e 72,2% respectivamente das cenas. Se encontramos personagens femininas em ambas posições de agressora e agredida, a relação entre o número de agressores e agredidas evidencia a posição de vítima das personagens femininas: entre os personagens masculinos, localizamos 1,17 agressor para cada agredido; entre os femininos, encontramos a relação inversa, ou seja uma agredida (vítima) para 0,54 agressoras.

Considerações finais

Ao nos inserir no universo da literatura de cordel, encontramos várias direções que englobavam desde seu uso em terras europeias até sua chegada em solos brasileiros. Contudo, como seria impossível abarcar a infinitude de vias possíveis para análise do objeto, optamos por fazer uma busca voltada para os discursos veiculados nos folhetos relacionados ao masculino e ao feminino. Fomos adiante e selecionamos apenas folhetos produzidos e publicados em uma grande metrópole como São Paulo. Nossa proposta foi apreender quais configurações eram associadas ao masculino e ao feminino nessa literatura. Efetuamos nossa análise baseados nas teorias de ideologia de Thompson (2009) e de gênero de Scott (1995).

Para constituir o *corpus* percorremos um longo caminho. Entre os passos percorridos podemos listar: pesquisar o acervo de cordel e cultura popular da biblioteca Belmonte, local conhecido como o principal centro de cultura popular em São Paulo, com o intuito de se apropriar do tema de pesquisa; assistir oficinas de autores e poetas sobre o cordel acompanhando os discursos produzidos em seu contato com essa cultura. Esses passos nos levaram a tomar conhecimento da produção da Editora Luzeiro, localizada no bairro da Saúde em São Paulo, conhecida como a mais antiga e especializada em literatura de cordel no Brasil. A partir de sua produção delimitamos o nosso *corpus*. Tomando posse dos folhetos, realizamos nossa análise, que permitiu destacar aspectos relevantes sobre ideologia de gênero, especialmente ao se considerar a trajetória da literatura de cordel no Sudeste, particularmente em São Paulo.

O primeiro aspecto observado diz respeito à equipe responsável pela confecção dos 28 folhetos de cordel analisados, publicados em São Paulo pela Editora Luzeiro, composta em sua quase totalidade por homens: revisor, editor, diretor geral, ilustrador, selecionar de texto, autores, entre outros. Nesse contexto, notamos apenas a presença de duas mulheres entre os autores. Dessa forma, conseguimos denotar a composição de um primeiro ambiente masculino de produção e reprodução de cultura dita “popular”.

O segundo aspecto assinalado foi que, assim como há 50 anos, conforme apontamos no capítulo dois, a maioria das publicações de cordel da Editora Luzeiro analisados é da lavra de autores oriundos do Nordeste. Não por acaso, figuras como Lampião e Padre

Cícero sejam personagens recorrentes no mundo dos folhetos tornando vivas as tradições em uma cidade onde múltiplas culturas se cruzam e convivem, como ocorre em São Paulo. Além disso, percebemos ainda a presença de autores de outras regiões como o Sudeste (São Paulo), Sul (Rio Grande do Sul) e Centro-Oeste (Tocantins), o que contribuiu para a diversidade dos universos encontrados. Assim, apreendemos que desde a migração para o Sudeste, o cordel conseguiu se desenvolver e expandir, recriando-se no contato com novas culturas e tradições: inserção de temáticas urbanas, surgimento de novos autores e editoras como a Cortez. A despeito dessa expansão em outras áreas brasileiras, notamos a quase unânime manutenção de configurações tradicionais do masculino e do feminino.

Nesse contexto, a literatura de cordel passa a interagir na contemporaneidade, atuando em novos campos sociais, como a internet, conforme percebemos no Folheto 23 (*Mulher encalhada*), no qual a contemporaneidade convive com a visão arcaica de mulheres cultuadas na busca de companheiro, de marido, de sexo, sendo impensável um título contraposto como “Homem encalhado”. Observamos então que o cordel publicado em São Paulo contempla temas que estão em voga na contemporaneidade, reinterpretados à luz da tradição: a AIDS como o castigo para a jovem que sai de casa, o feminismo descrito satiricamente como se fosse uma busca pelo “inverso” (inversão de papéis sexuais) e o silicone tratado como estratégia narrativa para demonizar a vaidade feminina. Assim, ao confrontarmos a produção da Luzeiro com os cordéis confeccionados por novos grupos no cordel como os “Mauditos”, ou com a produção pedagógica/militante feminista ou lésbica (lei Maria da Penha³²), por exemplo encontramos aqui configurações mais tradicionais, que correntes do feminismo analisadas por Scott (1995) poderiam denominar de patriarcais: heteronormativas, controladoras e violentadoras da sexualidade das mulheres pelos homens, entre outras.

Olhando da perspectiva das relações de gênero, foco desta dissertação, o cordel produzido em São Paulo se aproximaria mais do tradicional, com o agravante de que a presença de mulheres escritoras, além de reduzida, não parece alterar tal perspectiva,

³² NEPOMUCENO, Margareth Arilha. “O casamento de d’uma moça macho-fêmea com um rapaz fêmea-macho”: o hibridismo das identidades de gênero na literatura de cordel. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, 2006, Florianópolis, SC. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006.

conforme percebemos na adaptação literária da história de *Romeu e Julieta* (Folheto 15) veiculando o drama familiar e amoroso shakespeariano.

O terceiro aspecto de nossa análise refere-se à heterocronia, conceito trabalhado por Rosenberg (2012) ao discutir que “os processos sociais não são sincrônicos mas, ao contrário, eles seriam heterocrônicos, isto é apresentariam ritmos diferentes” (ROSEMBERG, 2012, p. 3). Em relação à literatura de cordel publicada em São Paulo, a heterocronia é manifestada a partir de uma contradição: por um lado, o cordel permanece como uma produção cultural nordestina (objeto de preconceito duplo, ao ser não culto e nordestino) podendo ser entendida como ato de resistência do oprimido, que bebe da tradição regional (resistência à opressão cultural e à hegemonia do Sudeste); por outro, a sustentação e recriação de opressão das mulheres ou de gênero pela manutenção de uma configuração bipolar tradicional do masculino e feminino que, inclusive, assimila temas ou inovações contemporâneas. Logo, esta análise aponta para o modo de operação da ideologia que legitima a supremacia masculina baseada na perpetuação histórica (eternalização) em dois âmbitos: poder situado no mundo masculino (subrepresentação do feminino na produção de cordéis e na configuração de personagens) e força, prestígio, dominação e violência na configuração desse masculino. Outro ponto a ser ressaltado concerne aos personagens descritos nos folhetos de cordel biográficos: dois homens, que se é creditado, por um lado, que suas atuações foram fundamentais para efetuar mudanças históricas em seus contextos, daí a escolha de biografá-los. De outro legitima a valorização da forma e da especificidade apenas no âmbito do poder e domínios públicos: de fato, são poucas as mulheres que concorrem com a fama de Mandela ou Gandhi, talvez Madre Teresa de Calcutá. A questão que apontamos não realça apenas a ausência de mulheres biografadas (sempre teríamos Anita Garibaldi, Joana D’Arc, entre outros exemplos para nos mantermos na dimensão pública e no âmbito da guerra/violência/discórdia), mas da configuração do universo que sustenta biografados: o poder, mesmo que legítimo e demarcadamente enunciado.

O quarto aspecto a ser assinalado refere-se aos personagens das histórias, situados em cenários marcados por lutas, pobreza e problemas com a seca no sertão. As cenas de violência podem envolver atos de crueldade, praticados contra animais, seres fantásticos, adultos e crianças, homens e mulheres tais como: agressão física (surras, açoitamentos),

agressão sexual (estupro) e agressão verbal (palavras de baixo calão, xingamentos). Nesse contexto, os homens permanecem como dominantes, atuando tanto como aqueles responsáveis por crimes violentos, quanto os que salvam as vítimas. Um caso emblemático nesse aspecto diz respeito à representação do gaúcho no Folheto 26 (*A história de Chico Pica-Fumo*) descrito como bruto, forte, orgulhoso, tratado como um modelo de masculinidade do sul do país. Esse caso reforça elementos tradicionais do universo masculino da literatura de cordel, situado fora do Nordeste, mas que se assemelha a personagens como cangaceiros ou coronéis propagadores desse modelo dominante.

Em relação às mulheres, poucas mudanças. A representação de personagens puras, belas, obedientes e submissas foi constante nas histórias. Entretanto, algumas personagens de mulheres livres captaram a nossa atenção como mencionado. O Folheto 7 (*Gracinha Corneteira, a Malazarte de minissaia*) apresenta uma personagem feminina adolescente “livre e ativa” que busca uma chance para viver como atriz na cidade grande, e, que para tanto, negocia e usa sua sexualidade. Nessa mesma história, o folheto faz uma alusão ao movimento feminista de modo jocoso com a inversão de modelos de gênero. No Folheto 16 (*O caipira e a delegada*) a mulher representada na história ocupa uma posição de poder (delegada), habitualmente associada a homens, localizada em uma instância pública (delegacia), sendo respeitada na região como símbolo da justiça. Nessa história, assinalamos também o destaque para a sexualidade, enfatizando o desejo que envolve o caipira e a delegada. Porém, nem todas as mulheres que exerceram abertamente sua sexualidade, como a personagem Lídia, a cangaceira tiveram um “final feliz”. Sua infidelidade a seu companheiro, custou-lhe a vida, uma das formas de violência abordadas no *corpus*.

Observamos, também, uma parca presença de personagens infantis. Uma das hipóteses para isso seria o contexto violento que demarca a grande maioria das histórias, que apresentam um cenário mais propício à atuação de heróis e vilões do que a crianças deixadas no lar. Entretanto, nas vezes em que as crianças protagonizaram uma história, como observados nos Folhetos 3 e 21 (*O negrinho do pastoreio*, *Chicó o menino das cem mentiras*, respectivamente) também sofreram violência. A mais emblemática delas foi sofrida pelo escravo Negrinho no folheto 3 (*O negrinho do pastoreio*), vítima constante de surras e explorações pelas mãos de seu dono, cuja salvação só foi encontrada após a morte,

por causa da fé em sua madrinha, a Virgem Maria, ou seja, contrapondo-se à brutalidade masculina, a figura da Virgem é evocada nessa adaptação da antiga lenda gaúcha.

Por fim, indicamos, assim como os demais estudos acadêmicos encontrados nessa literatura, que, apesar de ocorrer certo avanço com a inserção de autoras, a representação de personagens de mulheres, a migração dessa literatura para novos centros urbanos como São Paulo, a assimetria nas relações de gênero perpetua-se por meio de discursos que nos pareceram configurar bipolaridades tradicionais de gênero.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **A literatura popular de cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011.

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. **Mulheres e cultura popular: gênero e classe no bumba-meu-boi no Maranhão**. In: Maguaré, n. 24, p. 69-98, 2010.

ALMEIDA, Marlon Mello de. **Imagens femininas na literatura de cordel**. Mestrado (Dissertação em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1996.

ALMEIDA, Átila Augusto F; Sobrinho, José Alves. **Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. Universitária. Campina Grande: Centro de Ciências e Tecnologia, 1978.

AMORIM, Maria Alice Rocha. **No visgo do improviso ou a peleja virtual entre cibercultura e tradição**. Mestrado (Dissertação em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

AMORIM, Maria Alice. **Existe um novo cordel? Imaginário, tradição e cibercultura**. In: Revista Cibertextualidades, n. 3, p. 59-71, 2009.

ANDRADE, Solange Gusmão de. **Nas trilhas do cordel baiano: conteúdos simbólicos e efeitos de sentidos**. Dissertação (Mestrado em Linguagem) - Universidade Estadual da Bahia, Salvador, 2012.

ÂNGELO, Assis. **A presença dos cordelistas e cantadores repentistas em São Paulo**. São Paulo, SP: Ibrasa, 1996.

APOLINÁRIO, Rodrigo Emanuel de Freitas. **A literatura de folhetos nordestina e o teatro em cordel de Lourdes Ramalho: cruzamentos**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2011.

ARILHA, Margareth Martha Silva. **Masculinidades e gênero: discursos sobre a responsabilidade na reprodução**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1999.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo, SP: Editora Ática, 1995.

BAKER, Gary; ACOSTA, Fernando. **Homens, violência de gênero e saúde sexual reprodutiva**. Rio de Janeiro: Instituto Promundo, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**, Lisboa: Edições 70, 1979.

BARBOSA, Francisca Batista. **A caravana do cordel e a construção de um Nordeste em movimento na cidade de São Paulo**. In: XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e

Nordeste e Pré-ALAS Brasil. Universidade Federal do Piauí- UFPI, Teresina- PI, 04 a 07 de setembro de 2012.

BARBOSA, Clarissa Loureiro Marinho. **As representações identitárias femininas no cordel: do século XX ao XXI**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

BARROS, Osvaldo Nunes de. **Mulher vitimada, lei aplicada!** In: SDS/GPAC/UPP/NUPREV - Sertão. Governo de Pernambuco.

BARROSO, Maria Helenice. **Os cordelistas no D.F.: dedilhando a viola, contando a história**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

BERTINO, Clarissa dos Santos. **O cordel de autoria feminina: tradição, rasuras e imagens**. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade de Feira de Santana, Feira de Santana, 2007.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

BRANDÃO, Maria Aparecida Silva. **Homilias em casamento católico: uma interpretação da ideologia de gênero**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. **Contribuições para pensar a violência no Espírito Santo**. In: CAMACHO, Thimoteo (org.) **Ensaio sobre violência**. Vitória: EDUFES, 2003.

Câmara Brasileira - Cordel. Disponível em:
<<http://www.camarabrasileira.com/cordel25.htm>>. Acesso: 18 jun. 2013.

CAMPOS, Renato Carneiro. **Idelogia dos poetas populares**. Recife: MEC/FUNARTE/Fundação Joaquim Nabuco, 2ª. ed. 1977.

CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO. In: VIII Congresso Brasileiro do Folclore. Salvador, Bahia, 1995.

CARVALHO, Rosires Andrade. **A mulher gravada: uma leitura iconológica das imagens femininas no folheto de José da Costa Leite**. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 1997.

CASCUDO, Luís Câmara. **A literatura oral no Brasil**. São Paulo. Global Editora, 2006.

CASIMIRO, Tarsia Kirze Castro Vasconcelos. **O negro na literatura de cordel: uma abordagem discursiva**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2002.

CHAUÍ, Marilena **Conformismo e resistência - aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1996.

Cordel do Brasil. Disponível em:

<<http://cordelodobrasil.com.br/v1/sete-mitos-sobre-a-literatura-de-cordel-brasileira/>>. Acesso: 10 jun. 2013.

Cordel na rua. Disponível em:

<www.cordelnarua.recantodasletras.com.br>. Acesso: 20 mai. 2013.

COSTA, Marcos Vasconcelos; TORRES, Geciola Fonseca. **A apropriação do cordel pela publicidade: um estudo da folkcomunicação.** 2005. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/Encipecomal/Folk_2005_gt1_txt001.pdf>. Acesso: 18 mai. 2013.

Currículo Lattes- Fúlvia Rosemberg - orientações e supervisões concluídas. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4783060H3>>. Acesso: 22 jul. 2013.

D'ALMEIDA, Alfredo Dias. **Folkcomunicação: de comunicação dos “marginalizados” a meio de expressão dos dominados.** XXVI - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação- Belo Horizonte/ Minas Gerais. p. 1-13, 2003.

Das classificações temáticas da literatura de cordel: uma querela inútil. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/ediatahy01c.html>>. Acesso: 18. Jun. 2013.

Dicionário básico de autores de cordel. Disponível em: <<http://marcohaurelio.blogspot.com.br/2011/06/dicionario-basico-de-autores-de-cordel.html>>. Acesso: 18 Jun. 2013.

D'OLIVO, Fernanda Moraes. **Uma análise discursiva sobre a figura feminina nos cordéis.** In: Língua, literatura e ensino, v. II, Maio/2007.

FARIAS, Francisco Rocha; SANTOS, Rosineide Cordeiro. **Olhares femininos na crítica pós-moderna: a visão do feminino na literatura de cordel.** 2004. Disponível em: <http://www.isepnet.com.br/website/revista/Revista_ISEP_02/RevISEPArt6.pdf>. Acesso: 18 mai. 2013.

FERREIRA, Amanda Crispin; BATISTA, Raimunda Brito. **A imagem do homem negro nos folhetos de cordel da BC/Uel.** In: Anais. 1º. CIELLI - Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários. Universidade Estadual de Maringá- UEM. Maringá, 9, 10 e 11 de junho de 2010.

Fotolog Varnecki Cordel. Disponível em:

<<http://fotolog.terra.com.br/varnecicordel>>. Acesso: 20 mai. 2013.

FREITAS, Ana Paula Saraiva. **A presença feminina no cangaço: prática e representação (1930-1940).** Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2005.

Fundação Biblioteca Nacional – catálogos online. Disponível em:
 <http://catalogos.bn.br/scripts/odwp022k.dll?SHOWINDEX=livros_pr:livros:sh:T>.
 Acesso: 05 ago. 2013.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. Pesquisas de opinião: a mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo, 2001. Disponível em:

<<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=227>>. Acesso em 3 mar. 2014.

Fundação Casa de Rui Barbosa – acervo cordel. Disponível em:

<<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/acervo.html>>. Acesso: 05 ago. 2013.

GALVÃO, Ana Maria Oliveira. Cordel, leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GASPAR, Lúcia. Edição de cordel no Brasil. Pesquisa Escolar Online. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em:
 <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=926%3Aedicao-de-cordel-no-brasil&catid=40%3Aletra-e&Itemid=1>.
 Acesso: 03 mai. 2013.

GONÇALVES, Marco Antônio. Cordel híbrido, contemporâneo e cosmopolita. In: Textos escolhidos da cultura e arte popular, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 21-38, 2007.

GRILLO, Maria Ângela Faria. Evas ou Marias? As mulheres na literatura de cordel: preconceitos e estereótipos. In: Esboços, v. 14, nº. 17, Santa Catarina, 2007.

Histórico Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Disponível em:
 <<http://www.ablc.com.br/aablc.html>>. Acesso: 18 mai. 2013.

Histórico da Biblioteca Belmonte. Disponível em:
 <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/biblioteca_belmonte/historico/index.php?p=4682>. Acesso: 20 out. 2011.

Instituto PAPAI. Disponível em:

<www.institutopapai.blogspot.com.br>. Acesso em 10 de janeiro de 2014.

JÚNIOR, Durval Muniz Albuquerque. Quem é frouxo não se mete: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. In: Proj. História, v.19, Nov. 1999.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. Entrevista. In: *E-metropolis*, n. 11- ano 3. Dezembro de 2012.

JÚNIOR, Rômulo José Francisco Oliveira. Representações de Antônio Silvino: reafirmando as relações de gênero na literatura de cordel. In: ANPUH - XXV Simpósio Nacional de História- Fortaleza, 2009.

JÚNIOR, Arinélcio Lacerda Santos; ALVES, José Helder Pinheiro. **Literatura de cordel no espaço virtual**. In: 1º. CIELLI - Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários- Universidade Estadual de Maringá- UEM. Maringá, p. 1-13, 2010.

JAHN, Livia Petry. **A literatura de cordel no século XXI: novas e velhas linguagens na obra de Klévisson Viana**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

KERSCH, Teresinha Oliveira Ledo. **Os tons de trágico em Ariano Suassuna: uma leitura de uma mulher vestida de sol**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

LEÃO, Fabiana Coelho Souza. **Encruzilhadas: encontros e oposições nos cordéis de Manoel Pereira Sobrinho**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2000.

LEVINO, R. **Pavão sem mistério**. Folha de São Paulo, São Paulo, p. E1, 4 ago. 2013.

LIMA, Caline Genise Oliveira. **A mulher na literatura de cordel: uma abordagem léxico temática**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2006.

LIMA, Daniel Costa; BÜCHELE, Fátima; CLÍMACO, Danilo de Assis. **Homens, gênero e violência contra a mulher**. Revista **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.17, n.2, p. 69-81, 2008.

LINS, Andréia Batista. **A construção da identidade feminina em cordel sul-baiano de autoria feminina**. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Representações) - Universidade Estadual de Santa Cruz, Santa Cruz, 2012.

LINS, Andréia Batista; LINS, Alex Batista. **Por um plano constitutivo linguístico-literário: um retrato da identidade feminina em cordéis sul-baianos de Ulee Zuluh Rasta Lux**. 2010. Disponível em: <<http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/873-Artigo%20Andreia%20B%20Lins%20e%20Alex%20B%20Lins.pdf>>. Acesso: 18 mai. 2013.

LINS, Andréia Batista; SACRAMENTO, Sandra Pereira Batista. **A representação da identidade feminina nos cordéis de Janete Lainha Coelho**. In: Revista Eletrônica de Estudos Literários, s. 2, ano 7, n.8, Vitória, 2011.

Literatura de cordel em São Paulo. Disponível em: <<http://cordelparaiba.blogspot.com.br/2012/05/literatura-de-cordel-em-sao-paulo.html>>. Acesso: 12 jun. 2013.

LOPES, Ribamar. **Literatura de cordel - Antologia**. Fortaleza, CE: Banco do Nordeste, 1998.

LUCIANO, Aderaldo. **História crítica do cordel brasileiro**. São Paulo, SP: Adaga, Editora Luzeiro, 2012.

LUCENA, Bruna Paiva. **Da tipografia aos parques gráficos: o cordel e a problemática do campo literário.** In: Boitató - Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, n. 6, ago-dez 2008, Londrina.

LUCENA, Bruna Paiva. **Espaços em disputa: o cordel e o campo literário brasileiro.** Dissertação (Mestrado em Literatura e Práticas Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

LUYTEN, Joseph Maria. **A literatura de cordel em São Paulo: saudosismo e agressividade.** São Paulo: Edições Loyola, 1981.

MANOEL, Livia Silva. **Literatura de cordel e relações de gênero: interfaces na literatura de ensino médio.** In: *Revista Enlije*, Editora Realize, 2012.

MAURICIO, Ivan; CIRANO, Marcos; ALMEIDA, Ricardo. **Arte popular e dominação; o caso de Pernambuco - 1961/77.** Recife: Alternativa, 1978.

MAXADO, Franklin. **O negro na literatura de cordel.** In: *Sitientibus*, n.12, p. 93-100. Feira de Santana, 1994.

MAXADO, Franklin. **Maxado Nordestino e o cordel em Feira de Santana.** In: Léguas e Meia, Revista de Literatura e Diversidade Cultural, v.4, nº. 5, 2005, Feira de Santana.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. **Nos homens, a violência de gênero.** In: BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Programa de prevenção, assistência e combate à violência contra a mulher - Plano Nacional.** Brasília, DF, 2003.

MENDES, Sandileuza Pereira Silva. **A mulher na poesia de cordel de Leandro Gomes de Barros.** Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

MONTEIRO, Maria Emmanuele Rodrigues. **Identidade, enunciado e memória: o lugar do esperto no cordel e no teatro nordestinos.** Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

MORAIS, Anne Caroline. **A misoginia medieval como resíduo na literatura de cordel.** Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

MORAIS, Francisco Chagas. **A reordenação do caos através do riso: uma leitura de O retirante da seca de Xexéu.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

MOURA, Neide Cardoso. **Relações de gênero em livros didáticos de língua portuguesa: permanências e mudanças.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

MOURA, Clóvis. **O preconceito de cor na literatura de cordel.** São Paulo, resenha universitária, 1976.

NASARIO, Rivani. **Mulheres do preconceito à justiça! 100 anos do dia internacional da mulher.** In: Sindicato da Previdência de Pernambuco, gestão 2008-2011.

NASCIMENTO, José Leandro Cabral. **A temática infanto-juvenil nos cordéis contemporâneos de autoria feminina: relevância pedagógica.** In: Editora Realize, Universidade de Pernambuco, 2011.

NETO, Francisco Leandro Assis. **O deslocamento de gênero e as configurações de masculinidades no cordel.** Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2011.

NEPOMUCENO, Margareth Arilha. **“O casamento de d’uma moça macho-fêmea com um rapaz fêmea-macho”: o hibridismo das identidades de gênero na literatura de cordel.** In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, 2006, Florianópolis, SC. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006.

NOGUEIRA, Dione Maria Sousa. **Um olhar sobre discriminações sexuais na literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

NUNES, Geice Peres Nunes. **A reação do poeta popular contra o efeito pernicioso da modernidade.** In: Boitatá, Londrina, n. 10, p. 77-90, jul-dez 2010.

OLIVEIRA, Maria Silva Araújo. **O encontro com a mulher de mil faces ou imagens da mulher na literatura de cordel.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

OLIVEIRA, Valdeci Batista Melo. **Figurações de donzela-guerreira nos romances Luzia-Homem e Dona Guidinha do Poço.** Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

OLIVEIRA, Rita Cássia. **A mulher na literatura de cordel: uma abordagem léxico-semântica.** Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

OLIVEIRA, Paula Marciana Ribeiro; PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag; REBOUÇAS, Cristiana Brasil Almeida; GALVÃO, Marli Teresinha Gimeniz. **Literatura de cordel: veículo de comunicação e educação em saúde.** In: Texto Contexto - enferm. [online]. 2007, vol. 16, n.4, p. 662-670.

OLIVEIRA, Paula Marciana Ribeiro; PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag; REBOUÇAS, Cristiana Brasil Almeida. **Literatura de cordel como meio de promoção para o aleitamento materno.** In: Esc Anna Nery Ver Enferm 2008 jun, v. 12, n. 2, a. 03 p. 217-223, 2008.

OLIVEIRA, Carlos Jorge Dantas. **A formação da literatura de cordel brasileira**. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada) - Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2012.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAIT, Heloísa; MENDES, Fábio Marques. **A literatura de cordel e a experiência da arte**. In: Revista Arte e Sociedade, UNESP/ Marília, 2011, p. 1-9.

Patrimônio cultural e imaterial. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/patrimonio-brasileiro/material-e-imaterial>. Acesso: 20 jun. 2013.

PINO, Angel. **Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo**. In: Revista Educação, Sociedade. Campinas, vol. 28, n. 100- Especial, p. 763-785, 2007.

PINTO, Regina Pahim. **O livro didático e a democratização da escola**. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

PIZA, Edith. **O caminho das águas: estereótipos de personagens femininas negras na obra para jovens de escritoras brancas**. 1995. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

Plano Nacional de Prevenção e Combate à Violência Doméstica e de Gênero. In: Diário da República, 1ª. Série, nº. 253. Lisboa, 31 de dezembro de 2013.

Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Brasília, 2013.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **A ideologia do cordel**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976.

Projetos. Projeto Ciência. Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Disponível em: http://www.ablc.com.br/projeto_ciencia.html. Acesso: 18 mai. 2013.

QUEIROZ, Doralice Alves. **Mulheres cordelistas: percepções do universo feminino na literatura de cordel**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

QUINTELA, Vilma Mota. **O cordel no fogo cruzado da cultura**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.

RESENDE, Viviane Melo. **A relação entre literatura de cordel e mídia: uma reflexão acerca das implicações para o gênero**. In: Cadernos de Linguagem e Sociedade, v.8, Brasília, 2006.

RESENDE, Viviane Melo. **Literatura de cordel no Brasil: transformações nas práticas discursiva e social**. In: Revista Intercâmbio dos Congressos de Humanidades, n. 99. Universidade de Brasília, Brasília 2005, p. 1-7.

RIBEIRO, Klecius Henrique Moraes. **Uma luz sobre o homem do sertão: o ator José Dumont e a representação do nordestino no cinema brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, 2005.

RIBEIRO, Maria Sílvia. **Relações de gênero e de idade em discursos sobre sexualidade veiculados em livros didáticos brasileiros de Ciências Sociais**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013.

ROCHA, Gilmar. **Cultura popular: do folclore ao patrimônio**. In: *Mediações*, v.14, n.1, pp.218-236, jan/jun. 2009.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Análise de conteúdo, PUC-SP, 1994**, texto mimeo [Apresentado no Seminário Análise de Conteúdo, PUC-SP, 1994].

ROSEMBERG, Fúlvia. **Desigualdades de raça e gênero no ensino superior brasileiro e ações afirmativas**. In: Dilamar Cândida Martins; Jordão Horta Nunes; Manuel Ferreira Lima Filho. (Org.). *Subalternidades: fluxos e cenários*. 1ed. Goiânia: Editora PUC Goiás, 2012, v.1, p. 113-138.

ROTHMAN, Emily F. et al. **Intervening with perpetrators of intimate partner violence: a global perspective**. Geneva: *World Health Organization*, 2003.

RUIZ, Bertina Santos. **A retórica da mulher em polêmicas de folhetos de cordel do século XVIII**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade do Porto, 2009.

SANTOS, Renata Lira. **A representação social da violência na literatura de cordel sobre o cangaço**. In: *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 24, n. 4, p. 52-59, 2004.

SANTOS, Luciany Aparecida Alves. **Literatura de cordel e migração nordestina: tradição e deslocamento**. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.35, p. 77-91, Brasília, 2010.

SANTOS, Francisca Pereira. **Romaria dos versos: mulheres autoras na ressignificação do cordel**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

SANTOS, Francisca Pereira. **Mulheres... fazem cordéis**. In: *Graphos*, vol. 8, nº. 1, p. 183-194, João Pessoa, 2006.

SANTOS, Francisca Pereira. **Novas cartografias no cordel e na cantoria: desterritorialização de gênero na poética das vozes**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SANTOS, Maria José Moutinho. **O casamento na sociedade tradicional: algumas imagens da literatura de cordel**. In: *Revista da Faculdade de Letras*. Porto, 1987.

SANTOS, Vanusa Mascarenhas. **Estratégias de (in) visibilidade feminina no universo do cordel**. In: *V ENECULT*, 27 a 29 de maio, Salvador, BA, 2009.

SANTOS, Veridiano Maia. **Literatura de cordel: uma possibilidade pedagógica na prática do cotidiano curricular e cultural na educação de jovens e adultos.** In: Revista Confluências Culturais, v. 2, n. 2, Joinville, 2013.

SILVA, Antônio Pádua Dias. **Representação do masculino no imaginário do cordel.** In: Revista Investigações, vol. 19, nº. 1, p. 9-35, 2006.

SILVA, Michelle Ramos. **Cordelistas paraibanas contemporâneas: diálogo e ruptura com a lógica patriarcal.** Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2010.

SIQUEIRA, Ana Marcia Alves. **O ciclo carolíngio na literatura de cordel nordestina.** In: VIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais: O conhecimento do Homem e da Natureza nos Clássicos, Maringá, PR, 16 a 18 de setembro, 2009.

SOUSA, João Bosco Alves. **Contando histórias- Fazendo história: experiência com os poetas cordelistas do cariri.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

SOUZA, Francinete Fernandes. **A mulher negra mapeada: trajeto do imaginário popular nos folhetos de cordel.** Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SOUZA, Ana Raquel Motta de. **Editora Luzeiro: um estudo de caso.** Pesquisa desenvolvida junto à vertente Leituras Populares do projeto Memórias de Leitura, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 1996 (mimeo). Disponível em: <www.unicamp.br/iel/memorial/projetos/ensaios/ensaio34.htm>. – Acesso: 18 mai. 2013.

SCOTT, Joan **Gênero, uma categoria útil de análise histórica.** In: Educação & Realidade, vol. 20, nº. 2, p. 71-99, Porto Alegre, 1995.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE SÃO PAULO. **O cordel em São Paulo: texto e ilustração.** São Paulo, SP: Secretaria Municipal de Cultura, 1983.

TERRA, Ruth Brito Lêmos. **Memórias de lutas: literatura de folhetos do Nordeste, 1893-1930.** São Paulo, Global, 1983.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo, SP: Cia das Letras, 1995.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TROINA, Carine. **Mulheres no corrido e no cordel: vozes outras em cena.** In: Revista Científica da FACNEC- Faculdade Científica de Itaboraí- ano I, n.3, p. 98-107, dez-2009.

VERÍSSIMO, Érico. **Fantoche e outros contos e artigos.** Porto Alegre, 1953.

APÊNDICES

Apêndice A- Relação dos folhetos de cordel da Editora Luzeiro por ordem alfabética

Autor	Título	1ª. publicação pela Editora Luzeiro	Número de páginas
1. André Pêssego	As filhas gêmeas do boto	2010	16
2. Antônio Alves da Silva	O encontro de Lampião com Antônio Silvino no Inferno	2011	16
3. Antônio Barreto	O caipira e a delegada	2010	16
4. Antônio Leite	Velório no cabaré	2011	16
5. Adam Fialho (pseudônimo de Manuel D’Almeida Filho)	A troca das esposas	1987	32
6. Aldy Carvalho	A ganância de um preguiçoso	2011	32
7. Aldy Carvalho	No reino dos imbuzeiros	2011	32
8. Antônio Américo de Medeiros	Lampião e sua história contada em cordel	2005	32
9. Antônio Américo de Medeiros	A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte	2009	32
10. Antônio Alves da Silva	João Terrível e o Dragão Vermelho	s/d	32
11. Apolônio Alves dos Santos (falecido- 1998)	O herói João Canguçu	1998	32
12. Antônio Eugênio da Silva	História de Valdemar e Irene	1974	32
13. Antônio Ferreira da Silva	Rogaciano e Angelita	1990	32
14. Antônio Teodoro dos Santos (falecido- 1981)	Lampião, o rei do cangaço	1998	32
15. Antônio Teodoro dos Santos	Lágrimas de palhaço	s/d	32
16. Antônio Teodoro dos Santos	Maria Bonita, a mulher cangaço	1986	32
17. Antônio Teodoro dos Santos	O encontro de Lampião com Dioguinho	1998	32

18. Antônio Teodoro dos Santos	João Soldado e o valente praça que meteu o diabo num saco	1960	32
19. Antônio Teodoro dos Santos	O julgamento de Cancão de fogo no céu	s/d	32
20. Antônio Teodoro dos Santos	Piadas do Bocage	1998	32
21. Antônio Teodoro dos Santos	O encontro de Rui Barbosa com Castro Alves	s/d	32
22. Antônio Teodoro dos Santos	O neto de José de Souza Leão	1957	32
23. Antônio Teodoro dos Santos	O jogador na igreja	1959	32
24. Apolônio Alves dos Santos	A morte de Leandro	s/d	32
25. Arievaldo Viana	O castigo da inveja ou o filho do pescador	2012	32
26. Arievaldo Viana	As proezas de Broca da Silveira	2009	32
27. Arievaldo Viana	O príncipe Natan e o cavaleiro mandingueiro	2006	32
28. Arlindo Pinto de Souza (falecido-2003)	Festa da bicharada	1998	32
29. Arlindo Pinto de Souza	Novas proezas de Bocage	1985	32
30. Arlindo Pinto de Souza	O grande debate de Camões com um sábio	1998	32
31. Arlindo Pinto de Souza	As astúcias de Camões	1998	32
32. Assis Coimbra	A marcha da humanidade e a degradação da natureza	2008	32
33. Augusto Laurindo Alves	Tubiba o desordeiro	1976	32
34. Benedita Delazari	A escravidão negra e o quilombo dos palmares	1988	16
35. Benedita Delazari	Abolição- um sonho de liberdade	2010	16
36. Benedita Delazari	As aventuras do menino	2005	16

	Jesus		
37. Cacá Lopes	Cordel do trava-língua	2011	16
38. Cacá Lopes	Hino Nacional Brasileiro em Cordel	2011	16
39. Cacá Lopes e Nando Poeta	Bullying: uma tortura social	2011	16
40. Caetano Cosme da Silva (falecido)	O filho do herói João de Calais	1986	32
41. Caetano Cosme da Silva	Lágrimas de Amor	1998	32
42. Caetano Cosme da Silva	A filha da louca do jardim	1988	32
43. Caetano Cosme da Silva	Jerônimo, o grande herói do sertão	1990	32
44. Caetano Cosme da Silva	O assassinato da honra ou A louca no jardim	1990	32
45. Carlos Alberto Fernandes da Silva	Mandela, o homem, o herói, o mito	2010	32
46. Carlos Alberto Fernandes da Silva	O cavalo, o camelo e o jumento	2011	16
47. Carlos Alberto Fernandes da Silva	A conversão de Zaqueu	2010	16
48. Carlos Alberto Fernandes da Silva	Filipe, o diácono evangelista	2009	16
49. Carlos Alberto Fernandes da Silva	Missões: o grande projeto de Deus	2009	16
50. Cícero Pedro de Assis	Aventuras de Simbá, o marujo	2012	32
51. Cícero Pedro de Assis	As aventuras de Robinson Crusoe	s/d	32
52. Cícero Pedro de Assis	Viagens de Gulliver	2012	32
53. Cícero Vieira da Silva (falecido-2008)	A filha de um pirata entre a espada e a sorte	s/d	32
54. Cícero Vieira da Silva	Os olhos de dois amantes por cima de uma sepultura	s/d	32

55. Cleusa Santo	Rino, o rato que roeu a roupa do rei de Roma	2011	16
56. Cleusa Santo	Súplica de um papagaio	2011	16
57. Cleusa Santo	Uma formiga em Hollywood	2009	16
58. Cleusa Santo	Joselito e sua cabra	2008	16
59. Cleusa Santo	O casamento de chapeuzinho vermelho	2010	16
60. Costa Senna	Lampião e seu escudo invisível	2009	32
61. Criação coletiva	Voando nas asas da Asa Branca	s/d	32
62. Delarme Monteiro da Silva (falecido-1994)	O sino da Torre Negra	1974	32
63. Delarme Monteiro da Silva	O mistério dos três anéis	1970	32
64. Delarme Monteiro da Silva	A duquesa de Sodoma	1998	32
65. Delarme Monteiro da Silva	Joana D'Arc a heroína da França	1998	32
66. Delarme Monteiro da Silva	O enjeitado de Orion	s/d	32
67. Delarme Monteiro da Silva	A fada e o guerreiro	s/d	32
68. Delarme Monteiro da Silva	O morcego humano	s/d	32
69. Eloyr Carré	Fabulas de Esopo	2012	16
70. Enéias Tavares dos Santos	A verdadeira história de Chico Xavier	1974	32
71. Enéias Tavares	Carta do Satanás a Roberto Carlos	1998	32
72. Enéias Tavares dos Santos	O amor entre a verdade e o punhal	1998	32
73. Enéias Tavares dos Santos	O amor de Maristela e a luta de um boiadeiro	1975	32
74. Enéias Tavares dos Santos	A briga de dois matutos por causa de um jumento	1980	32

75. Enéias Tavares dos Santos	A vingança de uma fada e um anão misterioso	1998	32
76. Enéias Tavares dos Santos	A morte, o enterro e o testamento de João Grilo	1998	32
77. Enéias Tavares dos Santos	A lagoa misteriosa e o cavalo encantado	1998	32
78. Enéias Tavares dos Santos	A recompensa do diabo ou o castigo da falsidade	s/d	32
79. Evaristo Geraldo da Silva	Os últimos dias de Pompéia	s/d	32
80. Expedito Ferreira da Silva	O filho de Juvenal e a serpente de fogo	1998	32
81. Fábio Freire	Delicadezas do mundo	s/d	32
82. Fátima Filon	O silicone	2012	16
83. Firmino Teixeira do Amaral (falecido-1926)	Peleja do cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum	s/d	32
84. Francisco das Chagas Batista (falecido-1930)	Antônio Silvino, vida, crimes e julgamento	1975	32
85. Francisco Firmino de Paula (falecido-1967)	História do boi Leitão ou o vaqueiro que não mentia	s/d	32
86. Francisco Sales de Arêda (falecido-2005)	O príncipe João sem medo e a princesa da ilha dos diamantes	s/d	32
87. Francisco Sales de Arêda	O negrão do Paraná e o seringueiro do Norte	1979	32
88. Francisco Sales de Arêda	O homem da vaca e o poder da fortuna	s/d	32
89. Francisco Sales de Arêda	O valentão do norte	s/d	32
90. Francisco de Souza Campos	Enfrentando a morte	s/d	32
91. Franklin Maxado Nordeste	Gracinha Corneiteira, a malazartes de minissaia	2011	32
92. Franklin Maxado Nordeste	Saci e Bicho Folharaz no reino da bicharada	2011	16

93. Gerino Batista de Almeida	O encontro de Cancão de fogo com Vicente o rei dos ladrões	s/d	32
94. Gerson Lopes de Araújo	Relatos de um quilombola	2012	32
95. Giovanni Boccaccio (pseudônimo de Manuel D’Almeida Filho)	A moça que meteu o diabo no inferno	1978	32
96. Giovanni Boccaccio	A tocaia do chifrudo	1998	32
97. Giovanni Boccaccio	A traidora traída	s/d	32
98. Giovanni Boccaccio	Buraco quente não conhece feriado	1989	32
99. Giovanni Boccaccio	Chifre com chifre se paga	1998	32
100. Giovanni Boccaccio	Dona Sarita e seus três machos	1998	32
101. Giovanni Boccaccio	O homem que foi ao inferno e voltou chifrudo	1980	32
102. Giovanni Boccaccio	A noite das camas trocadas	1979	32
103. Giovanni Boccaccio	A amante do anjo	1998	32
104. Giovanni Boccaccio	A mulher que queria ser égua	1977	32
105. Godofrêdo Solon	A incrível história de Hércules e seus 12 trabalhos	s/d	32
106. Hélio Cavenaghi (falecido-1984)	O exemplo do menino que falou no ventre da mãe	1989	32
107. Hélio Cavenaghi	O contador de mentira	1978	32
108. Inácio Carioca	João Cambadinho e a princesa do Reino de Mira-Mar	1990	32
109. J. Barros	Lampião e Maria Bonita no Paraíso	1980	32
110. João Damasceno Nobre	O quengo de Pedro Malazarte no fazendeiro	1998	32
111. João Ferreira de Lima	História de Mariquinha e	1977	32

(falecido-1972)	José de Souza Leão		
112. João Ferreira de Lima	Proezas de João Grilo	1979	32
113. João Firmino Cabral	O encontro de Lampião com o coronel Pinga-fogo	s/d	32
114. João Firmino Cabral	A coragem de um vaqueiro em defesa do amor	1998	32
115. João Firmino Cabral	O monstro sem alma	1985	32
116. João Firmino Cabral	Os heróis do destino e o monstro da mata escura	s/d	32
117. João Firmino Cabral	A vingança de um inocente	1989	32
118. João Firmino Cabral	Amor e martírio de uma escrava	1977	32
119. João Firmino Cabral	História, vida e morte Luiz Gonzaga	s/d	32
120. João Firmino Cabral	A revolta de um escravo	2011	32
121. João José da Silva (falecido-1997)	A fera de Petrolina	1986	32
122. João Gomes de Sá	A briga de Zé Valente com Leide Catapora	2007	32
123. João Gomes de Sá	A luta de um cavaleiro contra um bruxo feiticeiro	1995	32
124. João Lucas Evangelista	As aventuras de João Desmantelado	1998	32
125. João Lucas Evangelista	O menino das abelhas e a formiga encantada	1998	32
126. João Melchíades Ferreira da Silva (falecido-1933)	História sertaneja do valente Zé Garcia	s/d	32
127. João Melchíades Ferreira	Roldão no leão de ouro	s/d	32
128. João Severino de Lima	O pai que forçou a filha sexta feira da paixão	1987	32
129. Joaquim Luiz Sobrinho	História do menino dos bodinhos e a princesa interesseira	1990	32

130. Joaquim Luiz Sobrinho	Os martírios de uma mãe-desventuras de um filho ingrato	1998	32
131. José Alves Pontes (falecido-2009)	História de Geraldo e Silvina	1988	32
132. José Camelo (falecido-1964)	Uma das maiores proezas que Antônio Silvino fez no sertão de Pernambuco	1992	32
133. José Camelo	Coco verde e melancia ou Armando e Rosa	1998	32
134. José Camelo de Melo Resende	História de três cavalos encantados	1979	32
135. José Camelo de Melo Resende	Pedrinho e Julinha	1998	32
136. José Camelo de Melo Resende	O pavão misterioso	1980	32
137. José Camelo de Melo Resende	História do bom pai e do mau filho ou Juvenal e Lilia	1977	32
138. José Costa Leite	A garça misteriosa	1962	32
139. José Costa Leite	Peleja de Zé Pretinho com Manoel Riachão	1998	32
140. José do Norte	A história do bandido da luz vermelha	s/d	32
141. José Francisco dos Santos	Chicuca, o professor dos ladrões	1989	32
142. José Galdino da Silva Duda (falecido-1931)	História de Bernardo e dona Genevra	2011	32
143. José Galdino da Silva Duda	Os martírios de Genoveva	1988	32
144. José Heitor Fonseca	A história de Chico Pica-Fumo	2010	32
145. José João dos Santos (Mestre Azulão)	A vitória de Renato e o amor de Mariana	s/d	32
146. José João dos Santos (Mestre Azulão)	Peleja de Azulão com Palmeirinha	s/d	32

147. José Pacheco (falecido- 1954)	A chegada de Lampião no inferno	1973	32
148. José Pacheco	O grande debate de Lampião com São Pedro	1991	32
149. José Pacheco	A intriga do cachorro com o gato	1973	32
150. José Pacheco	História da princesa Rosamunda ou a morte do gigante	1977	32
151. José Pacheco	Os prantos de Cacilda e a vingança de Raul	1961	32
152. José Pacheco	Já bebi, não bebo mais! Bebo até lascrar o cano	1979	32
153. José Pacheco	História de Grinaura e Sebastião	1978	32
154. José Pacheco	História de Vicente e Josina	1976	32
155. José Vila Nova (falecido- 1969)	O sertanejo Antônio Cobra Choca	1998	32
156. Josué Gonçalves de Araújo	O mistério da pele da novilha	2010	32
157. Josué Gonçalves de Araújo	Apagando as pegadas	2011	32
158. Josué Gonçalves de Araújo	O coronel avarento ou o homem que a terra recusou	2009	32
159. Josué Gonçalves de Araújo	Os dez mandamentos	2010	16
160. Josué Gonçalves de Araújo	O gato de botas	2011	16
161. Leandro Gomes de Barros (falecido- 1918)	História do boi misterioso	1987	32
162. Leandro Gomes de Barros	História de Juvenal e o Dragão	1998	32
163. Leandro Gomes de Barros	História da Donzela Teodora	1998	32
164. Leandro Gomes de Barros	O cachorro dos mortos	1998	32
165. Leandro Gomes de Barros	Vida e testamento de	1998	32

	Cancão de fogo		
166. Leandro Gomes de Barros	Os sofrimentos de Alzira	1998	32
167. Leandro Gomes de Barros	Peleja de Manoel Riachão com o diabo	1998	32
168. Leandro Gomes de Barros	História de João da Cruz	1986	32
169. Leandro Gomes de Barros	História da Índia Neci	s/d	32
170. Leandro Gomes de Barros	História de Roberto do Diabo	s/d	32
171. Leandro Gomes de Barros	A mulher roubada	1998	32
172. Leandro Gomes de Barros	A força do amor ou Afonso e Marina	1998	32
173. Leandro Gomes de Barros	A confissão de Antônio Silvino	1980	32
174. Leandro Gomes de Barros	A batalha de Oliveiros com Ferrabrás	1998	32
175. Leandro Gomes de Barros	A prisão de Oliveiros e seus companheiros	s/d	32
176. Leandro Gomes de Barros	A morte de Alonso e a vingança de Marina	s/d	32
177. Luiz Alves da Silva	Satanás se confessando em uma santa missão	s/d	32
178. Luiz da Costa (falecido)	História do Papagaio Misterioso e os sofrimentos de Jobão	s/d	32
179. Luiz Gonzaga de Lima	A chegada de Lampião no purgatório	s/d	32
180. Luiz Wilson	Roberto Carlos 50 anos-emoções em rimas	s/d	32
181. Manoel Apolinário Pereira (falecido-1955)	O filho de Evangelhista do Pavão Misterioso	1980	32
182. Manoel Cândido da Silva (falecido)	Manassés e Marili- entre a luta e o amor	1978	32
183. Manoel D'Almeida Filho (falecido-1995)	Os cabras de Lampião	1966	48

184. Manoel D’Almeida Filho	O milagre do amor	s/d	32
185. Manoel D’Almeida Filho	A sedutora maldita	s/d	32
186. Manoel D’Almeida Filho	A disputa de Bocage com um padre	1978	32
187. Manoel D’Almeida Filho	A vitória de Floriano e a Negra Feiticeira	1960	32
188. Manoel D’Almeida Filho	A noiva do diabo	s/d	32
189. Manoel D’Almeida Filho	A promessa da vingança	1998	32
190. Manoel D’Almeida Filho	Josafá e Marieta	1957	32
191. Manoel D’Almeida Filho	Padre Cícero, o santo de Juazeiro	1979	32
192. Manoel D’Almeida Filho	A volta de Lampião ao inferno	1998	32
193. Manoel D’Almeida Filho	Encontro de Lampião com Adão no paraíso	1998	32
194. Manoel D’Almeida Filho	Vida, vingança e morte de Corisco	1986	32
195. Manoel D’Almeida Filho	Zé Baiano, vida e morte	1988	32
196. Manoel D’Almeida Filho	Jesus e o homem do surrão misterioso	1980	32
197. Manoel D’Almeida Filho	Briga de São Pedro com Jesus por causa do Inverno	1986	32
198. Manoel D’Almeida Filho	Jesus Cristo, o mestre dos mestres	1977	32
199. Manoel D’Almeida Filho	Vicente, o rei dos ladrões	1959	32
200. Manoel D’Almeida Filho	A luta de Zé do caixão com o diabo	1972	32
201. Manoel D’Almeida Filho	O lobisomem encantado	1987	32
202. Manoel D’Almeida Filho	A traição de Dalila e a força de Sansão	1958	32
203. Manoel D’Almeida Filho	A sorte no amor	1959	32
204. Manoel D’Almeida Filho	O sacrifício do amor ou o	1977	32

	noivo ressuscitado		
205. Manoel D’Almeida Filho	Os dois amigos leais	2001	32
206. Manoel D’Almeida Filho	O amor em face do destino	1998	32
207. Manoel D’Almeida Filho	O amor que venceu a morte	1990	32
208. Manoel D’Almeida Filho	Como ser feliz no casamento	1989	32
209. Manoel D’Almeida Filho	Daniel e seus amigos disputando uma princesa	1978	32
210. Manoel D’Almeida Filho	A princesa Rosinha na cova dos ladrões	1998	32
211. Manoel D’Almeida Filho	Os três conselhos da sorte	1970	32
212. Manoel D’Almeida Filho	Os quatro sábios do reino e a princesa encarcerada	1957	32
213. Manoel D’Almeida Filho	Os mistérios da princesa dos 7 palácios de metais	1957	32
214. Manoel D’Almeida Filho	O príncipe enterrado vivo e a rainha justiceira	1980	32
215. Manoel D’Almeida Filho	Quando a coragem triunfa	1992	32
216. Manoel D’Almeida Filho	Rufino, o rei do barulho	1966	32
217. Manoel D’Almeida Filho	O mofino que virou valente	1989	32
218. Manoel D’Almeida Filho	O pistoleiro invencível	1973	32
219. Manoel D’Almeida Filho	Nequinho e Jandira	1957	32
220. Manoel D’Almeida Filho	O comprador de barulho	1976	32
221. Manoel D’Almeida Filho	Peleja de Rodolfo Cavalcanti com Manoel D’Almeida Filho	1979	32
222. Manoel D’Almeida Filho	O grande combate de Neve Branca com João Cabeleira	1998	32
223. Manoel D’Almeida Filho	O vaqueiro do barulho	1994	32
224. Manoel D’Almeida Filho	Encontro de Tancredo com	1987	32

	Getúlio Vargas no céu		
225. Manoel D’Almeida Filho	O presidente Tancredo-esperança que não morre	1985	32
226. Manoel Monteiro da Silva	Uma tragédia de amor ou a louca dos caminhos	s/d	32
227. Manuel Pereira Sobrinho (falecido-1996)	História de Rosa de Milão	s/d	32
228. Manuel Pereira Sobrinho	Helena, a virgem dos sonhos	1977	32
229. Manuel Pereira Sobrinho	Rosinha e Sebastião	1975	32
230. Manuel Pereira Sobrinho	A escrava do destino	1980	32
231. Manuel Pereira Sobrinho	O príncipe do barro branco e a princesa do vai- não-torna	s/d	32
232. Manuel Pereira Sobrinho	Dimas e Madalena nos labirintos da sorte	1976	32
233. Manuel Pereira Sobrinho	Tiradentes, o mártir da independência	1958	32
234. Manuel Pereira Sobrinho	A princesa do reino da Pedra Fina	1957	32
235. Marco Haurélio	História de Belisfronte, o filho de pescador	2010	32
236. Marco Haurélio	Presepadas de Chicó e astúcias de João Grilo	2008	32
237. Marco Haurélio	Os três conselhos sagrados	s/d	32
238. Marco Haurélio	O herói da montanha negra	1987	32
239. Marco Haurélio	Florentino e Mariquinha no tribunal do destino	2012	32
240. Marco Haurélio e João Gomes de Sá	O Cordel, sua história, seus valores	2011	32
241. Maria Ilza Bezerra	Romeu e Julieta	2001	32
242. Minelvino Francisco da Silva (falecido-1998)	História do vaqueiro Damião	1980	32

243. Minelvino Silva	Francisco da	João Valente e a montanha maldita	1998	32
244. Minelvino Silva	Francisco da	O Martin Tomba Serra e o gigante do deserto	1987	32
245. Minelvino Silva	Francisco da	Gigante quebra-osso e o castelo mal-assombrado	1959	32
246. Minelvino Silva	Francisco da	O touro preto que engoliu um fazendeiro	1959	32
247. Minelvino Silva	Francisco da	A segunda vida de Cancão de fogo	1959	32
248. Minelvino Silva	Francisco da	Encontro de Cancão de Fogo com Pedro Malazarte	1957	32
249. Minelvino Silva	Francisco da	A vaca misteriosa	1980	32
250. Minelvino Silva	Francisco da	O cangaceiro do Nordeste	s/d	32
251. Minelvino Silva	Francisco da	Guerra de Canudos	1980	32
252. Minelvino Silva	Francisco da	História do bicho de sete cabeças	1960	32
253. Minelvino Silva	Francisco da	História do valente João Acaba-Mundo e a serpente negra	1959	32
254. Moreira de Acopiara		Rosinha e Alemão	2010	32
255. Moreira de Acopiara		Roberto do Diabo	2010	32
256. Moreira de Acopiara		Lampião e Padre Cícero num debate inteligente	2004	32
257. Moreira de Acopiara		O grande debate de Sebastião Marinho com Lusivan Matias	2007	32
258. Moreira de Acopiara e Jonas Bezerra		De Virgulino a Lampião	2012	32
259. Nando Poeta		Assédio moral é crime	2009	16
260. Nando Poeta		A arte de lutar	2010	32

261. Nando Poeta (org.) Obra coletiva da Caravana do Cordel	História das copas do mundo em cordel	2010	32
262. Natanael de Lima	O Ferreiro das três idades	1980	32
263. Natanael de Lima	O romance de João sem direção	1977	32
264. Natanael de Lima	O escravo fiel	s/d	32
265. Paulo Henrique Ferreira	Gandhi: um homem chamado Mahatma	2011	16
266. Paulo Nunes Batista	O negrinho do pastoreio	2008	32
267. Paulo Nunes Batista	Zé Bico Doce o rei da malandragem	1998	32
268. Pedro Armando dos Santos	A coragem de Juquinha pelo amor de Ivonete	1977	32
269. Pedro Monteiro	O triunfo do poeta no reino do Cafundó	2011	32
270. Pedro Monteiro	Chicó, o menino das cem mentiras	2009	16
271. Pedro Rouxinol (falecido)	Rei orgulhoso na hora da refeição	2001	32
272. Rafael Neto	Mãe voltou depois de morta...	2011	16
273. Rodolfo Coelho Cavalcanti (falecido-1987)	A Chegada de Lampião no Céu	1959	32
274. Rodolfo Coelho Cavalcanti	ABC dos namorados, do amor, do beijo, da dança	1946	32
275. Rodolfo Coelho Cavalcanti	História do príncipe formoso	1954	32
276. Rodolfo Coelho Cavalcanti	O encontro de Cancão de Fogo com José do Telhado	1959	32
277. Rouxinol do Rinaré	O matador de dragões-bravura, amor e magia	2011	32
278. Rouxinol do Rinaré	A história de um filho errante e as preces de uma	2009	32

	mãe		
279. Sátiro Xavier Brandão (falecido)	A triste sorte de Jovelina	1998	32
280. Severino Borges (falecido-1991)	O romance da princesa do reino do mar sem fim	1979	32
281. Severino Borges	O verdadeiro romance do herói João de Calais	1998	32
282. Severino Borges	Amor de mãe	1998	32
283. Severino Borges	A princesa Anabela e o filho do lenhador	1980	32
284. Severino Borges	O cavaleiro das flores	1998	32
285. Severino Borges	Peleja de Severino Borges com Patativa do Norte	s/d	32
286. Severino Gonçalves de Oliveira (falecido-1953)	Cidão e Helena	1998	32
287. Severino Gonçalves de Oliveira	As perguntas do rei e as respostas de Camões	1990	32
288. Severino Gonçalves de Oliveira	A vitória do príncipe Roldão no reino do pensamento	1993	32
289. Severino Milanês da Silva	História do valentão do mundo	1991	32
290. Silvino Pirauá de Lima	O capitão do navio	1998	32
291. Valeriano Felix dos Santos	A mulher que se casou dezoito vezes	1998	32
292. Valdenor Marques Souza	O homem das três patacas	2011	32
293. Vanderley Carvalho	A história de Tereza	2011	32
294. Vanderley Carvalho	A guerrilha do Araguaia	2012	32
295. Varneci Nascimento	A mãe abandonada	2012	32
296. Varneci Nascimento	A história de Joãozinho	2012	16
297. Varneci Nascimento	Dez mandamentos do preguiçoso	2012	16

298. Varnei Nascimento	Mulher enalhada	2011	16
299. Varnei Nascimento	O amigo e o suicídio	2011	16
300. Varnei Nascimento e Josué Gonçalves de Araújo	O jovem encarcerado e o cordel encantado	2010	32
301. Varnei Nascimento	O martírio de uma mãe pelo filho drogado	2011	32
302. Varnei Nascimento	O massacre de Canudos	2006	32
303. Varnei Nascimento	Pergunta idiota, tolerância zero	2011	16
304. Varnei Nascimento	Qual o seu tipo de chefe?	2011	16
305. Varnei Nascimento	Simeão e Madalena entre o sangue e o desejo	2011	32
306. Varnei Nascimento	Visita de Lampião a Padre Cícero no céu	2010	32
307. Varnei Nascimento	12 Conselhos para um infarto feliz	2011	16
308. Vicente Benson	Frei Damião vida e saudades	s/d	32
309. Zé Antônio	O bandido cabeleira, o amor de Luisinha	s/d	32
310. Zé Barbosa	As bravuras de Roldão e a mala do defunto	2010	32
311. Zeca Pereira	A confissão de um drogado	s/d	32

Apêndice B- Relação dos títulos dos autores contemporâneos da Editora Luzeiro (1974-2012)

Autor	Título	Ano de publicação	Número de páginas
1. André Pêsego	As filhas gêmeas do boto	2010	16
2. Antônio Barreto	O caipira e a delegada	2010	16
3. Aldy Carvalho	A ganância de um preguiçoso	2011	32

4. Antônio Américo de Medeiros	Lampião e sua história contada em cordel	2005	32
5. Antônio Américo de Medeiros	A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte	2009	32
6. Arievaldo Viana	O castigo da inveja ou o filho do pescador	2012	32
7. Arievaldo Viana	O príncipe Natan e o cavaleiro mandingueiro	2006	32
8. Arievaldo Viana	As proezas de Broca da Silveira	2009	32
9. Augusto Laurindo Alves	Tubiba, o desordeiro	1976	32
10. Carlos Alberto Fernandes da Silva	Mandela, o homem, o herói, o mito	2010	32
11. Carlos Alberto Fernandes da Silva	A conversão de Zaqueu	2010	16
12. Carlos Alberto Fernandes da Silva	Filipe, o diácono evangelista	2009	16
13. Cícero Pedro de Assis	Viagens de Gulliver	2012	32
14. Cícero Pedro de Assis	Aventuras de Simbá, o marujo	2012	32
15. Cícero Pedro de Assis	As aventuras de Robinson Crusoe	s/d	32
16. Costa Senna	Lampião e seu escudo invisível	2009	32
17. Enéias Tavares dos Santos	A verdadeira história de Chico Xavier	1974	32
18. Enéias Tavares dos Santos	O amor de Maristela e a luta de um boiadeiro	1975	32
19. Enéias Tavares dos Santos	A briga de dois matutos por causa de um jumento	1980	32
20. Enéias Tavares dos Santos	A vingança de uma fada e um anão misterioso	1998	32
21. Enéias Tavares dos Santos	A morte, o enterro e o testamento de João Grilo	1998	32
22. Enéias Tavares dos Santos	A recompensa do diabo ou o castigo da falsidade	s/d	32

23. Expedito Ferreira da Silva	O filho de Juvenal e a serpente de fogo	1998	32
24. Fátima Filon	O silicone	2012	16
25. Franklin Maxado Nordestino	GracinhaCorneteira, a malazarte de minissaia	2011	32
26. Gerino Batista de Almeida	O encontro de Cancão de Fogo com Vicente, o rei dos ladrões	1991	32
27. Gerson Lopes de Araújo	Relatos de um quilombola	2012	32
28. Godofredo Solon	A incrível história de Hércules e seus 12 trabalhos	2012	32
29. Inácio Carioca	João Cambadinho e princesa do reino de Mira Mar	1990	32
30. J.Barros	Lampião e Maria Bonita no paraíso	1980	32
31. João Damasceno Nobre	O quengo de Pedro Malazarte	1998	32
32. João Firmino Cabral	O encontro de Lampião com o coronel Pinga-Fogo	2006	32
33. João Firmino Cabral	A coragem de um vaqueiro em defesa do amor	1998	32
34. João Firmino Cabral	Os heróis do destino e o monstro da mata escura	s/d	32
35. João Firmino Cabral	A vingança de um inocente	1989	32
36. João Firmino Cabral	Amor e martírio de uma escrava	1977	32
37. João Firmino Cabral	História, vida e morte de Luiz Gonzaga	1989	32
38. João Firmino Cabral	A revolta de um escravo	2011	32
39. João Gomes de Sá	A briga de Zé Valente com Leide Catapora	2007	32
40. João Gomes de Sá	A luta de um cavaleiro contra um bruxo feiticeiro	1995	32
41. João Lucas Evangelista	As aventuras de João Desmantelado	1998	32

42. João Lucas Evangelista	O menino das abelhas e a formiga encantada	1998	32
43. João Severino de Lima	O pai que forçou a filha sexta feira da paixão	1987	32
44. José Costa Leite	Peleja de Zé Pretinho com Manoel Riachão	1998	32
45. José do Norte	A história do bandido da luz vermelha	s/d	32
46. José Francisco dos Santos	Chicuca, o professor dos ladrões	1989	32
47. José Heitor Fonseca	A história de Chico Pica-Fumo	2010	32
48. José João dos Santos (Mestre Azulão)	A vitória de Renato e o amor de Mariana	s/d	32
49. Josué Gonçalves de Araújo	O coronel avarento ou o homem que a terra recusou	2009	32
50. Luiz Alves da Silva	Satanás se confessando em uma santa missão	s/d	32
51. Luiz Gonzaga de Lima	A chegada de Lampião no purgatório	s/d	32
52. Manoel Monteiro da Silva	Uma tragédia de amor ou a louca dos caminhos	s/d	32
53. Marco Haurélio	História de Belisfronte, o filho de pescador	2010	32
54. Marco Haurélio	Presepadas de Chicó e astúcias de João Grilo	2008	32
55. Marco Haurélio	O herói da montanha negra	1987	32
56. Marco Haurélio	Florentino e Mariquinha no tribunal do destino	2012	32
57. Maria Ilza Bezerra	Romeu e Julieta	2001	32
58. Moreira de Acopiara	Rosinha e Alemão	2010	32
59. Moreira de Acopiara	Roberto do Diabo	2010	32
60. Moreira de Acopiara	Lampião e Padre Cícero num debate inteligente	2004	32

61. Moreira de Acopiara	O grande debate de Sebastião Marinho com Lusivan Matias	2007	32
62. Paulo Henrique Ferreira	Gandhi: um homem chamado Mahatma	2011	16
63. Paulo Nunes Batista	O negrinho do pastoreio	2008	32
64. Paulo Nunes Batista	Zé Bico Doce, o rei da malandragem	1998	32
65. Pedro Monteiro	O triunfo do poeta no reino do cafundó	1977	32
66. Pedro Monteiro	Chicó, o menino das cem mentiras	2009	32
67. Rafael Neto	Mãe voltou depois de morta	2011	16
68. Rouxinol do Rinaré	A história de um filho errante e as preces de uma mãe	2009	32
69. Rouxinol do Rinaré	O matador de dragões, bravura, amor e magia	2011	32
70. Severino Milanês da Silva	História do valentão do mundo	1991	32
71. Valeriano Felix dos Santos	A mulher que se casou dezoito vezes	1998	32
72. Valdenor Marques Souza	O homem das três patacas	2011	32
73. Vanderley Carvalho	A história de Tereza	2011	32
74. Varneck Nascimento	A mãe abandonada	2012	16
75. Varneck Nascimento	Mulher encalhada	2012	16
76. Varneck Nascimento	Dez mandamentos do preguiçoso	2012	16
77. Varneck Nascimento	A história de Joãozinho	2011	16
78. Varneck Nascimento	O amigo e o suicídio	2011	16
79. Varneck Nascimento	O jovem encarcerado e o cordel encantado	2010	32
80. Varneck Nascimento	O martírio de uma mãe pelo filho drogado	2011	32

81. Varneci Nascimento	Simeão e Madalena entre o sangue e o desejo	2011	32
82. Varneci Nascimento	Visita de Lampião a Padre Cícero no céu	2010	32
83. Vicente Benson	Frei Damião, vida e saudades	s/d	32
84. Zé Antônio	O bandido cabeleira, o amor de Luisinha	s/d	32
85. Zé Barbosa	As bravuras de roldão e a mala do defunto	2010	32
86. Zeca Pereira	A confissão de um drogado	s/d	32

Fonte: Biblioteca Nacional, Fundação Casa de Rui Barbosa, Catálogo *online* da Editora Luzeiro.

s/d= sem data.

Apêndice C- Codificação dos folhetos

Número	Título/autor	Número de histórias	Número de páginas	Sexo do autor	Ano de publicação
1	Presepadas de Chicó e astúcias de João Grilo- Marco Haurélio	1	32	Masculino	2008
2	Roberto do Diabo- Moreira de Acopiara	1	32	Masculino	2010
3	O negrinho do pastoreio- Paulo Nunes Batista	1	32	Masculino	2008
4	As bravuras de Roldão e a mala do defunto- Zé Barbosa	1	32	Masculino	2010
5	A briga de Zé com a Leide Catapora- João Gomes de Sá	2	32	Masculino	2008
6	A ganância de um preguiçoso- Aldy Carvalho	1	32	Masculino	2011
7	Gracinha Corneira, a Malazartes de minissaia- Franklin Maxado Nordestino	1	32	Masculino	2011
8	O castigo da inveja ou o filho do pescador- Arievaldo Viana	1	32	Masculino	2011

9	A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte- Antônio Américo de Medeiros	1	32	Masculino	2009
10	A incrível história de Hércules e seus 12 trabalhos- Godofrêdo Solon	1	32	Masculino	2012
11	O matador de dragões- Bravura, amor e magia- Rouxinol do Rinaré	1	32	Masculino	2011
12	O silicone- Fátima Fílon	1	16	Feminino	2012
13	Relatos de um quilombola- Gerson Lopes de Araújo	1	32	Masculino	2012
14	Mandela, o homem, o herói, o mito- Carlos Alberto Fernandes da Silva	1	32	Masculino	2010
15	Romeu e Julieta- Maria Ilza Bezerra	1	32	Feminino	2001
16	O caipira e a delegada- Antônio Barreto	1	16	Masculino	2010
17	Gandhi: um homem chamado Mahatma- Paulo Henrique Ferreira	1	16	Masculino	2011
18	O encontro de Lampião com o coronel Pinga-Fogo- João Firmino Cabral	1	16	Masculino	2006
19	As filhas gêmeas do boto cor-de-rosa- André Pêssego	1	16	Masculino	2010
20	Mãe voltou depois de morta... Rafael Neto	1	16	Masculino	2011
21	Chicó o menino das cem mentiras- Pedro Monteiro	1	16	Masculino	2009
22	Viagens de Gulliver- Cícero Pedro de Assis	1	32	Masculino	2012
23	Mulher encalhada- Varnecki Nascimento	1	16	Masculino	2011
24	A história de Tereza-	1	16	Masculino	2011

	Vanderley Carvalho				
25	O coronel avarento ou o homem que a terra recusou- Josué Gonçalves de Araújo	1	32	Masculino	2009
26	A história de Chico Pica- Fumo- José Heitor Fonseca	3	32	Masculino	2010
27	O homem das três patacas- Valdenor Marques Souza	2	32	Masculino	2011
28	Lampião e seu escudo invisível- Costa Senna	2	32	Masculino	2009

Fonte: Banco de dados da pesquisa.

Apêndice D - Relação dos profissionais na confecção dos folhetos de acordo com o sexo

Número do folheto	Autor	Diagramador	Ilustrador	Capista	Coordenador editorial	Revisor	Selecionador de textos	Conselho editorial	Classificador	Diretor geral
1	M	SI	SI	M	M	M	SI	M	SI	M
2	M	SI	SI	M	M	SI	M	M	SI	M
3	M	SI	M	M	SI	M	SI	SI	M	M
4	M	SI	SI	M	M	M	M	M	SI	M
5	M	SI	SI	SI	SI	M	SI	SI	M	M
6	M	M	M	M	M	M	M	M	SI	M
7	M	SI	SI	M	M	M	M	M	SI	M
8	M	M	M	M	M	M	SI	M	SI	M
9	M	SI	SI	M	SI	M	SI	SI	M	M
10	M	SI	SI	M	M	M	SI	M	SI	M
11	M	SI	SI	M	M	M	M	M	SI	M
12	F	SI	SI	M	M	M	SI	M	SI	M
13	M	SI	SI	M	M	M	SI	M	SI	M
14	M	SI	SI	M	M	M	M	M	SI	M

15	F	M	SI	M	SI	M	SI	M	SI	M
16	M	SI	SI	M	M	SI	M	M	SI	M
17	M	SI	SI	M	M	SI	M	M	SI	M
18	M	SI	SI	SI	SI	M	SI	SI	M	M
19	M	SI	SI	M	M	M	M	SI	SI	M
20	M	SI	SI	M	M	SI	M	M	SI	M
21	M	M	M	M	SI	M	SI	SI	M	M
22	M	SI	SI	M	M	M	SI	M	SI	M
23	M	M	SI	M	M	M	SI	M	SI	M
24	M	SI	SI	M	M	SI	M	M	SI	M
25	M	M	SI	M	SI	M	SI	SI	M	M
26	M	SI	SI	M	M	M	M	M	SI	M
27	M	SI	SI	M	M	M	M	M	SI	M
28	M	M	SI	M	SI	M	SI	SI	M	M
Total=N	26 M	8-M	4-M	26-M	20-M	22-M	13-M	21-M	7-M	28-M
	2F	20-SI	24-SI	2-SI	8-SI	6-SI	15-SI	7-SI	21-SI	
	28	28	28	28	28	28	28	28	28	28

Legenda: M- masculino

F- feminino

SI- sem identificação

Apêndice E- Dados dos autores (n= 28)

Número do autor	Ocupação	Área	Escolaridade	Naturalidade	Ano de nascimento	Currículo literário
1	Pesquisador da cultura popular/ revisor de textos de cordel	Relacionada a literatura de cordel	Letras	Bahia	1974	O autor publica folhetos, antologias e livros infantis
2	Escritor/ músico	Relacionada ao campo	Não informado	Ceará	1961	O autor publica folhetos e escreve

		artístico				livros sobre cultura popular
3	Escritor	Relacionada ao campo artístico	Direito/ Jornalismo	Paraíba	1924	O autor publica somente folhetos
4	Poeta Repentista/ escritor	Relacionada a literatura de cordel	Não informado	Ceará	Não informado	O autor publica somente folhetos
5	Professor/ escritor	Relacionada ao campo acadêmico	Letras	Alagoas	Não informado	O autor publica folhetos e livros infantis e infanto-juvenis
6	Músico	Relacionada ao campo artístico	Pós- graduação em Língua Portuguesa (produção e compreensão de texto)	Pernambuco	1960	Esta é a primeira publicação individual do autor na arte do cordel
7	Palestrante/ escritor/ pesquisador e xilógrafo	Relacionada ao campo artístico e a literatura de cordel	Jornalismo	Bahia	Não informado	O autor publica folhetos e livros sobre a cultura popular
8	Poeta popular/ radialista/ ilustrador e publicitário	Relacionada a literatura de cordel e outras áreas	Não informado	Ceará	1967	O autor publica folhetos e livros
9	Poeta de bancada	Relacionada a literatura de cordel	Não informado	Rio Grande do Norte	1930	O autor publica somente folhetos
10	Agente de responsabilidade social/ agente ambiental	Relacionada a outras áreas	Pedagogia/ Letras (em andamento)	Ceará	1980	O autor publica sonetos, versos livres e folhetos
11	Poeta popular/revisor	Relacionada a literatura de cordel	Não informado	Ceará	1966	O autor publica folhetos e livros
12	Professora/ poetisa popular	Relacionada a literatura de cordel e ao campo	Letras	São Paulo	1954	A autora publica folhetos e sonetos

		acadêmico				
13	Músico	Relacionada ao campo artístico	Não informado	Bahia	1963	Esse é o primeiro título publicado pelo autor
14	Escritor	Relacionada ao campo artístico	Direito/ Teologia	Paraíba	1951	O autor publica somente folhetos
15	Contadora de histórias	Relacionada a outras áreas	Letras e especialização em Literatura Brasileira, Ensino, Comunicação e Cultura	Piauí	1959	A autora publica poemas, folhetos e livros. Esse é o seu primeiro trabalho publicado pela Luzeiro
16	Professor/ poeta popular	Relacionada a literatura de cordel e ao campo acadêmico	Pós-graduação em Psicopedagogia e Literatura Brasileira	Bahia	1955	O autor publica somente folhetos
17	Não informado	Não informado	Formação em História	Paraíba	1980	Esse é o primeiro folheto publicado pelo autor.
18	Poeta popular	Relacionado a literatura de cordel	Não informado	Sergipe	1940	O autor publica somente folhetos
19	Escritor/pesquisador da cultura popular	Relacionada a literatura de cordel e ao campo artístico	Não informado	Piauí	1945	Esse é o primeiro folheto publicado pelo autor.
20	Poeta repentista	Relacionada a literatura de cordel	Não informado	Sergipe	1991	Esse é o primeiro folheto publicado pelo autor em parceria com a Luzeiro
21	Poeta/ator	Relacionada ao campo artístico	Não informado	Piauí	1956	O folheto não possui informações sobre as obras literárias publicadas pelo autor

22	Jornalista/compositor e escritor	Relacionada ao campo artístico e a outras áreas	Colegial	Pernambuco	1954	O autor publica folheto, antologias e escreve em jornais paulistanos.
23	Selecionador de textos	Relacionada a literatura de cordel	Formação em História	Bahia	1978	O autor publica somente folhetos, com mais de 60 títulos publicados.
24	Músico e professor	Relacionada ao campo artístico e ao campo acadêmico	Não informado	Tocantins	1978	O autor publica folhetos, sonetos e livros com temática teológica
25	Administrador	Relacionada a outras ocupações	Ensino Médio completo. Abandonou o curso de Administração de Empresas no terceiro ano	São Paulo	1950	Esse é o primeiro folheto publicado pelo autor
26	Editor/ escritor	Relacionada ao campo artístico e a literatura de cordel	Não informado	Rio Grande do Sul	1964	O autor publica folhetos, livros e antologias sobre a literatura de cordel
27	Poeta/ músico	Relacionada ao campo artístico	Não informado	Bahia	1954	Esse é primeiro folheto publicado pelo autor
28	Cantor/ ator/ escritor e poeta	Relacionada ao campo artístico	Não informado	Ceará	-	O autor publica folhetos e livros voltados a cultura e literatura de cordel

Apêndice F- Ano de publicação dos folhetos

Ano de publicação	Quantidade	Período	%
2001	1	Até 2006	7,2
2002	NI		
2003	NI		
2004	NI		
2005	NI		
2006	1		
Subtotal	2		
2007	NI	2007 a 2009	25
2008	3		
2009	4		
Subtotal	7		
2010	6	2010 a 2012	67,8
2011	9		
2012	4		
Subtotal	19		
Total geral	28		

NI= não informado

Apêndice G – Manuais de análise

Manuais de análise 1- Contexto de produção dos folhetos

I. Informações sobre capas e título- atributos selecionados para codificação da unidade folheto

- 1 Número do folheto - código utilizado para se referir aos títulos de folhetos ordenados por números entre 1 e 28
- 2 Ano de publicação - a codificação da data de publicação adota a forma ano de acordo com as informações colhidas nos folhetos
 - Até 2006
 - 2007 a 2009

2010 a 2012

- 3 Número de páginas- determinadas de acordo com a extensão das unidades analisadas podendo ser de dois tipos
 - 16 páginas
 - 32 páginas
- 4 Número de histórias- histórias encontradas dentro dos folhetos
 - 1 história
 - 2 histórias
 - 3 histórias
- 5 Ocupação/profissão do autor- definição da área na qual o autor responsável pelo folheto atua- a listar as ocupações específicas
 - 5.1 ocupação relacionada ao cordel- revisor, poeta, editor, selecionador de textos
 - 5.2 ocupação acadêmicas- professor, pesquisador, estudioso
 - 5.3 ocupações artísticas- escritor, músico, ator, compositor
 - 5.4 outras ocupações- radialista, administrador
- 6 Escolaridade do autor- nível de instrução dos autores informado nos folhetos
 - 6.1 até ensino médio
 - 6.2 até ensino superior
 - 6.3 pós-graduação
 - 6.4 não informado
- 7 Sexo do autor
 - 7.1 masculino
 - 7.2 feminino
 - 7.3 não informado
- 8 Naturalidade do autor- estados de origem dos autores informados nos folhetos
 - 8.1 Alagoas
 - 8.2 Bahia
 - 8.3 Ceará
 - 8.4 Paraíba
 - 8.5 Pernambuco
 - 8.6 Piauí
 - 8.7 Rio Grande do Norte
 - 8.8 Rio Grande do Sul
 - 8.9 São Paulo
 - 8.10 Sergipe
 - 8.11 Tocantins
- 9 Ano de nascimento do autor
 - 9.1 de 1920 a 1940
 - 9.2 de 1941 a 1961
 - 9.3 de 1962 a 1991
 - 9.4 não informado
- 10 Currículo literário do autor- descrição das obras as quais os autores se dedicam
 - 10.1 folhetos
 - 10.2 folhetos e outros gêneros literários
 - 10.3 folhetos e outros textos
 - 10.4 folhetos e livros

- 11 Coordenador editorial : sexo
 - 11.1 masculino
 - 11.2 feminino
 - 11.3 não informado
- 12 Revisor: sexo
 - 12.1 masculino
 - 12.2 feminino
 - 12.3 não informado
- 13 Ilustrador: sexo
 - 13.1 masculino
 - 13.2 feminino
 - 13.3 não informado
- 14 Seleccionador de textos: sexo
 - 14.1 masculino
 - 14.2 feminino
 - 14.3 não informado
- 15 Capista: sexo
 - 15.1 masculino
 - 15.2 feminino
 - 15.3 não informado
- 16 Diagramador: sexo
 - 16.1 masculino
 - 16.2 feminino
 - 16.3 não informado
- 17 Conselho editorial: sexo
 - 17.1 masculino
 - 17.2 feminino
 - 17.3 não informado
- 18 Classificador: sexo
 - 18.1 masculino
 - 18.2 feminino
 - 18.3 não informado
- 19 Diretor geral: sexo
 - 19.1 masculino
 - 19.2 feminino
 - 19.3 não informado
- 20 Ilustração de capa- imagem(s) dispondo figuras humanas nas capas do folheto
 - 20.1 exclusivamente masculina
 - 20.2 exclusivamente feminina
 - 20.3 mista (masculino e feminino na capa)
- 21 Objetos que são portados na capa por personagens masculinos
 - 21.1 arma
 - 21.2 botija
 - 21.3 cajado
 - 21.4 caneta
 - 21.5 dinheiro

- 21.6 espelho
- 21.7 trouxa (saco, mala)
- 22 Objetos que são portados na capa por personagens femininos
 - 22.1 arma
 - 22.2 botija
 - 22.3 cajado
 - 22.4 caneta
 - 22.5 dinheiro
 - 22.6 espelho
 - 22.7 trouxa (saco, mala)
- 23 Sexo do personagem no título do folheto, quando o título do folheto contém representações [pessoas (nome, apelido), objetos (animados, inanimados, antigos)]
 - 23.1 personagens masculinas
 - 23.2 personagens femininas
 - 23.3 misto (masculinos e femininos)

Manual 2 - História

- 1 Universo
 - 1.1 urbano
 - 1.1.1 castelo
 - 1.1.2 circo
 - 1.1.3 áreas comerciais (mercado, açougue)
 - 1.1.4 misto
 - 1.2 não urbano
 - 1.2.1 fazenda
 - 1.2.2 floresta
 - 1.2.3 misto
 - 1.3 local onde as histórias se passam
 - 1.3.1 Brasil
 - 1.3.2 exterior
 - 1.3.3 região
 - 1.3.4 estado
 - 1.3.5 misto
 - 1.3.6 não informado
- 2 Época/ ano
 - 2.1 não contemporâneas
 - 2.2 contemporâneas
 - 2.3 mistas- a história se desenvolve em diferentes épocas alternando entre o passado e o contemporâneo
 - 2.4 não informado
- 3 Modalidade das histórias dos folhetos
 - 3.1 história do cotidiano
 - 3.2 religiosa
 - 3.3 sátira social
 - 3.4 história fantástica
 - 3.5 adaptação literária
 - 3.6 biografia

- 3.6.1 biografado sexo masculino
 - 3.6.2 biografado sexo feminino
 - 3.7 folclore
- 4 Violência de gênero- homem para mulher
 - 4.1 sexual
 - 4.2 física
 - 4.3 psíquica
 - 4.4 crime
- 5 Violência de gênero- mulher para homem
 - 5.1 sexual
 - 5.2 física
 - 5.3 psíquica
 - 5.4 crime
- 6 Violência explícita na história- prática de violência captada em sua primeira manifestação nas histórias
- 7 Derramamento de sangue nas histórias- presença, na história, de personagens que sofrem atos de violência que os levam a derramar sangue ou a morrer
 - 7.1 sexual
 - 7.2 física
 - 7.3 psíquica
 - 7.4 crime
- 8 Sexo dos personagens que foram mortos em cena de violência assinalada na história
 - 8.1 masculino
 - 8.2 feminino
- 9 Práticas de justiça na história- formas de justiça utilizadas pelos personagens para punir os vilões das histórias
 - 9.1 justiça moral
 - 9.2 justiça dos homens
 - 9.3 justiça institucional

Manual 3 – Personagens

- 1 Personagem protagonista: sexo
 - 1.1 masculino
 - 1.2 feminino
 - 1.3 não identificado
- 2 Idade ou etapa da vida – fase da vida em que o protagonista se encontra
 - 2.1 criança
 - 2.2 adolescente
 - 2.3 adulto
 - 2.4 não identificado
- 3 Cor/raça – etnia ou cor declarada do personagem
 - 3.1 branco
 - 3.2 preto
 - 3.3 amarelo
 - 3.3 indígena

- 3.4 pardo
- 3.4 não identificado
- 4 Atributos – qualidades ou defeitos que o personagem possui
 - 4.1 físico (forte, fraco)
 - 4.2 social (rico, pobre)
- 5 O protagonista é posto à prova- adversidades que atravessam o caminho do Protagonista
 - 5.1 inimigos
 - 5.2 animais
- 6 Personagem antagonista: sexo
 - 6.1 masculino
 - 6.2 feminino
 - 6.3 não identificado
- 7 Enfrentamento – combate entre personagens
 - 7.1 Disputas de poder entre protagonistas e antagonistas
- 8 Desbravamento – na história o protagonista sai em busca de aventuras ou de salvação
- 9 Causas da punição – atos que levam o antagonista a ser punido
 - 9.1 maldição
 - 9.2 crime
 - 9.3 adultério
 - 9.4 agressão física
- 10 Tipos de punição aplicada ao antagonista
 - 10.1 morte
 - 10.2 perda dos bens
 - 10.3 constrangimento público
 - 10.4 assombração

28	x																		
28a	x																		

Apêndice I – Planilha referente à frequência da violência dividida por tipos (contadas na 1ª cena de violência)

Número da história	Há prática de violência	Não ocorre esse tipo de violência	Tipo de violência			
			Física	Prática da violência (1ª cena)		
				Sexo agressor	Sexo agredido	Página
1	x		x	M	M	8
2	x		x	M	F	8
3	x		x	M	M	8
4	x		x	M	M	17
5	x		x	F	M	13
5a		x				
6		x				
7	x		x	F	M	12
8	x		x	F	M	11
9	x		x	M	M	10

10		x			x		M	4
11		x			x		M	3
12		x			x		F	5
13		x			x		F	10
14		x			x		M	6
15		x			x		M	16
16		x			x		M	7
17		x			x		M	12
18		x			x		M	2
19		x			x		M	13
20		x			x		F	7
21			x					
22		x			x		M	5
23			x					
24			x					
25		x			x		F	24
26		x			x		M	10
26a		x			x		M	23

26b	x		x	M	M	29
27		x				
27a	x		x	M	F	25
28	x		x	M	M	4
28a	x		x	F	M	15

Número da história	Há prática de violência	Não ocorre esse tipo de violência	Tipo de violência			
			Psíquica	Prática da violência (1ª cena)		
				Sexo agressor	Sexo agredido	Página
1	x		x	M	M	4
2	x		x	M	M	9
3	x		x	M	M	4
4	x		x	M	M	10
5		x				
5a		x				
6	x		x	M	M	9
7	x		x	F	M	5

8		x			x		F	M	6
9		x			x		M	M	12
10		x			x		F	M	4
11		x			x		M	M	19
12		x			x		F	F	5
13		x			x		M	M	11
14		x			x		M	M	6
15		x			x		M	M	7
16		x			x		M	M	6
17		x			x		M	M	5
18		x			x		M	M	4
19		x			x		M	F	13
20		x			x		M	M	5
21		x			x		M	M	6
22		x			x		M	M	5
23		x			x		M	F	3
24		x			x		F	M	6
25		x			x		M	M	9

26	x		x	M	F	4
26a		x				
26b	x		x	M	M	29
27	x		x	F	M	7
27a	x		x	M	F	25
28	x		x	M	M	11
28a	x		x	M	M	16

Número da história	Há prática de violência	Não ocorre esse tipo de violência	Tipo de violência			
			Sexual	Prática da violência (1ª cena)		Página
				Sexo agressor	Sexo agredido	
1		x				
2		x				
3		x				
4		x				
5		x				
5a		x				

6			x				
7			x				
8			x				
9		x		x	M	F	14
10			x				
11			x				
12			x				
13		x		x	M	F	10
14		x		x	M	F	8
15			x				
16			x				
17			x				
18		x		x	M	F	5
19			x				
20			x				
21			x				
22			x				
23			x				

24			x						
25			x						
26			x						
26a			x						
26b			x						
27			x						
27a			x						
28			x						
28a		x		x		M	F		20

Número da história	Há prática de violência	Não ocorre esse tipo de violência	Tipo de violência			
			Crime (encarceramento)	Prática da violência (1ª cena)		
				Sexo agressor	Sexo agredido	Página
1		x				
2		x				
3		x				
4		x				

5			x						
5a			x						
6			x						
7			x						
8			x						
9		x		x	M	F		14	
10			x						
11			x						
12			x						
13		x		x	M	M		10	
14		x		x	M	M		7	
15			x						
16		x		x	F	M		9	
17		x		x	M	M		12	
18		x		x	M	F		9	
19			x						
20		x		x	M	F		7	
21			x						

22		x		x	M	M	5
23			x				
24			x				
25			x				
26		x		x	M	M	20
26a			x				
26b			x				
27			x				
27a			x				
28			x				
28a			x				

Número da história	Há prática de violência	Não ocorre esse tipo de violência	Tipo de violência			
			Crime (morte)	Prática da violência (1ª cena)		Página
				Sexo agressor	Sexo agredido	
1		x				
2	x		x	M	M	12
3	x		x	M	M	21
4	x		x	M	M	17
5		x				
5a		x				
6		x				
7		x				
8		x				
9	x		x	M	M	12
10	x		x	M	F	5
11	x		x	M	M	3
12		x				
13	x		x	M	M	13
14	x		x	M	F	8

